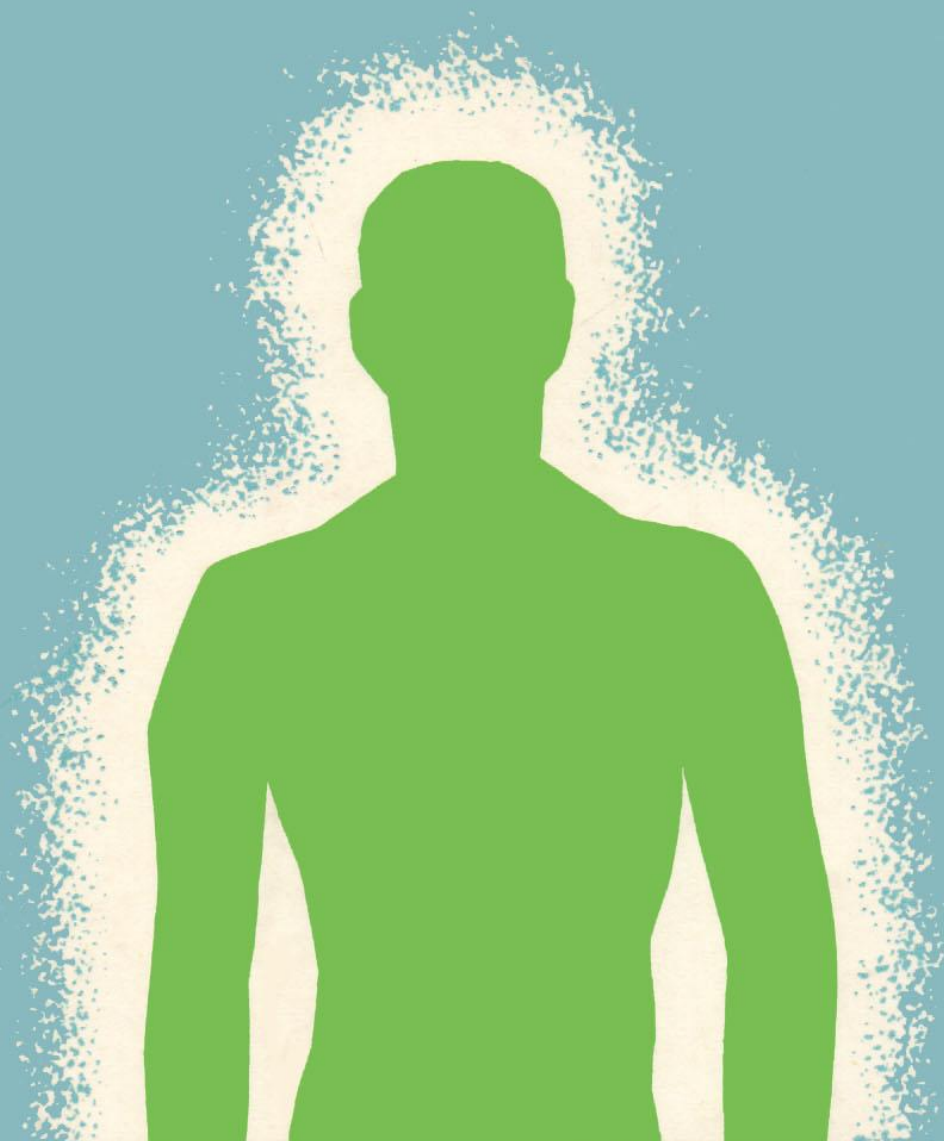


C. W. LEADBEATER



**O HOMEM VISÍVEL E  
INVISÍVEL**

UM ESTUDO DAS VARIACÕES DA AURA DOS  
DIFERENTES TIPOS DE INDIVÍDUOS

EDITORA PENSAMENTO

C. W. LEADBEATER

# O HOMEM VISÍVEL E INVÍVEL

As auras de diferentes tipos de indivíduos, segundo a  
observações de um hábil clarividente.

Ilustrado por um frontispício, três diagramas e vinte e duas  
lâminas coloridas.

Tradução de  
JOAQUIM GERVÁSIO DE FIGUEIREDO

EDITORA PENSAMENTO  
SÃO PAULO

Título do original:  
Man, Visible and Invisible

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

	Nota do Autor	04
Capítulo I	Como Podemos Conhecer o Homem	05
Capítulo II	Os Planos da Natureza	07
Capítulo III	Clarividência	11
Capítulo IV	Os Veículos do Homem	14
Capítulo V	A Trindade	17
Capítulo VI	As Emanações Primordiais Divinas	22
Capítulo VII	A Alma Animal Coletiva	25
Capítulo VIII	O Arco Ascendente	27
Capítulo IX	Os Estados de Consciência no Homem	29
Capítulo X	A Terceira Emissão Divina	32
Capítulo XI	Como Evolui o Homem	37
Capítulo XII	O Que Manifestam os Diferentes Corpos	40
Capítulo XIII	As Cores e o Seu Significado	42
Capítulo XIV	O Selvagem	46
Capítulo XV	O Homem Comum	49
Capítulo XVI	Emoções Súbitas	53
	Devoção	54
	Cólera Intensa	56
	O Medo	57
Capítulo XVII	Condições Mais Permanentes do Corpo Astral	59
	O Irascível	61
	O Avarento	62
	Abatimento Profundo	63
	O Devoto	64
	O Cientista	66
Capítulo XVIII	O Homem Evoluído	68
	O Corpo Mental do Homem Evoluído	69
	O Corpo Astral	71
Capítulo XIX	A Aura da Saúde	75
Capítulo XX	O Corpo Causal do Adepto	78

## ÍNDICE DAS LÂMINAS COLORIDAS

	Páginas
I. O Significado das Cores: Frontispício	42
II. Os Planos da Natureza	10
III. As três Emanações Divinas	19
IV. Involução e Evolução	23
V. O Corpo Causal do Selvagem	35, 68 e 73
VI. O Corpo Mental do Selvagem	40 e 70
VII. O Corpo Astral do Selvagem	36, 40, 47 e 72
VIII. O Corpo Causal do Homem Comum	49, 68 e 73
IX. O Corpo Mental do Homem Comum	50, 70 e 73
X. O Corpo Astral do Homem Comum	36, 47, 51, 60 e 72
XI. Um Impulso Súbito de Amor	53
XII. Um Impulso Súbito de Devoção	55
XIII. Um Acesso de Cólera	56
XIV. Um Acesso de Medo	58
XV. O Homem Enamorado	60
XVI. O Homem Irascível	61
XVII. O Avaro	62
XVIII. Abatimento Profundo	63
XIX. O Devoto	65
XX. O Cientista	66
XXI. O Corpo Causal do Homem Evoluído	68, 70 e 73
XXII. O Corpo Mental do Homem Evoluído	70 e 73
XXIII. O Corpo Astral do Homem Evoluído	36, 70, 71 e 72
XXIV. A Aura de Saúde Normal	75
XXV. A Aura de Um Enfermo	75
XXVI. O Corpo Causal de Um Adepto	79

## NOTA DO AUTOR

O Autor deseja prestar seus mui sinceros agradecimentos aos dois amigos teósofos que elaboraram as lâminas desta obra: o Conde Maurício Prozor que as desenhou e pintou do natural, e a St<sup>a</sup>. Gertrudes Spink, que dedicou muitos dias a copiá-las pacientemente por um processo especial, a fim de reproduzi-las fielmente em fotografuras.

## CAPÍTULO I

### COMO PODEMOS CONHECER O HOMEM

O homem é um ser sumamente complexo. Sua evolução passada, presente e futura constitui um estudo de interesse inesgotável para todo aquele que saiba ver e compreender. Por quantas eternidades laboriosas de desenvolvimento gradual passou ele antes de alcançar o seu nível atual? Que degrau ocupa ele agora na longa escada, símbolo de seu progresso? Que novas possibilidades de adiantamento lhe oculta ainda o véu do futuro? Estas perguntas são de tal natureza, que poucos são os que podem permanecer indiferentes ante elas. E no decurso das idades têm elas avassalado todos os homens, por pouco pensadores que sejam.

Numerosas e variadas respostas lhes têm sido dadas pelo nosso mundo ocidental. Têm-se feito muitas dissertações dogmáticas, baseadas em diferentes interpretações da suposta revelação. Têm-se formulado numerosas e engenhosas especulações, fruto, em alguns casos, de um estreito raciocínio metafísico. Todavia, o dogmatismo expõe postulados em realidade impossíveis; ao passo que a especulação segue quase sempre uma linha inteiramente materialista, conquanto se esforçando por conseguir um resultado satisfatório, e por isso considera nulos e apócrifos muitos dos fenômenos que teremos de abordar. Em suma, nem o dogmatismo nem a especulação encaram o problema sob um ponto de vista prático, tão suscetível de estudo e análise quanto outra ciência qualquer.

A Teosofia preconiza uma teoria baseada em ideias completamente diferentes. Sem deixar de reconhecer o valor dos conhecimentos que importa adquirir pelo estudo das Escrituras antigas ou pelo raciocínio filosófico, ela considera a constituição e evolução do homem com base na investigação e não na especulação, e apoia-se em fatos positivos e não em vagas teorias. Suas declarações são perfeitamente precisas.

Todo aquele que queira preparar-se para este estudo, pode examinar diretamente o passado, o presente e o futuro do homem. Observando o destino do homem sob este ponto de vista, a Teosofia aparece como componente de um vasto, magnífico, coerente e claramente compreensível plano, concorde com os antigos ensinamentos religiosos, os quais ela explica sem ficar de modo algum sob a sua dependência. Pode-se comprovar este plano em todas as suas partes mediante o emprego de faculdades internas, as quais, embora ainda latentes na maioria dos homens, já têm sido utilizadas por considerável número de nossos estudantes.

No concernente à história do passado do homem, a teoria teosófica não só se apoia no concordante testemunho da tradição das religiões primitivas, como também em anais precisos, que podem ser consultados por todos os que possuam o necessário grau de clarividência para perceber as vibrações da sutilíssima matéria onde se acham impressas.

Quanto ao futuro de nossa Humanidade, os conhecimentos reunidos por esta teoria procedem: 1º - de lógicas deduções inferidas do caráter particular dos

progressos já realizados; 2º - de informações diretas prestadas por homens dotados de determinadas qualidades, que para a maioria de nós só estarão ativadas num futuro mais ou menos remoto; 3º - da comparação entre os homens de grande avanço evolutivo e os que têm o privilégio de se relacionar com eles. Facilmente concebemos que, mesmo sem conhecer as leis da natureza, um menino pode perceber que crescerá e se tornará homem, pelo só fato de que já cresceu em certa medida, e de ver ao seu redor outros meninos e jovens em diferentes graus de crescimento, que o separam do estado adulto.

O estudo da condição atual do homem, dos métodos imediatamente aplicáveis para favorecer a sua evolução, e dos efeitos produzidos nesta evolução pelos seus pensamentos, emoções e ações, representam para o estudante de Teosofia um campo de investigação que convém relacionar com o princípio capital das leis já conhecidas, e proceder em seguida à observação cuidadosa e à comparação atenta de numerosos casos particulares, a fim de compreender pormenorizadamente a atuação dessas leis. Com efeito, este estudo é uma simples questão de vidência, e publica-se este livro com a esperança de ajudar o estudante, ainda não dotado dessa faculdade, a compreender como é que a alma e seus veículos aparecem à visão clarividente e, por outro lado, auxiliar grande número de pessoas a exercitar tal faculdade com mais ou menos perfeição, a fim de compreenderem o significado do que veem.

Sei muito bem quão longe está ainda a generalidade das pessoas de crer na faculdade da clarividência; mas também sei que todos os que estudaram detidamente esta questão, depararam com provas incontrovertíveis a seu favor. Podemos permitir-nos ter por nulas as convicções positivas geralmente expressas com tanta veemência por aqueles que não a têm estudado? Creio que toda pessoa inteligente que se dê ao trabalho de ler os relatos de inegável autenticidade insertos em minha obra Clarividência, e de consultar as obras donde foram extraídos, descobrirá imediatamente uma soma considerável de testemunhos em prol da realidade da clarividência. Aos que a possuem e diariamente a praticam de cem maneiras diferentes, lhes parecerão ridícula as negações da ignorante maioria que discute tal possibilidade, pois para o clarividente não há motivos para discussão. Se um cego assegurar-se que não existe a vista física comum e que nos alucinaremos crendo possuímos essa faculdade, provavelmente pensaríamos que não vale a pena discutir longa e extensamente em defesa de nossa suposta alucinação, mas diríamos: "Eu veio, sem dúvida alguma; portanto, é inútil tratar de me convencer de que não vejo, pois a experiência diária me demonstra o contrário. Assim, recuso toda discussão dos primitivos fatos cujo definido conhecimento possuo." Deste modo pensa o clarividente esperto, quando os ignorantes declaram com toda a seriedade como sendo imaginária e impossível a clarividência, da qual é necessário valer-se naquele mesmo instante para ler os pensamentos dos presunçosos sábios que a discutem.

Neste livro não tratarei de demonstrar a realidade da clarividência. Considero-a demonstrada, e portanto passo a descrever o que ela permite ver. Tampouco repetirei aqui os detalhes sobre os métodos de clarividência, já expostos em minha obra pré-citada. Aterme-ei à exposição sucinta dos princípios gerais, absolutamente necessários para que o leitor alheio a toda noção teosófica compreenda a presente obra.

## CAPÍTULO II

### OS PLANOS DA NATUREZA

Antes de expor os princípios gerais, é mister explicar alguns fatos descobertos por meio da clarividência. O primeiro ponto que devemos compreender claramente é a maravilhosa complexidade do Universo que nos rodeia e que contém muitas coisas desconhecidas no campo da visão comum.

Sabemos todos que a matéria existe em diferentes condições, que se podem mudar variando a pressão ou a temperatura. Temos três estados notórios de matéria: sólido, líquido e gasoso. A Ciência nos demonstra que sob certas variações de temperatura ou de pressão, todas as substâncias podem existir em qualquer dos referidos estados. Creio que existem ainda algumas substâncias que os químicos não conseguiram reduzir de um estado a outro. Mas admite-se geralmente que assim como a água pode solidificar-se a baixa temperatura e vaporizar-se a uma temperatura elevada, também todos os sólidos que conhecemos poderiam converter-se, sob certas condições, em líquidos ou em gases, todo líquido em sólido ou gás, e todo gás em líquido e mesmo em sólido. Sabemos que o ar pode liquefazer-se, e que alguns outros gases têm se solidificado.

A química oculta nos mostra ainda outro estado de matéria mais sutil que o gasoso, ao qual se podem reduzir todas as substâncias conhecidas. Chamamos etérico a esse estado da matéria. Afirma a Química que o que a Ciência entende por éter, não é uma substância distinta e homogênea, mas simplesmente um outro estado particular da matéria ordinária. Assim, por exemplo, o hidrogênio pode assumir o estado etérico em vez de gasoso; e o ouro, a prata ou qualquer outro elemento, pode tomar os estados sólido, líquido, gasoso e também o mais sutil que denominamos etérico. Do mesmo modo que em nosso mundo há elementos normalmente sólidos, como o ouro, outros normalmente líquidos, como o mercúrio, e outros normalmente gasosos, como oxigênio, assim também há substâncias normalmente etéricas, ainda que por meio de um tratamento especial estas possam ser reduzidas ao estado gasoso ou conduzidas a outro estado ainda mais sutil.

A ciência oficial nos fala dos átomos de oxigênio, hidrogênio ou de quaisquer das sessenta ou setenta substâncias que os químicos denominam elementos. Teoricamente, nenhum destes elementos pode ser decomposto, e cada um deles tem seus átomos próprios. Etimologicamente, a palavra átomo significa que não pode dividir-se. Não obstante, a ciência oculta nos diz que muitos cientistas têm já suspeitado \* que os referidos supostos elementos não são tais no sentido literal da palavra; que os chamados átomos de oxigênio ou hidrogênio não são o último grau de divisão da matéria, e por conseguinte, tais átomos não passam de moléculas que sob certas condições podem decompor-se em átomos.

\* Esta obra foi escrita no fim do século XIX; no século XX as descobertas científicas já provaram a decomposição do átomo em elétrons, íons, etc. (N. do T.)

Repetindo este processo de divisão, obtém-se um número infinito de átomos físicos idênticos, o que denota que há uma substância fundamental de todas as substâncias. As diversas combinações destes átomos últimos nos dão o que a Química chama átomos de oxigênio, de hidrogênio, de ouro, de prata, de platina, etc., que em sua extrema divisão deixam livre certo número de átomos idênticos, com a única exceção de que uns são positivos e outros negativos.

Embora estranho ao nosso presente trabalho\*, é de profundo interesse o estudo destes átomos e das possibilidades de suas combinações.

\* Para mais detalhes, veja-se a obra “Química Oculta”, de Besant e Leadbeater.

Tais átomos só são *últimos* sob o ponto de vista de nosso plano físico. Isto é, há métodos por meio dos quais podem ser divididos, mas então nos dão uma matéria pertencente a um diferente plano da natureza, que já não se dilata nem contrai segundo os diferentes graus de calor ou de frio a que a submetemos. Esta matéria sutil não é simples, mas, sim, complexa; e também existe numa série de estados peculiares, análogos aos sólido, líquido, gasoso e etérico da matéria física. Levando mais adiante o nosso processo de subdivisão, chegamos ao átomo último do plano da natureza a que os ocultistas chamam mundo astral.

Pode-se repetir este processo, pois subdividindo o átomo astral, chegamos a outro mundo superior e mais sutil, embora sempre material. Uma vez mais encontramos ali a matéria em condições definidas e em diferentes estados correspondentes a esse nível superior. O resultado final é que nossas investigações nos conduzem ao átomo do quinto plano da natureza, que a Teosofia denomina mundo mental. Tanto quanto nas permitem nossos conhecimentos, não tem limites esta possibilidade de subdivisão, pois o limite está em nossa capacidade de observação. Contudo, sabemos o suficiente para estar seguros da existência de diferentes planos, que em certo sentido são mundos que constituem as partes de um todo prodigioso.

A Teosofia chama planos, ou melhor, mundos, a estas diferentes regiões da natureza. Para nosso estudo, convirá imaginá-los uns sobre os outros, segundo os diferentes graus de densidade da matéria de que estão compostos, tal como aparecem na lâmina II. Mas é necessário advertir o leitor que esta disposição é adotada convencionalmente, como um símbolo, e que de modo algum representa a verdadeira relação entre os diversos planos, que em realidade não se acham uns sobre outros, como as prateleiras de uma estante, senão que ocupam todos o mesmo espaço, interpenetrando-se uns aos outros\*.

\* Tenha-se em vista que os nomes de *mahaparanirvânico*, *paranirvânico* e *nirvânico* expostos na Lâmina II, equivalem, respectivamente, aos de ádico, anupadóquio e átmico com que mais comumente hoje o denominam. Por outro lado, desde a publicação da primeira edição desta obra, evoluiu algo mais a exposição da Teosofia, e a ordenação dos mundos ou planos está invertida, pois se considera agora como primeiro o ádico ou mahaparanirvânico e como sétimo, o físico. Vai esta advertência para prevenir confusões.

A Ciência reconhece que mesmo nas substâncias mais densas os átomos jamais se tocam, pois cada um tem seu campo de ação e de vibração, e cada molécula, por sua

vez, possui um campo ainda mais amplo; de sorte que sempre há espaço entre estes átomos ou entre estas moléculas. Cada átomo físico está banhado num mar de matéria astral, que enche os seus interstícios em todas as circunstâncias possíveis.

Está universalmente aceito que o éter interpenetra todas as substâncias conhecidas, desde o sólido mais denso até o gás mais rarefeito. E assim como este se move com toda a liberdade entre as partículas da matéria líquida ou sólida, assim também a matéria astral o interpenetra e se move com toda a liberdade entre as suas partículas. A matéria mental, por sua vez, interpenetra a matéria astral nas mesmas condições. Portanto, estes diferentes planos da natureza não se acham nada separados no espaço, mas todos eles existem ao nosso redor, de maneira que, para vê-los ou estudá-los, não temos nenhuma necessidade de locomover-nos no espaço. Basta despertar os sentidos por meio dos quais podemos percebê-los.

7	MAHAPARANIRVÂNICO		PRIMEIRA	TRIPLA MANIFESTAÇÃO	
6	PARANIRVÂNICO			SEGUNDA	
5	NIRVÂNICO	ATÔMICA		TERCEIRA	
		ESPÍRITO		Tripto Espírito no Homem	
4	BÚDICO	ATÔMICA			
		O EGO OU ALMA, O HOMEM QUE SE REENCARNA EM		INTUIÇÃO	
3	ARUPA MENTAL RUPA	ATÔMICA		INTELIGÊNCIA	
				CORPO CAUSAL	
				CORPO MENTAL	
2	ASTRAL	ATÔMICA			
				CORPO ASTRAL	
1	FÍSICO	ATÔMICA			
		SUB-ATÔMICA		DUPLO ETÉRICO	
		SUPER-ETÉRICA			
		ETÉRICO			
		GASOSA			
LÍQUIDA		CORPO DENSO			
SÓLIDA					

Lâmina II

### CAPÍTULO III CLARIVIDÊNCIA

Chegamos a outra consideração muito importante. Todas estas variedades de matéria sutil existem não só no mundo exterior como também no próprio homem. Não só este possui o corpo físico que vemos, mas também outros corpos internos, apropriados aos diversos planos da natureza e constituídos pela matéria de seu plano correspondente. O corpo físico contém matéria etérica sólida\*, que o clarividente pode ver. Na mesma ordem de ideias, um clarividente mais desenvolvido e capaz de perceber a matéria sutil do plano astral, veria neste nível o homem vestido de matéria astral, a qual seria em realidade o seu corpo ou veículo apropriado a tal plano. O mesmo acontece com o plano mental.

\* Vejam-se as Lâminas XXIV e XXV na página 75.

A alma humana não tem só um corpo, porém muitos; e quando está suficientemente evoluída, é capaz de se manifestar nos diversos planos da natureza. O homem possui uns veículos apropriados, compostos da matéria de cada um daqueles planos, e por esses diversos veículos lhe é possível receber as impressões dos mundos aos quais os mesmos pertencem.

Não havemos de crer que o homem construa estes veículos para as necessidades de sua evolução futura, pois todos os possuem desde o princípio, conquanto não sejam conscientes da sua existência. Nós empregamos continuamente, de certo modo, embora inconscientemente, esta matéria sutil que se acha em nós mesmos. Cada vez que pensamos, pomos em movimento a matéria mental que nos compenetra. O clarividente verá este pensamento como uma vibração desta matéria, que de momento se manifestará no interior do homem e depois irá afetando pouco a pouco a matéria de igual densidade no mundo que o rodeia. Mas antes de ser percebido no plano físico, este pensamento deve transferir-se da matéria mental para a astral. Quando a primeira haja provocado vibrações similares na matéria astral, esta, por sua vez, afeta a matéria etérica, onde suscita vibrações simpáticas, e esta matéria, por seu turno, age sobre a matéria densa do plano físico, na massa cinzenta do cérebro.

Assim, pois, cada vez que pensamos, efetua-se um processo muito mais complicado do que se poderia imaginar. Da mesma maneira, cada vez que experimentamos uma sensação, passamos por um processo do qual somos quase inconscientes. Quando tocamos numa substância e a achamos muito quente, retiramos a mão instantaneamente; mas a Ciência nos ensina que não é instantâneo e não é a mão o que sente, e sim o cérebro; que os nervos comunicam a ideia de calor intenso ao cérebro, o qual transmite imediatamente esta impressão por meio do sistema nervoso e determina a retirada da mão. O que se nos afigura instantâneo é o resultado de um processo gradual de duração definida, que se pode medir com instrumentos suficientemente delicados. Os fisiólogos conhecem muito bem a rapidez deste processo. Do mesmo modo, parece que o pensamento age de uma maneira

instantânea, porém tal não se dá, pois todo pensamento tem de seguir o processo descrito. Cada impressão transmitida ao nosso cérebro pelos sentidos deve passar pelos variados estados de matéria antes de chegar ao homem verdadeiro, ao Ego, à alma.

Temos, pois, uma espécie de sistema telegráfico entre o plano físico e o Ego, e é necessário compreender que esta linha telegráfica tem estações intermediárias. As impressões não são recebidas apenas no plano físico; a matéria astral do homem não é capaz apenas de receber uma vibração da matéria etérica e transmiti-la à matéria mental, mas pode também registrar as impressões provenientes de seu próprio plano e transmiti-las por meio do corpo mental ao Ego. Assim, pois, o homem pode servir-se de seu corpo astral para receber impressões e registrar as observações do mundo astral que o rodeia, e da mesma maneira pode servir-se de seu corpo mental para explorar o plano mental e obter informações desse plano. Todavia, num e no outro caso, deverá primeiramente aprender a localizar sua consciência no corpo astral ou no corpo mental, conforme seja, como está atualmente localizado no cérebro físico. Já tratei deste ponto pormenorizadamente no livro *Clarividência*, e, portanto, não creio ser necessário repeti-lo aqui.

Embora a Ciência não esteja ainda preparada para admitir a existência destes diversos planos ou graus de matéria na natureza, não há nesta hipótese nada que contradiga as suas teorias, pois se apoia no conhecimento direto e na certeza de todos os que a tenham estudado assiduamente, embora, mesmo assim, a apresentem ao mundo como simples hipótese.

Ao expor esta teoria a quem aborda tal problema pela primeira vez, estamos longe de pedir-lhe fé cega, mas convidamo-lo tão somente a estudar um sistema. Os graus superiores de matéria sucedem em ordem metódica aos que já conhecemos, de modo que, se em certo sentido se pode considerar cada plano como um mundo, também é verdade que o conjunto de todos estes planos constitui um mundo ainda maior que só pode ser visto pelas almas muito adiantadas:

Para melhor compreender este assunto, vamos apresentar um exemplo, que, conquanto irrealizável, nos pode proporcionar ao menos uma hipótese surpreendente. Suponhamos que em lugar do órgão visual que possuímos, tivéssemos um aparato organizado de maneira diferente. No olho humano temos matéria sólida e líquida. Admitamos que cada um destes estados de matéria fosse capaz de receber impressões separadamente, mas cada uma tão só do tipo de matéria ao qual corresponde. Admitamos também que uns indivíduos possuíssem a primeira destas formas de visão e outros a segunda. Cada um destes tipos de indivíduos teria, indubitavelmente, um conceito tão estranho quanto imperfeito de nosso mundo. Imaginemos agora que dois homens, um de cada tipo, se detivessem à beira do mar; o primeiro, não podendo ver senão a matéria sólida, seria completamente inconsciente do oceano que se estenderia diante dele, mas veria a vasta cavidade formada pelo seu leito, com todas as suas sinuosidades. Os peixes e demais habitantes das profundidades do oceano lhe apareceriam flutuando no ar, por cima daquele enorme vale. Se houvesse algumas nuvens no céu, lhe seriam inteiramente invisíveis, pois são compostas de matéria em

estado gasoso. Para ele brilharia o sol constantemente durante o dia, e lhe seria impossível compreender porque emite menos calor umas vezes que outras, como quando o céu está coberto de nuvens. Se lhe fosse oferecido um vaso de água, este lhe pareceria vazio.

Comparemos agora o aspeto que tudo isto apresentaria aos olhos de um homem que só pudesse ver a matéria em estado líquido. Esse seria consciente do oceano; mas, para ele, as escarpadas orlas do mesmo não existiriam. Perceberia perfeitamente as nuvens, mas não teria conhecimento da paisagem em que se movem. Quanto ao vaso de água, só lhe poderia ver o conteúdo, e lhe seria impossível compreender por que milagre tinha a água a forma do vaso invisível.

Imaginemos que estas duas pessoas descrevam uma após outra a paisagem que veem, seriamente convencidas, uma e outra, de que não pode existir no universo outro gênero de vista diferente da sua, e que todos os que pretendem ver um pouco mais, não passam de sonhadores ou embusteiros.

Podemos rir-nos da incredulidade destes dois observadores hipotéticos; mas o homem vulgar acha sumamente difícil compreender que em proporção à totalidade das coisas visíveis, o seu poder visual é tão imperfeito como o de qualquer dos dois tipos aqui considerados. Também está seriamente disposto a acusar de serem joguetes da imaginação todos os que veem um pouco mais do que ele.

Um de nossos erros mais comuns é considerarmos que o limite de nosso poder de percepção é também o limite de tudo quanto é possível perceber. A evidencia científica é hoje em dia indiscutível; e a proporção infinitesimal (em comparação ao todo) dos grupos de vibrações que nos permitem ver ou ouvir, não pode ser posta em dúvida. O clarividente é apenas alguém que desenvolve a faculdade de responder a outra oitava desta prodigiosa escala de possíveis vibrações, e capacita-se desse modo a ver o mundo que nos rodeia, antes que possam vê-lo os dotados de percepção mais limitada.

## CAPÍTULO IV

# OS VEÍCULOS DO HOMEM

Se nos fixamos na lâmina II (pag. 10), veremos um diagrama que representa os planos da natureza, assim como os nomes empregados para designar os veículos ou corpos correspondentes a esses planos. É necessário observar que os nomes de que se serve a nomenclatura teosófica para designar os planos superiores da natureza, derivam do sânscrito. Na terminologia ocidental não dispomos ainda de palavras adequadas para designar esses mundos, compostos de matéria tão sutil. Cada um destes termos tem um significado especial, e tratando-se dos planos superiores, somente nos indicam quão pouco conhecemos de suas condições.

A palavra Nirvana tem sido sempre empregada no Oriente para expressar a condição espiritual mais elevada que se pode conceber. Alcançar o Nirvana significa ultrapassar o ponto em que a Humanidade alcançará um estado de paz e felicidade que excede a toda compreensão terrena. O aspirante a esta glória inefável abandona de maneira tão absoluta tudo quanto pertence à este mundo terrestre que alguns orientistas europeus têm suposto, à primeira vista, mas equivocadamente, que esta condição corresponderia à total aniquilação do homem. Isto está muito longe da verdade. Para conseguir o pleno gozo de tão elevada condição espiritual, é mister alcançar o objetivo que a evolução deve atingir ao finalizar o eon ou período atual. É mister converter-se em Adepto, num Homem que já é algo mais do que homem.

Semelhante progresso só será atingido pela grande maioria da Humanidade no transcurso de milênios de evolução. Mas algumas almas intrépidas, que não se amedrontam com as dificuldades, e que, digamos assim, intentam *alcançar o reino dos céus pela violência* (Mat. 11:12), poderão chegar a este glorioso resultado num período de tempo relativamente curto.

Nada sabemos dos estados superiores de consciência. Apenas sabemos que existem. *Para* significa "alem de", e *Maha*, "grande". As denominações destes estados de consciência nos ensinam que o primeiro Significa "alem do nirvana", e o segundo, "o grande plano além do nirvana". Isto nos demonstra que aqueles que ha milhares de anos escolheram estes vocábulos não conheciam desses planos muito mais do que nos, ou, se os conheciam, não encontraram palavras mais adequadas para exprimir o seu significado.

A palavra *buddhi* aplica-se ao princípio ou elemento constituinte do homem, que se manifesta na matéria do quarto plano, e o plano mental é a esfera de ação do que chamamos inteligência. É necessário observar que este último plano, o mental, se subdivide em duas seções, designadas na lâmina II por duas cores diferentes. Os nomes "rupa" e "arupa" significam, respectivamente, "com forma" e "sem forma". Estes dois nomes indicam a qualidade da matéria desse plano. Na seção inferior, a matéria é facilmente modelável em formas distintas e definidas, sob a ação do nosso pensamento. Já não sucede o mesmo na seção superior, onde o pensamento abstrato se manifesta ao clarividente em relâmpagos de luz.

A palavra *astral* não foi escolhida por nós. Herdamos-la dos alquimistas da Idade Média. Significa "estrelado", e supomos que com ela se designou a matéria do plano imediatamente superior ao físico, em razão de sua aparência luminosa e de suas vibrações rítmicas mais rápidas. O mundo astral é o mundo das sensações, emoções e paixões, e é por meio do veículo do homem inerente a este plano que se revelam ao clarividente todos os seus sentimentos. O corpo astral do homem oferece aspecto continuamente cambiante, segundo a natureza das emoções que expressa. Mais adiante voltaremos a falar deste particular e daremos mais pormenores para facilitar a sua compreensão.

Em Teosofia se representam geralmente os cinco planos inferiores por meio de certas cores, segundo a gama que H. P. Blavatsky nos deu em sua obra capital *A Doutrina Secreta*. Mas convém advertir que se empregam tais cores como sinais distintivos, como símbolos, e não para significar a preponderância de uma tonalidade particular sobre qualquer desses planos.

Observar-se-á que são sete esses planos, e que cada um deles se subdivide em sete subplanos. O número sete tem sido sempre considerado como sagrado e oculto, pois se encontra na base de toda manifestação. É notória a subdivisão setenária nos planos inferiores ao alcance de nossa investigação, e todos os indícios parecem confirmar a hipótese de que a mesma ordem continua nas regiões superiores, prescindindo de toda observação direta.

A medida que o homem aprende a atuar nestas variedades sutis da matéria, transcende uma após outra as limitações da vida inferior. Ante ele se apresenta um mundo de muitas dimensões, em vez de um de três dimensões, e isto lhe abre uma série de novas possibilidades. O estudo destas novas dimensões é um dos problemas mais sedutores, e aqueles que se interessam seriamente por esta espécie de estudos, farão bem em ler a admirável obra de M. C. H. Tinton: *Scientific Romances*. Conquanto não ajude a alcançar a visão dos outros planos, nada oferece um conceito tão claro da vida astral como o conhecimento da quarta dimensão do espaço.

No momento não é minha intenção descrever quanto se pode adquirir por meio da maravilhosa expansão da consciência aos planos hiperfísicos. Já o fizemos, em parte, numa obra anterior. Por agora consideremos uma linha de investigação particular, relacionada com a constituição do homem, assim como a maneira como ele chegou ao seu atual modo de ser.

Só se pode conhecer a história de sua evolução anterior pelos indelévels arquivos do passado, em que se pode manifestar ante os olhos do espírito tudo quanto tem existido desde a origem do sistema solar. Ali vê o observador cada sucesso como se ele houvesse estado presente no exato momento em que ocorreu, porém com a enorme vantagem de que pode reter ante sua vista cada cena particular, tanto tempo quanto seja necessário para efetuar um profundo exame, ou limitar-se a passar uma rápida revista, se o desejar, pelos acontecimentos de todo um século.

Num nível inferior ao plano mental, não se pode perscrutar com perfeita certeza esse maravilhoso reflexo da memória divina. Para que seja fácil a leitura da história do passado, é necessário que o estudante saiba servir-se ao menos de seu corpo mental; e se está bastante adiantado para servir-se do corpo causal, o seu trabalho será muito

mais fácil. Em minha obra Clarividência se tratou amplamente deste problema dos anais do passado, e a ele remeto o leitor desejoso de estudar mais detidamente este tema.

## CAPÍTULO V A TRINDADE

Procuremos compreender agora como veio o homem à existência em meio deste maravilhoso sistema de planos da natureza. Ao tratar de tema semelhante, vemo-nos obrigados a entrar nos domínios da Teologia, não para buscar nela teorias ou opiniões piedosas, mas unicamente o que constitui um fato científico.

Quando inquirimos estes anais, desejosos de descobrir a origem do homem, que é que vemos? Vemos que o homem é resultante de um esplêndido sistema de evolução claramente definido e efetuado, ao qual parecem convergir três correntes de Vida divina. Uma das sagradas Escrituras do mundo diz que Deus fez o homem à Sua imagem; e se se compreende bem esta afirmação ver-se-á que encerra uma grande verdade oculta. Todas as religiões concordam em descrever a Divindade, em Sua manifestação. Ver-se-á também que a alma do homem é trina. Entre ambas essas afirmações há uma profunda relação.

É preciso compreender bem que não falamos do Absoluto, do Supremo e do Infinito (pois d'Ele nada sabemos senão que existe), mas da gloriosa manifestação d'Aquele que nossa filosofia chama o Logos do sistema. Todas as dissertações que temos podido ouvir acerca da Divindade, tudo quanto se tem dito de bom e belo, é verdade, embora em nossos dias se costume atribuir-Lhe o que não é bom. Aqueles que pretendem adora-La, atribuem-Lhe frequentemente os seus próprios vícios, e ainda cometem o sacrilégio de acusá-La de ciumenta, colérica, vingativa e cruel. Uma blasfêmia tão abominável pareceria menos odiosa nos lábios de um selvagem da África Central, que não pede um conceito diferente daquele manifestado pela cólera e alteração do sangue; mas as pessoas que se creem civilizadas não merecem a menor desculpa e os que acusam deste modo o Promotor de toda Bondade e de todo Amor, cometem um crime cujas tristes consequências são Incalculáveis. Mas todo o bem que temos ouvido dizer de Deus - o amor, a sabedoria, o poder, a paciência, a compaixão, a onisciência a onipresença e a onipotência - tudo isto e muito mais ainda, é certo no que se refere ao Logos solar, pois em verdade n'Ele temos "a vida, o movimento e o ser" (Atos 17:2).

E necessário ter presente que em Teosofia não fazemos desta verdade o objeto de uma piedosa opinião ou artigo de fé, para o investigador clarividente é certíssima a existência deste excelso Ser. Não é que determinado desenvolvimento do homem o possa conduzir a vê-Lo cara a cara, e sim, que desde o momento em que estudamos a vida nos planos superiores, nos satura totalmente a indiscutível evidência de Sua ação e de Seu plano.

Tal como Se manifesta em Sua obra, o Logos solar é trino, sem dúvida. Três e, contudo, uno, como desde longo tempo nos tem ensinado a religião. Nas antigas fórmulas da Igreja há muito sobre este ponto; no entanto, à luz dos ensinamentos teosóficos se vê que o dogma é uma representação notavelmente exata e muito bela dessa verdade, embora lhe tenham sido intercalados trechos do mais degradado materialismo. A verdadeira beleza do Credo de Atanásio, por exemplo, só pode ser

compreendida quando estudado versículo por versículo, com a ajuda de diagramas teosóficos.

Não pretendemos descrever explicitamente esta manifestação, pois está muito acima de nossa faculdade de representação e compreensão. Mas temos de coligir uma parte mínima de sua ação por meio de alguns símbolos simples, como os que figuram na lâmina II (pág. 10). Ali se verá que no plano supremo de nosso sistema a trina manifestação de nossos Logos está representada por três círculos que simbolizam os Seus aspectos com seus peculiares atributos e qualidades. Em Seu primeiro aspecto não pode manifestar-Se num plano inferior ao supremo, enquanto que no segundo, desce ao plano imediatamente inferior, de cuja matéria se reveste. Ao manifestar-Se assim, o Logos se diferencia de certo modo do primeiro aspecto do qual emana. Em Seu terceiro aspecto desce até a parte superior do plano átômico ou nirvânico, cuja matéria atrai para Si. Esta é a terceira manifestação.

Convém advertir que estas três manifestações são inteiramente distintas uma de outra, em seus respectivos planos; e contudo, basta seguir as linhas pontilhadas na lâmina II para nos convenceremos de que estas pessoas distintas são em realidade aspectos do Uno. Se consideramos estes aspectos como pessoas, resulta ser muito diferente cada uma em seu próprio plano. Diagonalmente não se descobre nenhuma relação entre elas, e não obstante, perpendicularmente estão unidas no nível supremo onde as três são Uma.

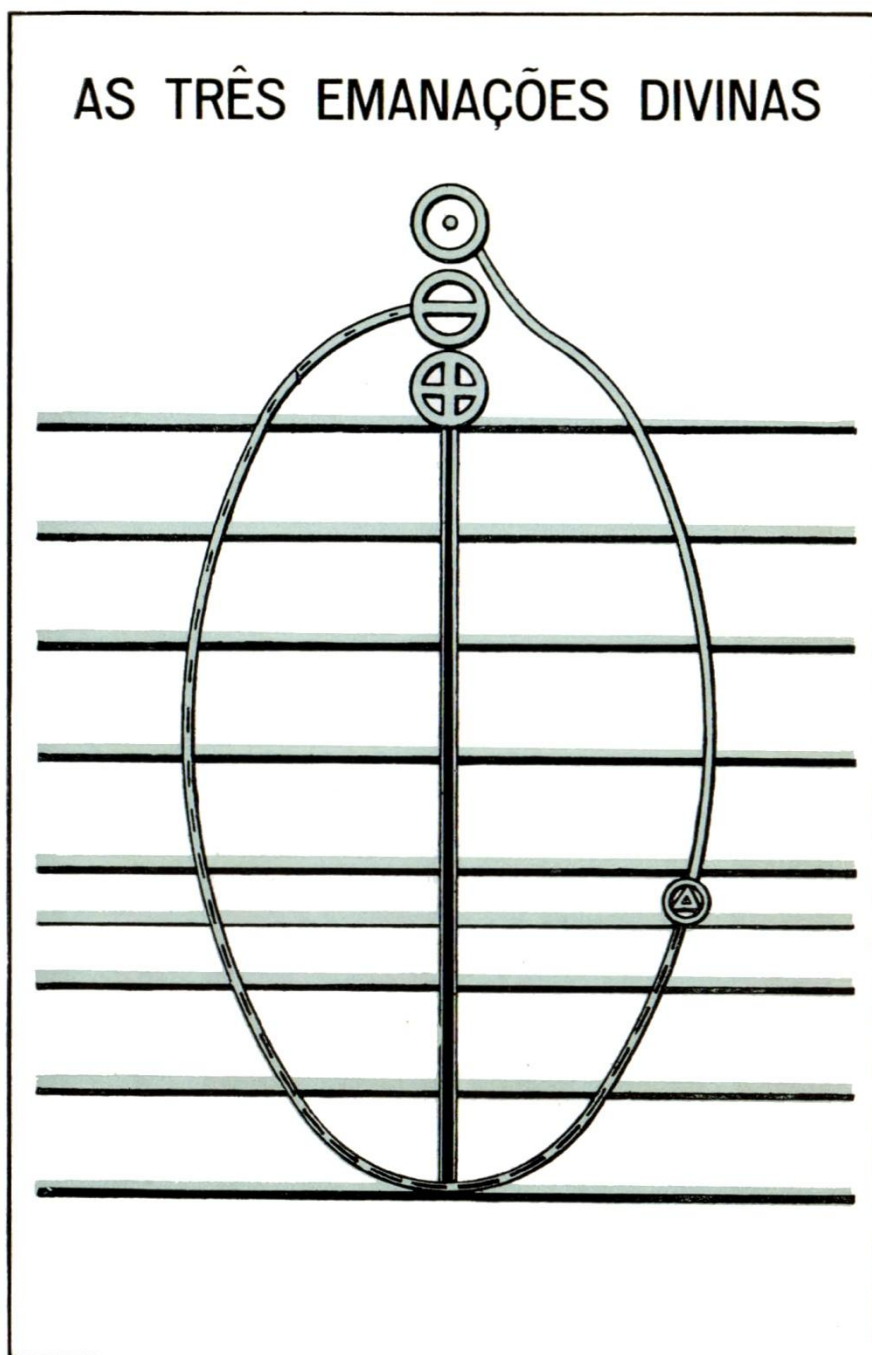
Agora compreenderemos porque é que a Igreja, ao definir o dogma da Trindade, diz que Deus é um só com três pessoas distintas, sem confundir as pessoas nem separar as substâncias, isto é, que não devemos jamais confundir a atuação das três distintas manifestações, cada uma em seu próprio plano; nem devemos esquecer jamais a eterna Unidade da "substância" que constitui a base de todas as coisas no plano supremo.

É sumamente útil conhecer o verdadeiro significado da palavra "pessoa", a qual deriva das duas palavras latinas *per* e *sonus*. "aquilo por cujo meio se transmite o som". Posteriormente se estendeu o seu significado à máscara que usavam os atores para representar o seu papel. Assim chamamos "personalidade" ao conjunto de veículos inferiores e temporários de que se reveste o Ego ao reencarnar-se. O mesmo sucede com as distintas manifestações do Uno nos diversos planos, as quais se consideram como pessoas.

Portanto, importa dizer: "Uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho e outra a do Espírito Santo; mas a divindade do Pai, do Filho e a do Espírito Santo são uma; Sua glória é a mesma, e coeterna a Sua majestade." Ainda que as manifestações sejam distintas em seu próprio plano, e cada uma pareça inferior à precedente, basta observar o plano supremo para compreender que "na Trindade não há anterior nem posterior, nem grande nem pequeno, senão três Pessoas iguais e coeternas". Assim, pois, "cada pessoa é por si mesma Deus e Senhor, e no entanto, não são três Deuses, nem três Senhores, senão um só Deus e um só Senhor".

Deste modo se torna clara e luminosa a exposição dos atributos do segundo aspecto do Logos e de Sua descida na matéria, o qual, segundo se infere da lâmina III,

encerra outro significado mais profundo. Mas o significado referente a esta sublime descida do Logos na matéria é tão verdadeiro como o já dito; pois ao considerar a segunda pessoa da Trindade no plano supremo como Divindade essencial, que anima a manifestação num plano relativamente inferior, embora incompreensível para nós, vemos que o segundo Logos é "Deus pela substância de seu Pai, engendrado antes dos mundos (ou séculos), e ao mesmo tempo é homem nascido no mundo pela substância de sua mãe". E ao considerá-Lo como um aspecto da Divindade, vemos que Ele existia antes do sistema solar, mas a Sua manifestação na matéria do plano paranirvânico ou anupadáquico se efetuou quando já existia o sistema.



Lâmina III

Assim, pois, "ainda que seja Deus e homem, não são dois de modo algum, senão um só Cristo; não pela descida de Sua divindade na carne, mas pela ascensão de Sua humanidade a Deus." É um só pela Unidade essencial e por Sua gloriosa virtude de elevar com Ele tudo quanto adquiriu ao descer à matéria inferior. Mas isto concerne mais essencialmente à sublime e divina descida representada na lâmina III.

O cisma mais profundo da Igreja cristã foi o da divisão dos ramos do Oriente e do Ocidente, nas igrejas grega e romana. Embora considerações políticas e econômicas houvessem influído neste cisma, a razão doutrinal que serviu de pretexto foi a suposta corrupção da verdade, realizada no concílio de Toledo no ano 589, com a introdução no *Credo* da palavra *filioque*. Assim se resumia a questão: "Procede o Espírito Santo só do Pai, ou do Pai e do Filho?" No interesse da unidade da Igreja, teria sido mais conveniente prescindir de uma questão tão especulativa e tão afastada de todo conhecimento; mas a controvérsia teológica é sempre mais inflamada nos problemas mais intrincados, menos importantes e de menor interesse. Nosso diagrama permite ver o fundo da questão; além disso, ensina que ambos os antagonistas tinham razão, e se houvessem compreendido o problema que tanto discutiam, não teria ocorrido o cisma.

A Igreja romana sustentava, razoavelmente, que não podia haver manifestação de um Poder que, pertencente a um plano supremo, se manifestasse no terceiro plano sem deixar pegadas de sua passagem no segundo, e assim afirmava que o Espírito Santo procedia do Pai e do Filho. Por outro lado, a Igreja grega se atinha absolutamente à distinção das três manifestações, e com razão protestava contra a processão\* da primeira manifestação através da segunda. Isto poderia ser representado em nosso diagrama por meio de uma linha diagonal traçada através da primeira, segunda e terceira manifestações.

\* Em têrmos teológicos, chama-se processão do Espírito Santo à eterna manifestação do Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho. - E. Littré (Dicionário).

A linha pontilhada que figura à direita da lâmina II, demonstra como desce o terceiro aspecto da Divindade através dos planos, manifestando-se finalmente no nirvânico. Esta é a chave do problema, e demonstra-nos a absoluta harmonia entre as duas opiniões divergentes.

Comparando a trindade do Ego humano com a superior Trindade divina, notamos de que maneira maravilhosa é o homem a imagem de Deus. Os conceitos ortodoxos são tão cruamente materialistas que se interpretou literalmente este trecho, referindo a imagem ao corpo físico do homem como se Deus houvesse dado ao corpo do homem a forma que, segundo predisse, seria a que o Cristo assumiria ao vir à terra. Isto é um exemplo notável de confusão mental, mais estranha ainda nos teólogos.

Se examinarmos a lâmina II, veremos o verdadeiro significado destas palavras. Não o corpo físico do homem, mas, sim, a constituição de sua alma reproduz com maravilhosa exatidão o processo da manifestação divina.

Assim como os três aspectos da Divindade se resumem no plano supremo, assim também a Chispa divina do espírito do homem tem trino aspeto no plano nirvânico.

Em ambos os casos, o segundo aspecto da Divindade pode descer ao plano imediato inferior e revestir-se da matéria do mesmo; e também o terceiro aspecto pode descer aos outros dois planos imediatamente inferiores, seguindo o mesmo processo. Assim, pois, em ambos os casos existe a Trindade na Unidade... distinta em sua manifestação e em sua essência.

Cada um dos três Aspectos, Pessoas ou Manifestações do Logos, tem sua função especial a cumprir, na preparação e desenvolvimento do Ego humano. A lâmina III nos ajudará a explicar estas funções. Do mesmo modo que na lâmina II, as subdivisões horizontais designam os planos acima dos quais figuram os três símbolos pertencentes à série descrita por H. P. Blavatsky em *A Doutrina Secreta*. O círculo superior com um ponto central representa o primeiro aspecto do Logos e significa a manifestação primordial de nosso sistema solar. O segundo aspecto do Logos está simbolizado por um círculo com um diâmetro horizontal, que expressa a dupla manifestação relacionada com a segunda Pessoa de qualquer das duas Trindades. O círculo inferior contém a cruz grega, que é um dos símbolos mais comuns do terceiro aspecto do Logos.

## CAPÍTULO VI

# AS EMANAÇÕES DIVINAS PRIMORDIAIS

O primeiro movimento na formação do sistema solar provém do terceiro aspecto do Logos. Nada existia antes desse movimento, exceto a matéria atômica de cada um dos planos da natureza, sem que se houvesse formado ainda nenhuma das agregações ou combinações dos subplanos inferiores. Mas no seio da matéria virgem (a verdadeira Virgem Maria) se infunde o Espírito Santo, o Dispensador de Vida, como o chama o símbolo de Niceia. A ação de Sua gloriosa vitalidade desperta os átomos e os dota de novas forças de atração e repulsão, e assim se formam as subdivisões inferiores de cada plano. Este processo está simbolizado no diagrama por uma linha que, descendo perpendicularmente do círculo inferior, atravessa todos os planos e é cada vez mais larga e escura. Isto denota que o Espírito Divino se vai velando a medida de sua descida na matéria, até o ponto em que mal se pode reconhecer a sua divindade.

No entanto, esta vívida energia não deixa de estar presente, embora limitada pelas formas inferiores. As experiências recentes do professor Shron, em Nápoles, provaram a existência de vida no reino mineral, demonstrando assim, de maneira maravilhosa, a atuação da primeira e segunda das grandes e sucessivas emanções ou ondas da Vida divina.

Na matéria assim vivificada se infunde a segunda grande emanção de Vida. A segunda Pessoa da Trindade se reveste de forma (manifesta-se), não somente na matéria "virgem" e infecunda, mas também naquela em que já palpita a vida da terceira Pessoa. Assim, pois, a vida e a matéria lhe servem ambas de vestimenta, e pode dizer-se que "nasce do Espírito Santo e da Virgem Maria". Tal é o verdadeiro significado desta passagem capital de nosso Credo.

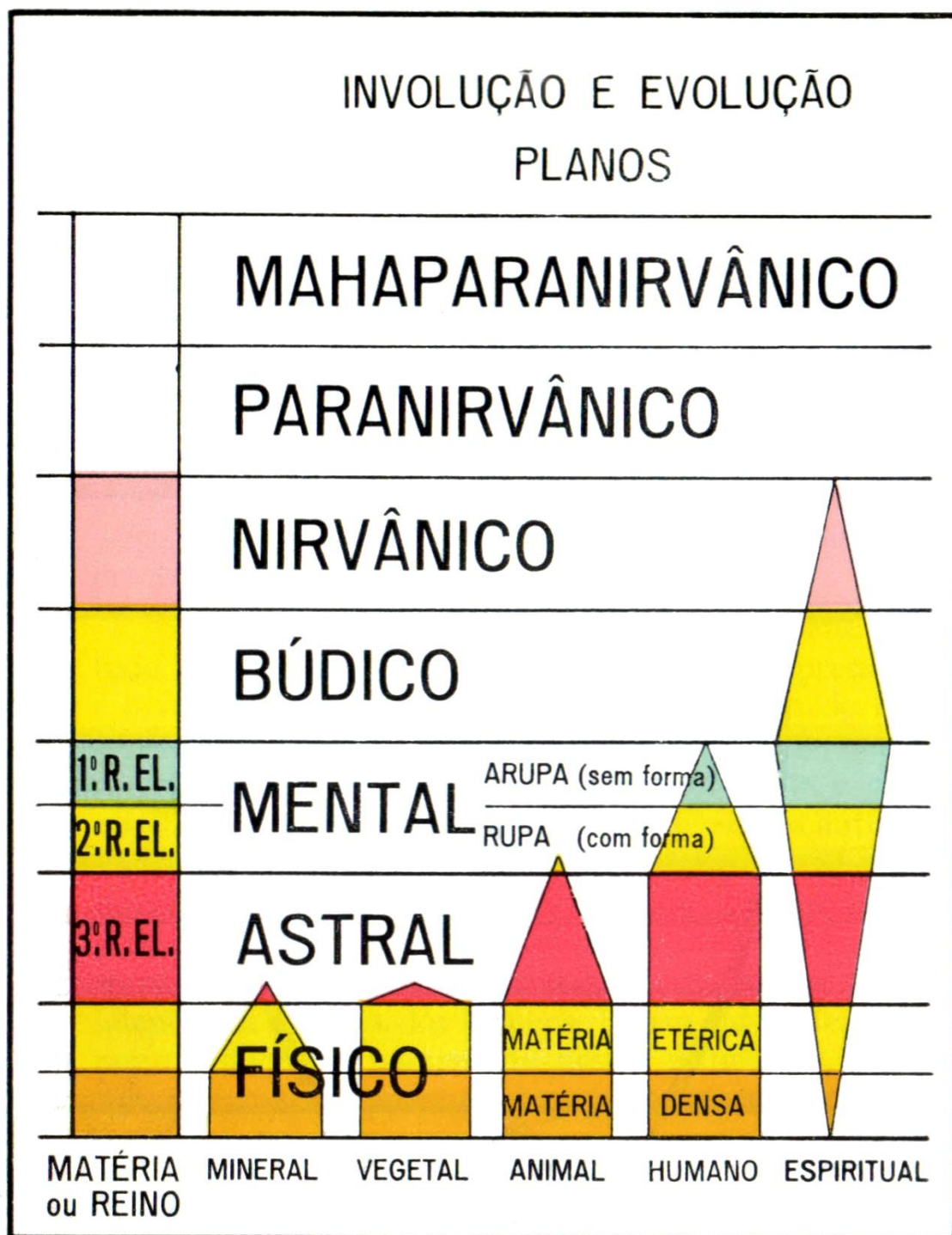
Lenta e gradualmente se derrama esta corrente irresistível pelos diversos planos e reinos da natureza, invertendo em cada um deles um período de tempo igual à duração da vida de uma Cadeia planetária\*, período esse que nos calendários humanos representaria milhões de anos.

\* A duração de um Manvântara dos hindus. Para mais detalhes, veja-se *Compêndio de Teosofia*, do mesmo autor, ou *Fundamentos de Teosofia*, de C. Jinarajadasa. *N. do T.*

A segunda emanção está representada na lâmina III pela linha que, partindo do segundo círculo simbólico, percorre o arco esquerdo do oval e se escurece gradualmente, à medida que se aproxima do extremo inferior da curva, donde começa a descrever o arco ascendente através dos planos físico, astral e mental inferior, até encontrar a terceira grande onda ou emanção de Vida que, procedente do primeiro aspecto do Logos, está simbolizada pela linha que, partindo do círculo superior, forma o primeiro setor do arco direito do oval. Deixemos por agora este ponto de união da segunda e primeira emanções divinas, que estudaremos detidamente mais adiante, e

ocupemo-nos do arco descendente.

Para compreendê-lo melhor, examinemos a lâmina IV, que à primeira vista parece muito diferente da lâmina III, mas, em realidade, ambas estão em íntima correspondência. A coluna da esquerda, pintada de diversas cores, representa o mesmo que a curva descendente figurada no lado esquerdo da lâmina III. Os desenhos de forma piramidal que completam a lâmina IV, representam, em diferentes graus de progresso, as primeiras etapas da curva ascendente, correspondente ao lado direito da lâmina III.



Lâmina IV

Conforme a etapa de sua descida gradual na matéria a segunda emanção recebe diferentes nomes. Costuma-se chamá-la, em conjunto, Essência Monádica, sobretudo quando se reveste da matéria atômica dos diversos planos; mas quando, em seu curso descendente, infunde sua energia na matéria do nível superior do plano mental, chama-se-lhe Primeiro Reino Elemental. Depois de inverter todo o período de uma Cadeia planetária em efetuar esta evolução, desce ao nível inferior ou rúpico do mesmo plano, e anima então o Segundo Reino Elemental durante outra Cadeia Planetária. A etapa seguinte abrange os subplanos do astral, onde se chama Terceiro Reino Elemental ou também Essência Elemental do plano astral. Nas etapas do segundo e terceiro reinos elementais está a segunda onda de vida intimamente ligada ao homem, pois participa em grande parte de seus diversos veículos e influi em seus pensamentos e ações.

Quando a segunda onda de vida e energia divina chega ao extremo inferior do seu curso, imerge na matéria física, e durante os primeiros passos de sua ascensão, anima o Reino Mineral da Cadeia Planetária em que atua. Nesta etapa evolutiva se chama "mônada mineral", que depois ascende a "mônada vegetal", e posteriormente a "mônada animal". Todavia, estes termos são algo errôneos, pois fazem parecer como se uma só e grande mônada animasse o reino em conjunto.

Ao contrário, nem mesmo quando começa a manifestar-se no primeiro reino elemental, a essência monádica não é única nem homogênea, porém múltipla, e não existe apenas uma corrente de vida, porém muitas correntes paralelas, cada qual com suas características próprias. O processo tende constantemente para a diferenciação, e a medida que as correntes descem de reino em reino, se dividem e subdividem cada vez mais. Pode-se imaginar homogênea a segunda emanção nas etapas anteriores à nossa presente evolução; mas ninguém a pôde ver jamais em tal estado. No final desta grande etapa de evolução, separa-se em individualidades e converte-se cada homem em seu Ego distinto, conquanto ainda pouco evoluído.

De certo modo, encontramos condições intermediárias entre os dois pontos extremos, mas sempre há subdivisões, mesmo antes do processo da individualização. Não devemos esquecer que tratamos aqui da evolução da vida ou da força animada por ela, e não da evolução da forma. Neste caso, a energia em atividade encerra, sem dúvida alguma, as qualidades adquiridas durante a encarnação física. Por exemplo, no reino vegetal cada planta isolada não possui uma alma; mas, sim, uma enorme quantidade de plantas é animada por uma alma coletiva. No reino animal, acentua-se a subdivisão da alma coletiva, e ainda que em certos insetos uma alma coletiva possa animar milhões de corpos, nos animais superiores a alma coletiva anima um número relativamente reduzido de corpos.

## CAPÍTULO VII

### A ALMA ANIMAL COLETIVA

Para alguns estudantes, parece algo difícil compreender a ideia da alma coletiva, mas seu símile, de origem oriental, talvez a torne mais inteligível. Pode-se comparar a alma coletiva à água contida num recipiente. Se tirarmos desse recipiente um copo cheio de água, teremos neste a representação da alma de um animal isolado. A água do copo está separada por determinado tempo da do recipiente e toma a forma do copo que a contém. Suponhamos agora que adicionamos na água do copo uma matéria colorante, que lhe empresta um matiz determinado. A matéria colorante simboliza, em nossa hipótese, as qualidades adquiridas pela alma isolada, durante a sua encarnação transitória.

A morte do animal corresponderá ao ato de verter a água do copo no recipiente. A matéria colorante se mistura então com a massa total do líquido, tingindo-a debilmente. De maneira análoga, as qualidades desenvolvidas pelo animal durante a sua vida, irão formar parte, depois da sua morte, da totalidade da alma coletiva. Depois disto, seria impossível tirar do recipiente um copo de água idêntica à do primeiro, e cada copo tirado de novo estará forçosamente matizado com a cor do primeiro copo. Se fosse possível tirar do recipiente exatamente as mesmas moléculas de água, de sorte que reproduzissem o primeiro copo, equivaleria a uma verdadeira reencarnação. Mas a alma transitória é reabsorvida pela alma coletiva, e assim se conserva cuidadosamente tudo o que foi adquirido durante a separação temporária.

Considerando em conjunto a evolução do reino animal, num momento dado não se tira um só copo do recipiente, porém muitos ao mesmo tempo, e cada um deles transmite à alma coletiva a sua parte de qualidades evoluídas. Num mesmo momento, manifestam-se muitas qualidades diferentes em cada alma coletiva, que se expressam de maneira peculiar em cada animal. Deste modo se adquire o instinto, que algumas espécies possuem congenitamente. No instante em que o patinho sai do ovo, busca instintivamente a água e mergulha nela sem medo algum, porém com grande consternação da galinha, se acaso o incubou. Com efeito, o fragmento da alma-grupo que se encarna no pato, sabe perfeitamente, por anteriores experiências, que a água é o seu elemento natural, e os filhotes não temem obedecer ao seu instinto natural.

Constantemente se nota uma tendência cada vez mais definida para uma subdivisão determinada, que se manifesta de maneira curiosa, semelhante à divisão das células.

Podemos imaginar que na alma coletiva, que se supõe anima uma grande massa de matéria astral, começa a formar-se uma espécie de tenuíssima película, comparável a um tapume que gradualmente se fosse formando para separar a água de um recipiente. No princípio, a água se filtraria através do delgado tapume. Suponhamos agora que os copos de água tirados de uma das divisões fossem por nós vertidos, depois de utilizados, na mesma divisão do recipiente. Teríamos assim, pouco a pouco, a

água de um lado diferente da do outro, e supondo que o tapume se tenha tornado impermeável durante este processo, haveria dois recipientes em vez de um.

Esta operação se repete constantemente até chegar-se aos animais superiores, cuja alma coletiva anima um número relativamente pequeno de corpos. Tem-se observado que tão só os animais domésticos, e mesmo assim nem todos, podem individualizar-se, ou seja passar do reino animal ao reino humano.

Convém recordar que apenas transcorreu a metade da evolução de nossa cadeia planetária, e até o fim desta evolução não ascenderá o reino animal ao reino humano. Deduz-se, naturalmente, que os animais que alcançam ou estão prestes a alcançar a individualização, avantajam-se consideravelmente à massa total, e seu número tem de ser, forçosamente, muito reduzido. Contudo, estes casos se apresentam algumas vezes e são bastante interessantes, pois nos ensinam como viemos à existência num remotíssimo passado. O reino animal da Cadeia Lunar, da qual proviemos, se acha em nível inferior ao reino animal de nossos dias; mas os princípios que presidem ao processo da individualização são sempre os mesmos.

## CAPÍTULO VIII

### O ARCO ASCENDENTE

Antes de entrar na explicação do mecanismo, devemos fixar-nos mais uma vez na lâmina IV (página 23). Recordemo-nos de que as pirâmides de diversas cores representam as diferentes etapas pelas quais passa a essência monádica, em sua progressiva marcha ascendente.

Em seu curso descendente, figurado pela coluna da esquerda do diagrama, a essência monádica agrega ao seu redor, em diversos planos, as diferentes variedades de matéria. A essência organiza a matéria, acostumando-a e adaptando-a para receber vibrações e impressões, e ao mesmo tempo que adquire esta propriedade de receber, adquire também a de responder nos níveis respectivos a estas mesmas impressões. Mas o processo é algo distinto quando chega ao ínfimo ponto de sua imersão na matéria e dali inicia a marcha ascendente de sua evolução para a Divindade. Seu objetivo é então desenvolver a consciência nos diversos planos, dominar os corpos construídos por ela e utilizá-los como veículos, de sorte que não sejam mais simples instrumentos por cujo meio o Ego recebe as impressões externas, mas também o meio dele se manifestar por si mesmo nos diferentes planos.

Os primeiros esforços se efetuam, naturalmente, na matéria mais densa, cujas vibrações, determinadas pela essência monádica, embora mais lentas e de maior duração, são as menos violentas e penetrantes, e por conseguinte as mais fáceis de dominar. Disso resulta que, embora dotado dos princípios superiores, se bem que mais ou menos latentes, o homem só é plenamente consciente no corpo físico. Mais tarde irá desenvolvendo a sua consciência no corpo astral, e muito depois ainda, em seu corpo mental, mais sutil.

Na lâmina IV vemos uma pirâmide distinta para cada reino da natureza. A pirâmide correspondente ao reino mineral diminui de largura no ponto onde não se acha o reino completamente desenvolvido, e a sua parte mais densa corresponde ao plano físico. Nos níveis correspondentes à matéria, o prisma se estreita cada vez mais, o que significa que no reino mineral não está ainda completo o domínio da alma sobre a parte superior da matéria etérica. O ápice vermelho do vértice denota que começa a manifestar-se uma fração mínima de consciência na matéria astral. São os primeiros desejos.

Muitos de nossos leitores se surpreenderão de se lhes falar de desejo no reino mineral. Contudo, os químicos sabem perfeitamente que a afinidade química é uma notória manifestação da preferência de uns elementos para com outros. Não significa isto um esboço de desejo? Um elemento, por exemplo, sente por outro uma atração tão forte que, uma vez postos em contato, abandona instantaneamente as demais substâncias com que estava combinado. Com efeito, por nosso conhecimento destas atrações ou repulsões, combinamos e decomponemos corpos químicos. A água é uma combinação de hidrogênio e oxigênio. Se introduzirmos na água um pedaço de sódio, observaremos que o oxigênio prefere o sódio ao hidrogênio, e rapidamente abandona este último para combinar-se com

o primeiro, resultando um composto denominado hidróxido de sódio, e deixando livre o hidrogênio. Se banharmos limalhas de zinco no ácido clorídrico (que é uma combinação de hidrogênio e cloro), o cloro tende imediatamente a abandonar o hidrogênio para combinar-se com o zinco, formando o cloreto de zinco, e o hidrogênio fica em liberdade. Este é um dos processos empregados para obter este gás. Assim se justifica a ação do desejo no reino mineral.

Se examinarmos agora a pirâmide que representa o reino vegetal, veremos que tem a mesma largura, não somente na parte inferior do plano físico, mas também em sua parte etérica, e observaremos que o triângulo superior que representa os desejos está muito mais desenvolvido, denotando com isso maior capacidade para utilizar a matéria astral inferior. Quem tenha estudado botânica, sabe que a atração e a repulsão, ou em outros termos, as formas do desejo, são muito mais ativas no reino vegetal do que no mineral, e que muitas plantas manifestam grande engenho para conseguir seus fins, por limitados que sejam de nosso ponto de vista.

Examinando a pirâmide que representa o reino animal, notamos que a consciência deu um grande passo. Tem sua largura completa no plano físico e na parte inferior do plano astral, e só começa a estreitar-se na parte correspondente aos subplanos astrais superiores. Isto significa que o animal é capaz de experimentar por completo os desejos inferiores, mas é ainda débil a sua capacidade para manifestar desejos de ordem superior. Contudo, o animal os possui e tanto assim é que em casos excepcionais é capaz de grande abnegação e afetos elevados.

O vértice da pirâmide, pintada de verde no diagrama, denota no animal certo desenvolvimento da inteligência, e testemunha o grau de mentalidade que ele pode alcançar. Durante longo tempo se supôs que a faculdade de raciocinar distinguia o homem do animal e que este último só tinha instinto. Este conceito é errôneo, sobretudo no que concerne aos animais domésticos mais avançados. Toda pessoa que tenha possuído um cão ou gato e tenha sabido fazer-se amiga (como sempre deverá ser), haverá podido observar que estes animais têm certa faculdade de indução e dedução, conquanto mais débil e limitada do que a nossa. No que se refere aos animais em geral a figura apresentada no diagrama é de toda exata, e demonstra-nos que a faculdade de raciocinar dos animais não pode transpor os subplanos inferiores do plano mental; porem nos animais domésticos avançados, o vértice da pirâmide pode chegar até o quarto subplano do plano mental. Seu estado de consciência pode então ser expresso por um ápice, e não por uma maior ou menor amplitude da pirâmide de cor.

## CAPÍTULO IX

# OS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA NO HOMEM

Se atentarmos para a pirâmide que representa o reino humano, notaremos alguns traços particulares, pois mantém sua largura não somente no plano físico, mas também em todo o plano astral. Isto indica que o homem é já capaz de experimentar toda a escala de desejos, dos superiores aos inferiores. Na parte inferior do nível rúpico do plano mental, conserva ainda toda a sua amplitude, o que nos mostra que neste nível a faculdade de raciocinar está plenamente desenvolvida no homem. Na parte superior do plano mental, o desenvolvimento está incompleto, e aparece um novo fator na forma do triângulo azul escuro em que termina a pirâmide, o qual nos demonstra que o homem possui um corpo causal e um Ego permanente que se reencarnam. Este triângulo azul corresponde ao triângulo inscrito no pequeno círculo que figura no lado direito da lâmina III (página 19). Para a grande maioria da humanidade, o ponto característico que determina o grau de consciência alcançado nos subplanos do mental superior, apenas se sobressai do terceiro subplano, isto é, o inferior dos três. Tão só no transcurso de um gradual e progressivo desenvolvimento, pode o Ego elevar a sua consciência ao segundo e depois ao primeiro dos referidos subplanos.

Não digamos que o homem está em condições de funcionar conscientemente em tal altura. Nos tipos inferiores da Humanidade, o desejo é ainda um fator predominante, embora o desenvolvimento mental haja adiantado um tanto.

Um homem comum terá durante a sua vida uma consciência muito limitada no corpo astral, e durante o sono e depois da morte só será consciente e ativo nos subplanos inferiores do astral. Esta prolongada permanência nesse nível dura quase todo o intervalo que separa suas encarnações, e portanto, ele aproveita pouco da Vida celeste. Nesses níveis astrais, a consciência do homem está concentrada na parte inferior do seu corpo astral, e sua vida será governada sobretudo pelas sensações relacionadas com o plano físico.

No homem comum de nossa raça, a parte superior do corpo astral começa a desenvolver-se, porém vive quase por completo em suas sensações. Para ele a questão capital que rege a sua conduta, não é o justo e o razoável, e sim, o que agrada. Somente os mais cultos dentre nós começam a governar os seus desejos pelo raciocínio, e isto significa que o centro de consciência se transfere gradualmente da parte superior do corpo astral para a parte inferior do corpo mental. Pouco a pouco, e à medida que o progresso se define, o homem começa a governar-se mais por seus princípios ou ideias do que por seus interesses ou desejos.

Desenvolvimento ainda mais importante alcança o homem capaz de se servir de seus diferentes veículos, nos quais pode funcionar conscientemente. Todo indivíduo das raças superiores da Humanidade, por pouco culto e desenvolvido que esteja, tem a sua

consciência completamente desperta no corpo astral, e é perfeitamente capaz de empregar esse corpo como veículo, se adquiriu o costume necessário. Para consegui-lo, é mister certo esforço.

Os homens, em sua grande maioria, não conhecem o corpo astral nem o modo de empregá-lo, e portanto, não fazem nenhum esforço determinado para servir-se dele. Em seu passado têm uma longa sucessão de vidas em que não exercitaram as faculdades astrais, e têm se desenvolvido lenta e gradualmente dentro de uma espécie de casca, como o pinto dentro do ovo. A casca é formada pela grande massa de pensamentos egoístas em que infelizmente o homem comum se acha envolvido. Durante o sono, o homem segue geralmente o mesmo gênero de pensamentos que durante o dia o interessaram, e rodeia-se assim de um muro tão compacto, fabricado por ele, que não pode saber nada de quanto se passa no exterior. Algumas vezes, embora muito raramente, um violento impulso externo, ou qualquer intenso desejo interno, pode entreabrir por um momento o véu de trevas, de modo a permitir-lhe receber algumas impressões definidas. Mas ainda então a neblina se condensa de novo ao seu redor, e volta aos sonhos incoerentes. Todavia, esta casca pode ser modificada pelos métodos seguintes:

1º - No longínquo futuro, a lenta mas segura evolução do homem rasgará gradualmente o véu de trevas, e pouco a pouco ele será consciente da atividade e vida intensas do majestoso mundo que o rodem.

2º - Havendo adquirido um conhecimento maior de si mesmo, o homem poderá, mediante esforços perseverantes, iluminar as trevas, agindo internamente para vencer de modo gradual a inércia resultante de dilatados períodos de inatividade. Isto é, antes, uma aceleração do processo natural, o que não seria penoso se ao mesmo tempo se desenvolvessem as demais faculdades.

Mas se o homem atinge este estado de despertamento de suas faculdades sem haver adquirido antes a força necessária, bem como o conhecimento e o desenvolvimento moral apropriados, estará exposto ao duplo perigo de empregar mal estes poderes, à medida que os adquira, e de que o domine o medo causado pela presença de forças que acaso não compreenda nem governe.

3º - Também pode ocorrer que qualquer acidente ou uso ilícito de magia cerimonial rasgue o véu e o impeça de tornar a fechar-se por completo. Em tal caso, o homem se encontra na terrível condição tão bem descrita por Blavatsky em sua história: *Uma Vida Encantada*, ou por Bulwer Lytton em sua magnífica obra: *Zanoni*.

4º - Um amigo qualquer deste homem, porém mais adiantado do que ele, que o conheça perfeitamente e o creia capaz de enfrentar os perigos do plano astral, assim como de levar a cabo um trabalho útil e desinteressado, pode atuar do exterior contra esta capa de nuvens e despertá-lo com determinado propósito. Este é o despertar no plano astral, de que tão amiúda falam os nossos livros; mas o discípulo despertador assume grave responsabilidade em relação à pessoa despertada. Por isso não se decide a despertá-la senão depois de a conhecer muitíssimo bem pela intimidade do trato, e

de se convencer de que o seu pupilo possui, em certa medida, as qualidades mencionadas no Capítulo XIV do livro Auxiliares Invisíveis, de nossa autoria.

Contudo, é tão premente a necessidade de ajudar, que o aspirante pode estar absolutamente seguro de que haverá quem o desperte assim que se tenha feito merecedor disso. Os que se supuserem esquecidos, terão sempre o recurso de adotar o segundo método; mas farão bem em assegurar-se de que possuem as condições requeridas de desenvolvimento moral; do contrário, sua queda seria tão rápida quanto certa.

Pela leitura de algumas obras teosóficas, já pudemos ver que é possível efetuar-se muito trabalho, e com efeito se efetua a cada momento, antes do completo despertar do homem no plano astral. Um homem que se fixe na firme ideia de levar a cabo determinado trabalho, com segurança procurará executá-lo tão logo se desprenda do corpo físico; mas depois de executado deixar-se-á de novo encerrar em sua casca de espessa névoa, porque desde longas épocas não tem sabido tomar a iniciativa de sua ação quando funcionando fora do cérebro físico.

Muitos membros de nossa Sociedade Teosófica põem estes conselhos em prática, e esforçam-se por levar a cabo cada noite uma boa ação, quando menos. Em muitos casos, basta isto para tê-los ocupados durante o sono, mormente quando põem toda a sua energia na realização do seu desejo. Também convém recordar que não apenas durante o sono podemos prestar auxílio efetivo; em qualquer momento se pode emitir um pensamento de grande vitalidade, que jamais deixará de produzir efeito.

A diferença, entre o totalmente desperto e o que ainda não o esta, e que o primeiro não se acha mais envolvido pelo véu de trevas, ao passo que no segundo o véu se entreabre durante um momento, para fechar-se em seguida e continuar tão impenetrável como antes.

## CAPÍTULO X

### A TERCEIRA EMANAÇÃO DIVINA

Para compreender a formação da alma, é preciso considerar um novo fator, que é a terceira emanação da Vida Divina, dimanante do primeiro aspecto do Logos. Esta vida infunde no homem o “espírito que sobe ao alto”, em oposição ao “espírito da besta que desce à terra” (Ecl. 3:21). Significa isto que enquanto a alma do animal depois da morte de seu corpo se restitui à alma coletiva a que pertence, o espírito divino do homem ascende para a Divindade de que emanou.

A terceira onda de Vida está representada pela linha simples traçada no lado direito da lâmina III (página 19). Convém assinalar que esta divina projeção não se densifica nem se materializa à medida que desce no plano de manifestação. Parece não poder descer além do plano búdico, e permanecer neste à maneira de poderosa nuvem, à espera de ocasião propícia para unir-se à segunda que lentamente se eleva. Esta nuvem parece exercer uma constante atração sobre a essência monádica que está abaixo da terceira emanação divina; mas esta tem de iniciar a ação de se unir à primeira.

Um exemplo frequentemente empregado no Oriente para explicar este processo, é o da formação da tromba marinha por meio de uma grande nuvem que permanece sobre o mar, em cuja superfície se levantam e agitam as ondas. A princípio parece destacar-se da nuvem como que um cone invertido, de vapor, em forma de torvelinho, que gira rapidamente. Outro torvelinho se forma subitamente na superfície do oceano; mas, em lugar de se dissolver como um vórtice comum, forma um cone que se eleva acima da superfície marinha. Estes dois cones se aproximam com regularidade sempre crescente, até que a atração é suficientemente forte para uni-los, prontamente, numa grande coluna de água ou vapor.

As almas coletivas do reino animal projetam constantemente, durante a encarnação de cada uma de suas unidades individuais, partículas de sua substância, como as ondas transitórias na superfície do mar. E o labor de diferenciação segue o seu curso até que, num momento dado, uma das ondas se eleva a suficiente altura para que a nuvem se una a ela e ambas engendram algo que não é nem nuvem nem água, mas participa da natureza de ambas. Deste modo se desprende uma entidade da alma coletiva à qual pertencia, e desde aquele momento ela não voltará jamais àquela alma.

Toda pessoa que haja se afeiçoado a um animal verdadeiramente inteligente, compreenderá com facilidade a gênese desta individualização. Terá podido observar a intensa abnegação que o animal pode sentir por seu dono, assim como os seus contínuos esforços para adivinhar seus desejos e procurar agradá-lo. É evidente que estes esforços desenvolvem no animal a inteligência e as qualidades de afeto e abnegação. Tempo chegará em que o animal transporá o nível geral de sua alma coletiva, e largando-a subitamente, converter-se-á num veículo apto para receber a terceira onda divina. Formada a individualidade pela união das duas ondas de vida,

prosegue a sua evolução peculiar, que de novo a conduzirá à Divindade.

Pergunta-se-nos amiúde: se a essência monádica é de origem divina e retoma finalmente à Divindade, e se a mônada humana é a própria sabedoria e bondade quando parte para a sua longuíssima viagem através da matéria, com que objetivo efetua ela esta evolução premida de penas e sofrimentos, para regressar à fonte donde emanou? Esta pergunta deriva de má interpretação.

Quando emanou da Divindade, o que talvez impropriamente se chama mônada humana não era em realidade uma mônada, e muito menos a própria sabedoria e bondade. A diferença de condição entre a mônada considerada em seu ponto de partida e a mesma mônada em seu retorno à divindade, é exatamente a mesma que distingue a radiante massa de uma nebulosa, do futuro sistema solar. A nebulosa é sem dúvida alguma esplêndida, mas inconsciente de sua utilidade, enquanto que o sol, saído desta nebulosa por uma lenta evolução, emite vida e calor que sustentam numerosos mundos e seus habitantes.

Eis outro exemplo: O corpo humano se compõe de inumeráveis milhões de partículas tênues, e constantemente saem do mesmo, por desassimilação, algumas delas. Suponhamos que uma destas partículas pudesse empreender certa linha de evolução e converter-se, com o tempo, num ser humano. Diríamos então que por haver sido, de certo modo, humana no princípio de sua evolução, não teria ganho nada ao atingir o seu objetivo? A essência monádica atua como uma projeção de força que podemos chamar divina; mas voltará à Divindade em forma de centenas de milhões de poderosos Adeptos, capazes de se converterem em Logos.

Com a série de lâminas que figuram nesta obra, vamos tentar esboçar este maravilhoso aspecto da evolução. Se conseguirmos formar uma ideia da mudança que se opera nos diversos veículos do homem à medida que ele se desenvolve, poderemos transmitir a ideia deste processo aos que ainda são incapazes de ver por si mesmos. Há um ponto concernente à união das duas emanções divinas, que requer uma explicação preliminar.

Produziu-se uma transformação curiosa na linha de ação da essência monádica. Durante o transcurso de sua evolução pelos diferentes reinos, esta essência tem sido invariavelmente o princípio que dá às formas a sua vitalidade e sua energia, a força que atua por meio de uma forma temporária. Tem sido até o presente a dispensadora de vida, mas agora se converte em receptora.

O corpo causal é constituído pela essência monádica que formava parte de uma alma coletiva animal. Ovoide, luminoso, vivo e resplandecente, recebe de um plano superior uma luz e uma vida mais gloriosa ainda, por cujo meio a vida superior se manifesta como individualidade humana.

Segundo expliquei ao tratar do mesmo tema no *Credo Cristão*, ninguém deveria considerar indigno de tão longa e penosa evolução um objetivo que nos converterá num dos veículos da terceira emanção do Espírito divino. Convém recordar que se este veículo não houvesse sido preparado para servir de laço de união, a imortalidade individual do homem jamais seria realizada. Nem um resquício da obra realizada no transcurso das idades é inútil nem perdido. A tríada superior assim formada se converte em unidade transcendental, "não pela transformação de sua Divindade em carne, senão pela ascensão

da humanidade em Deus (*Credo de Atanásio*).

Sem este longo período de evolução, a consumação final não poderia ser alcançada, isto é, o homem não se elevaria até a Divindade, com o que o próprio Logos se aperfeiçoa, pois que volta a Ele toda a Sua progênie, sobre a qual se difundiu o Seu imenso amor, essência de Sua divina natureza, e a progênie Lho restitui.

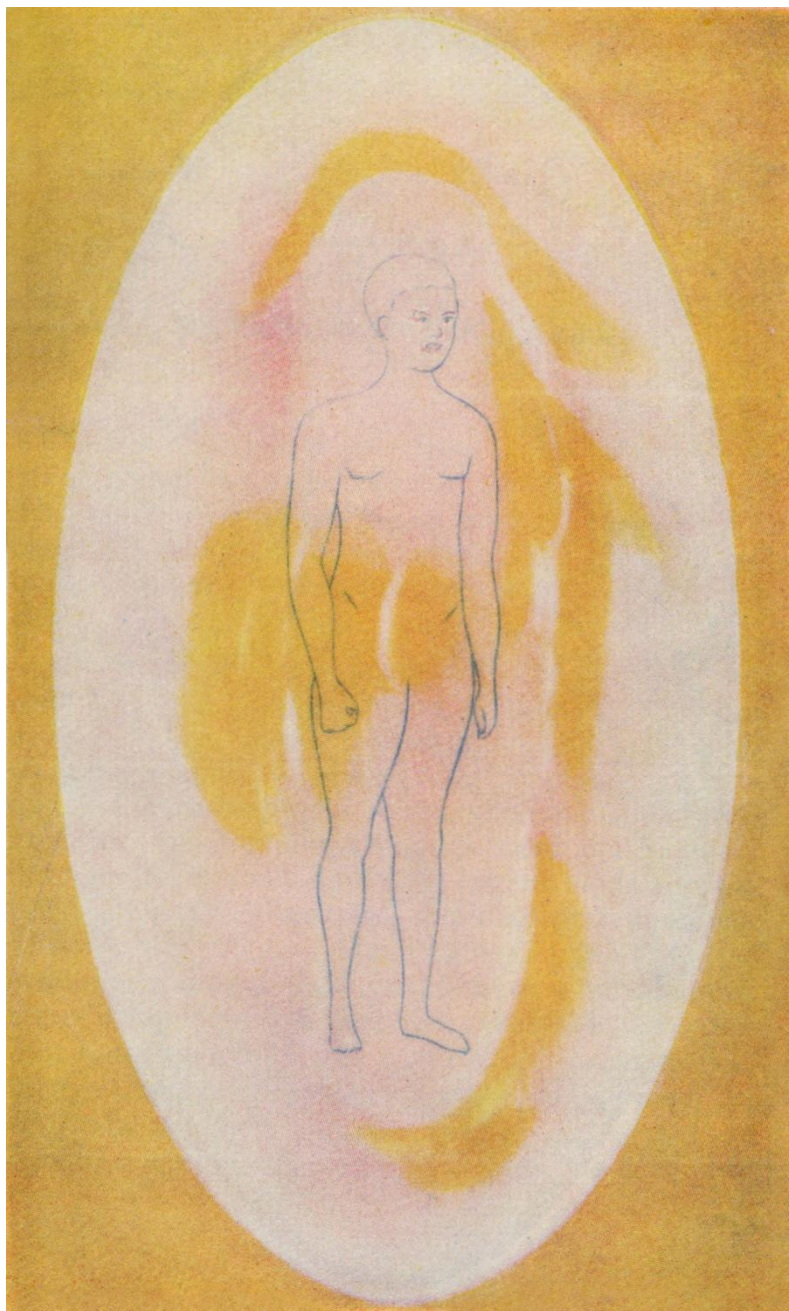
Na lâmina IV (página 23) está representada uma etapa de desenvolvimento muito superior à do homem comum, por meio da figura rômica situada à direita do diagrama, na qual vemos o homem altamente espiritual, cuja consciência é superior à causal. Um homem tal é capaz de atuar livremente no plano búdico, e a sua consciência (ao menos quando está fora do corpo) pode manifestar-se num nível ainda superior a este plano, como o indica a ponta violeta do extremo superior da figura. Neste caso particular, o centro de consciência figurado pela parte mais larga do losango, não está já localizado, como nos casos precedentes, no plano físico ou astral, mas entre o plano causal e o búdico. As partes superiores do mental e do astral estão, portanto, mais desenvolvidas que as inferiores.

A extremidade inferior do losango penetra na parte mais grosseira do plano físico, por uma estreita ponta; isto demonstra que o homem possui ainda um corpo físico para seu labor no plano correspondente, porém que seus pensamentos e desejos não estão de modo algum concentrados nele. Há longo tempo esgotou o karma que poderia ser causa de seu retorno à reencarnação, e se ainda se serve de um veículo em planos inferiores, é para trabalhar em bem da Humanidade e difundir nestes planos uma influência que de outro modo não poderia manifestar-se. É certo que há vibrações da energia divina demasiado sutis para que a elas responda a substância grosseira dos planos inferiores; mas se se expressam por meio de veículos correspondentes a estes planos, perfeitamente puros, podem manifestar-se e produzir os seus resultados.

Aos olhos do clarividente experto, um corpo causal de recente formação e pouca evolução é transparente e matizado, como uma enorme bolha de sabão. Só o pode examinar com exatidão quem tenha desenvolvido plenamente as faculdades de seu próprio corpo causal. Como dissemos, este estado do corpo causal se parece com uma bolha de sabão; é quase vazio em aparência, pois a força divina nele contida não teve ainda tempo de desenvolver as qualidades latentes para responder às vibrações do exterior, e por isso desenvolveu poucas cores. As que vemos nele provêm de determinadas qualidades previamente desenvolvidas na alma coletiva da qual este corpo causal fez parte. É com o objetivo de transmitir estas qualidades à força divina contida nas envolturas, que se põem em atividade certas vibrações correspondentes a estas mesmas qualidades. Por conseguinte, tudo o que se observa nesta forma se contrai a algumas cintilações debilmente coloridas, provenientes daquela primitiva espécie de vibrações. A lâmina V (página seguinte) representa o corpo causal de um homem primitivo. A sombra cinzenta, à esquerda do ovoide, não representa nenhuma qualidade, e realmente não deveria existir, pois só é uma ideia do artista para dar aparência esférica a esta figura.

Mesmo possuindo corpo causal, o homem dista muito de ser suficientemente consciente para receber ou responder às impressões correspondentes ao plano causal.

E como o método apropriado à evolução de suas qualidades latentes necessita das vibrações do exterior, é indispensável que desça a um nível inferior, para encontrar vibrações que o impressionem.



Lâmina V

Por isto se indica a reencarnação como método de progresso. Reencarnar quer dizer projetar nos planos inferiores uma parte de si mesmo, com o fim de realizar certas experiências, adquirir as qualidades que delas resultam, assimilá-las, e depois colher o fruto desses esforços. Com efeito, na descida à reencarnação, que se pode comparar a vestir uma roupa, o Ego espera, se as circunstâncias lhe favorecem, não só recuperar o valor de sua roupa, mas também grande parte dos juros do capital, o que sempre consegue, geralmente.

Mas assim como na aquisição de uma roupa pode fazer-se um bom ou mau negócio, ocorre que parte da nova vestimenta se afunda no lodo da matéria grosseira até o ponto de ser impossível recuperá-la por inteiro\*.

\* Veja-se a este propósito a obra *O Plano Astral*, de C. Leadbeater.

Não me é possível desenvolver aqui os numerosos argumentos a favor da reencarnação, pois se acham expostos no segundo dos manuais teosóficos\*. Na presente obra, tão só me esforço em expor os fatos tal qual os vemos. É mister atentar que o processo da reencarnação pode ser observado em todos os estados se a clarividência está suficientemente desenvolvida, e para muitos estudantes de Teosofia, a reencarnação não é uma simples hipótese, mas um fato concreto e constatado.

\* *Reencarnação*, de Annie Besant.

A alma emigra sob o impulso do que se chama na Índia *trishna*, a sede de existência manifestada, o desejo de viver. Esta sede submerge a alma no seio da matéria, define e fortalece o eu por meio do egoísmo, e apresenta-se à visão do clarividente sob um aspecto pouco invejável, representado na lâmina VII. Gradualmente, aprende que existe uma evolução mais elevada do que a resistente crosta de egoísmo, a qual foi necessária para a formação de um centro poderoso, porém que uma vez formado, constitui um obstáculo ao crescimento de tal centro, e compreende por último que deve abandonar esta envoltura. Pouco a pouco, e no transcurso de numerosas encarnações, a sua representação astral exposta na lâmina VII passa à da lâmina X, e mais tarde, à da lâmina XXIII.



Lâmina VII

Lâmina X

Lâmina XXIII

Agora trataremos de seguir o curso desta evolução e de apresentá-la em suas diferentes etapas.

## CAPÍTULO XI

### COMO EVOLUI O HOMEM

O Ego em vias de se reencarnar reveste-se primeiramente da matéria do plano mental, formando uma envoltura que é uma expressão exata, nesse plano, das qualidades anteriormente desenvolvidas. Convém não esquecer que o Ego, à medida que desce, vai se limitando cada vez mais, de sorte que em nenhum plano inferior se manifesta completamente, mas tão só expressa parte de suas qualidades. Um quadro representa em perspectiva de duas dimensões na cena que se supõe existir em três, mas as linhas e ângulos do desenho devem necessariamente diferir do espaço que representa. Igualmente, a matéria dos planos inferiores não pode manifestar perfeitamente as qualidades do Ego, pois as vibrações da matéria inferior são demasiado grosseiras e lentas para expressar com exatidão tais qualidades. A corda não tem suficiente tensão para responder aos tons altos, mas pode ser afinada de sorte a dar as notas correspondentes a uma oitava mais baixa, como um homem pode cantar em uníssono com uma criança que dê as mesmas notas com toda a exatidão possível para um organismo inferior.

Assim, pois, a cor de uma qualidade determinada no corpo causal aparecerá também nos corpos mental e astral; mas, à medida que o Ego desce, o matiz dessa cor será menos delicado, brilhante e etérico. É tal a diferença de aspecto da gama de cores em cada plano, que não se pode representá-las com exatidão. Para dar ideia disso, é necessário estabelecer gradações que definam as suas características, pois mesmo a oitava superior à física, enquanto se acha sujeita às limitações do cérebro físico, transpõe os limites de tudo quanto a inteligência possa imaginar.

As cores astrais inferiores são sombrias e embaçadas, comparadas com as tonalidades puras dos planos superiores. Mas, apesar da sua rusticidade, são luminosas e mais parecem sombrios resplendores de uma fogueira, do que cores escuras no sentido literal da palavra.

Cada vez que passamos de um estado de matéria inferior a um estado superior, observamos que este o avanta maravilhosamente na capacidade de expressar mais qualidades nobres, ao passo que escasseia a de expressar as qualidades inferiores. Por exemplo, a cor notoriamente repulsiva que no corpo astral representa a grosseira sensualidade, não pode aparecer no mental. Talvez se objete dizendo que há pensamentos sensuais; mas não é exato este conceito, porque se bem que é possível forjar uma imagem mental que evoque uma imagem sensual, o pensamento e a imagem sensual se plasmarão em matéria astral e não em mental. Esta imagem deixará assinalada a pegada de seu matiz particular no corpo astral, enquanto que no mental intensificará as cores características dos vícios peculiares da mente, como o egoísmo, vaidade e malícia, que não têm possibilidade de expressão no puro esplendor do corpo causal. Mas toda vez que o homem se deixa arrastar por tais vícios, intensificam-se no corpo astral e obscurecem o brilho das cores que representam as virtudes opostas no

causal, muito mais próximas da realidade.

As cores aparecem sempre em gama ascendente. O homem recebe uma impressão do exterior, e em resposta, desperta em si uma emoção determinada. Enquanto esta emoção persiste, a vibração que a representa predomina no corpo astral, como o demonstram as lâminas. Ao fim de algum tempo, a emoção se desvanece, e a cor que a representava se dissipa, conquanto não completamente. O corpo astral contém certa porção de matéria que vibra normalmente, segundo a velocidade especial de cada emoção, e todo estalo violento no mesmo aumenta em algo essa quantidade de matéria.

Vejam um exemplo. A maioria dos homens comuns possui certo grau de irritabilidade que se expressa no corpo astral por uma nuvem de cor escarlate. Quando experimenta uma súbita explosão de cólera, a cor escarlate invade momentaneamente todo o corpo astral, como o demonstraremos mais adiante. Uma vez serenada a crise passional, a cor escarlate desaparece, mas deixa sinais indeléveis, aumentando ligeiramente a nuvem escarlate que representa a irritabilidade, e toda a matéria do corpo astral se torna mais apta para responder às vibrações de cólera em nova ocasião. O processo é o mesmo para cada emoção, boa ou má, e deste modo vemos claramente manifestada na matéria a lei moral de que cada vez que cedemos a uma paixão, diminuimos a resistência a um novo ataque. Por outro lado, cada esforço feito para vencer a paixão, facilita a vitória sobre ataques sucessivos e nos torna mais resistentes.

As cores relativamente permanentes do corpo astral indicam a persistência de certas vibrações que com o tempo influem no corpo mental, suscitando outras vibrações análogas no causal; mas com a condição de que as vibrações originais sejam capazes de repercutir na matéria causal. Precisamente por meio de vibrações simpáticas, as nobres qualidades desenvolvidas durante a vida nos planos inferiores vão sendo assimiladas pelo corpo causal. Felizmente, tão só as emoções nobres têm eficácia no corpo causal.

Assim, pois, no transcurso de numerosas existências, o homem desenvolve muitas qualidades, boas e más. Mas enquanto toda boa qualidade se armazena no corpo causal, as más só podem manifestar-se nos veículos inferiores, e por isso são transitórias. A potente lei de justiça divina dá por herança a cada homem o fruto de suas próprias ações boas ou más. Todavia, os efeitos do mal se esgotam necessariamente nos planos inferiores, porque as suas vibrações são peculiares da matéria destes planos e não podem repercutir no corpo causal. Por conseguinte, a sua energia se atualiza por completo em seu próprio nível e reage integralmente sobre a vida astral e física do homem, seja na presente existência, seja nas futuras.

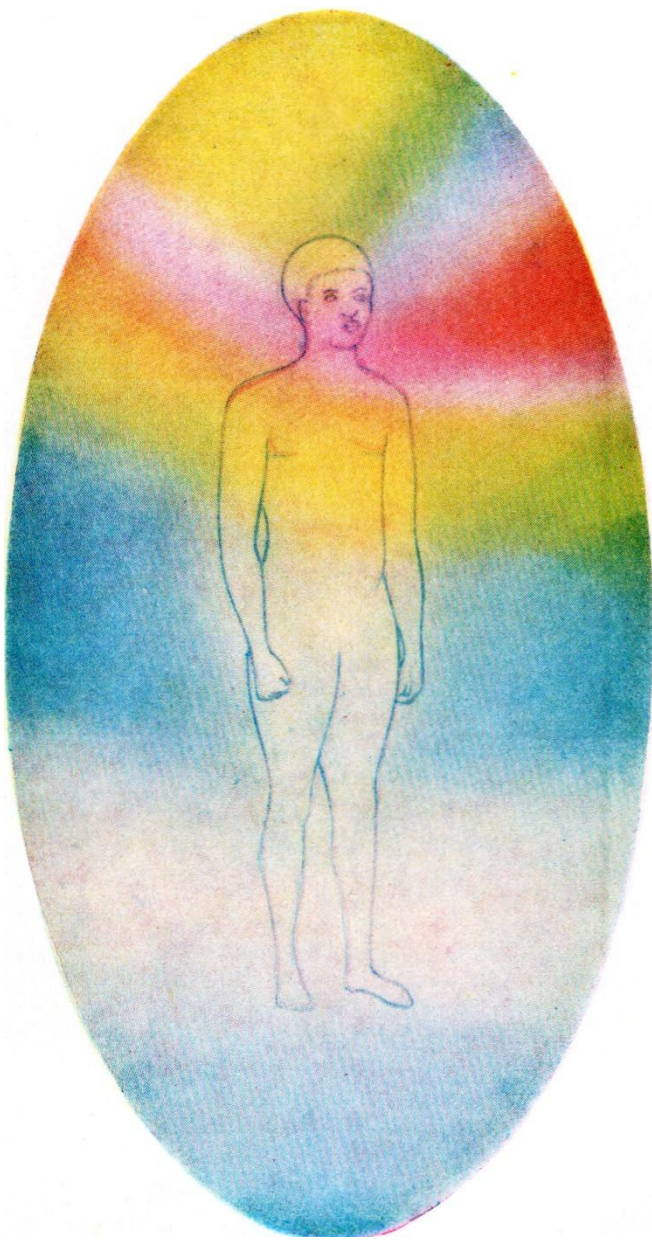
Uma boa ação ou um bom pensamento produzem também efeito nos planos inferiores, mas no corpo causal o seu efeito é permanente e elevado, com poderosa influência sobre a evolução do homem. Assim, pois, os pensamentos e atos bons ou maus produzem seus resultados na vida física, e manifestam os seus efeitos nos diferentes corpos transitórios, ao passo que as boas qualidades se conservam como definitivas aquisições do homem verdadeiro. Cada vez que o Ego se reencarna encontra-se frente ao mal, até que consegue vencê-lo e extirpar de seus corpos toda

tendência a responder-lhe, afim de que nem a paixão nem o desejo o subjuguem, mas, ao contrario, saiba governar-se em seu foro íntimo.

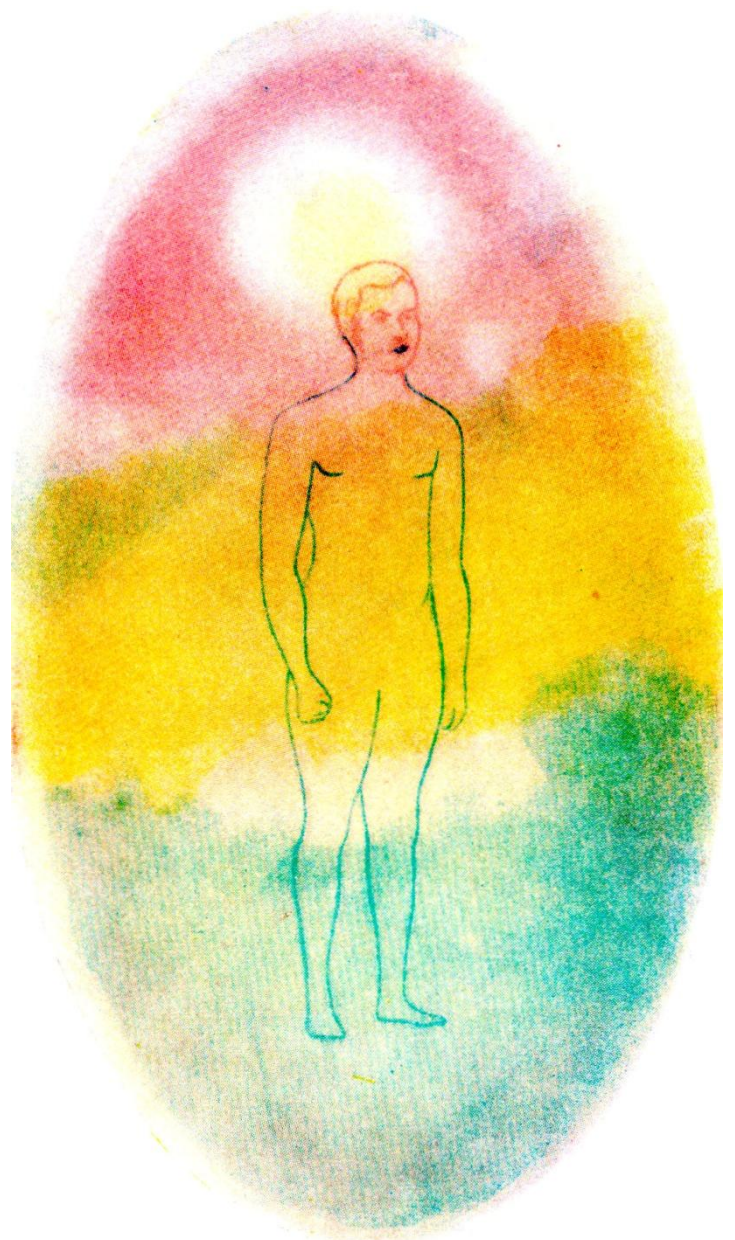
## CAPÍTULO XII

### O QUE MANIFESTAM OS DIFERENTES CORPOS

O homem aprende gradualmente a lição do que acabamos de falar; assim, as primeiras manifestações do homem inculto, nos planos inferiores, não são as mais agradáveis à vista. Não apresentamos graficamente o aspecto do homem absolutamente primitivo, porque nos ensinaria muito pouca coisa. O selvagem, cujo corpo causal está representado na lâmina V (página 35), pode possuir um corpo mental aproximadamente parecido ao que figura na lâmina VI, e um corpo astral semelhante ao desenhado na lâmina VII.



Lâmina VI



Lâmina VII

Convém ter em mente que estes corpos ocupam o mesmo espaço e se interpenetram

mutuamente. De sorte que, observando clarivamente um selvagem, veríamos o seu corpo físico envolto numa nuvem luminosa, de forma ovoide, com o aspecto figurado nas lâminas V, VI ou VII, segundo seja a espécie de clarividência empregada.

Os *sentidos astrais* só nos permitiriam ver o corpo astral desse homem. Examinando-o, conheceríamos as paixões, emoções ou sentimentos que ele experimentaria no momento da observação, assim como aquelas a que tivesse por hábito ceder.

O corpo astral é o campo em que se manifestam os desejos e o espelho onde instantaneamente se reflete todo ato sensual\* e se manifesta todo pensamento, por pouca relação que tenha com a personalidade. A matéria do corpo astral proporciona forma plástica aos tenebrosos elementais que o homem cria e atualiza com os seus maus desejos e malignos sentimentos, tanto quanto aos benévolos elementos criados pela bondade, gratidão e amor.

\* Isto é, todos os atos efetuados por meio dos sentidos físicos.

As manifestações do corpo astral são fugazes, pois as suas cores, brilho e mobilidade variam a cada momento. Um acesso de cólera encherá o corpo astral de relâmpagos de um vermelho escuro sobre fundo negro. Um terror súbito o envolverá instantaneamente de uma nuvem cinzenta, de pavorosa lividez. Contudo, este corpo astral tão instável tem momentos de relativo repouso, que nos permite observar um grupo definido de cores que conservam aproximadamente a mesma disposição. Escolhemos um destes momentos para traçar a lâmina VII (página anterior), que, como veremos mais adiante, proporciona bom número de indicações referentes ao tema que nos ocupa.

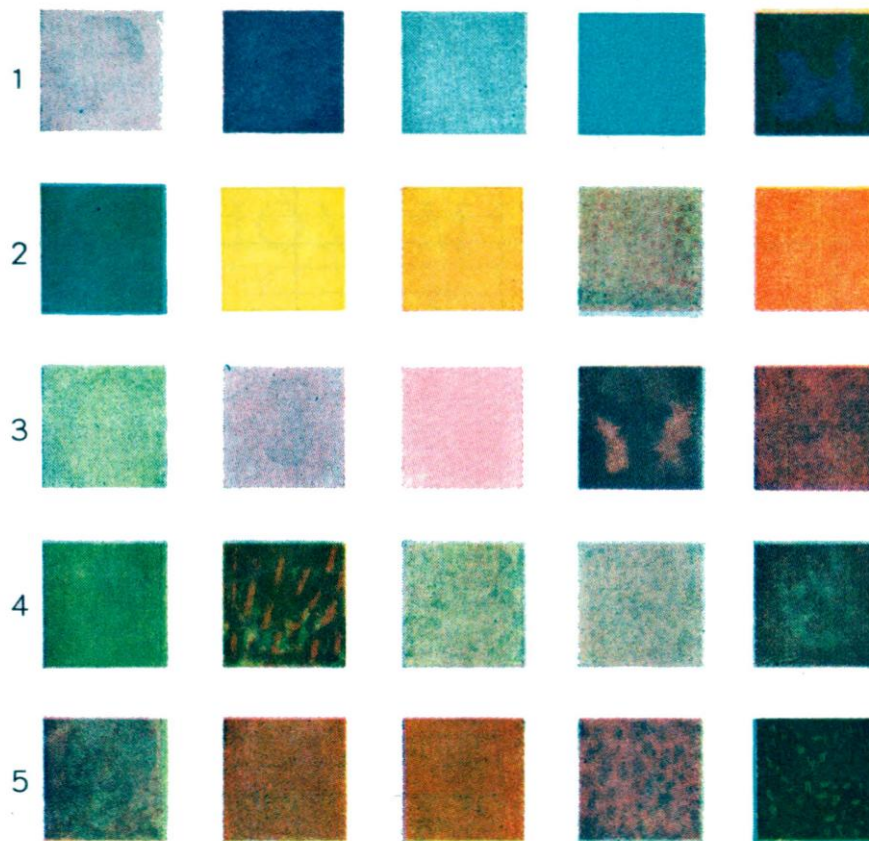
A visão mental nos permitirá conhecer o corpo mental do homem de que tratamos, segundo aparece na lâmina VI (página anterior). Comparando quanto possível as respectivas cores, o corpo mental concorda quase com o corpo astral em estado de repouso, mas é capaz de expressão mais ampla, pois nele vemos o grau de desenvolvimento intelectual e espiritual que no caso de que tratamos se reduz a bem pouca coisa, porém que mais tarde terá considerável importância, como o veremos posteriormente. O exame do corpo mental nos permite coligir a que categoria pertence o homem, assim como o uso que tem feito de sua existência até chegar ao ponto em que se encontra na encarnação atual.

A visão causal nos deixará ver o corpo causal do selvagem, e o seu exame nos mostrará o progresso realizado pelo Ego na evolução que o impulsiona para a Divindade. Vê-se, pois, que nos diversos planos onde circula a vida, o homem é um livro aberto aos olhos do clarividente hábil e capaz de empregar os diferentes graus de visão, pois nem a dissimulação nem a ficção são possíveis para ele nos planos superiores. Tal como é o homem, assim aparecerá ante o observador imparcial.

Digo imparcial, porque cada qual vê os demais por meio de seus corpos, como quem contempla uma paisagem através de um vidro de cor. Enquanto não se prevenir contra esta influência, o clarividente estará exposto a considerar as suas características pessoais como predominantes no paciente que ele observa. Bastar-lhe-á um pouco de prática e atenção para ver clara e exatamente os corpos alheios.

## CAPÍTULO XIII AS CORES E O SEU SIGNIFICADO

Para estudar conscienciosa e minuciosamente os diversos corpos, devemos familiarizar-nos com o significado geral das cores que eles representam, segundo se vê na lâmina I. Das combinações das diversas cores primárias resulta uma quase infinita variedade de cores secundárias. Procurarei apresentar o mais precisamente possível a cor exata que expressa cada emoção determinada. Não obstante, as emoções humanas não são quase nunca homogêneas, e o observador tem de classificar constantemente os matizes indeterminados e analisar os numerosos fatores de sua composição.



1. Elevada espiritualidade.	1. Devoção mesclada com afeição.	1. Dedicção a um nobre ideal.	1. Devoção pura.	1. Devoção egoísta.
2. Devoção mesclada com medo.	2. Elevadíssima intelectualidade.	2. Forte intelectualidade.	2. Intelecto de tipo inferior.	2. Orgulho.
3. Simpatia.	3. Amor pela Humanidade.	3. Afeição altruísta.	3. Afeição egoísta.	3. Afeição pura.
4. Adaptabilidade.	4. Ciúmes.	4. Trapaçaria.	4. Medo.	4. Depressão.
5. Egoísmo.	5. Avareza.	5. Cólera.	5. Sensualidade.	5. Malícia.

Lâmina I

Por exemplo, a cólera está representada pela cor vermelha escarlate, e o amor pela carmesim e pela rosa. Mas muito amiúde tanto a cólera como o amor levam profundamente marcado o selo do egoísmo, e então a cor de terra cinzenta, característica deste vício, alterará a pureza das cores respectivas, no grau em que se encontre mesclada com aqueles sentimentos. A cólera e o amor podem também mesclar-se com o orgulho, que imediatamente manifestará uma tintura alaranjado-escura. No decurso de nossa investigação, observaremos muitos exemplos de combinações semelhantes, assim como dos tons delas resultantes; mas devemos primeiramente aprender o significado das cores primárias, segundo passamos a expor em seguida.

*Preta.* As densas e negras nuvens no corpo astral denotam ódio e maldade. Quando, por infelicidade, uma pessoa cede a um acesso de cólera passional, as terríveis formas de pensamento do ódio aparecem flutuando em sua aura como as espirais de uma espessa fumaçada.

*Vermelha.* Os relâmpagos de um vermelho-escuro sobre fundo negro denotam habitualmente cólera. Com esta cor se mistura algo da cor terrosa, segundo a intervenção do egoísmo na cólera experimentada. O que amiúde se chama "nobre indignação" num indivíduo oprimido ou ofendido, pode manifestar-se por meio de relâmpagos de um vermelho-escarlate brilhante sobre o fundo normal da aura.

*Vermelha-escarlate opaca.* Esta cor, difícil de descrever, é indubitavelmente indício de sensualidade.

*Cor de terra.* A cor de terra vermelha, sem brilho, quase de mofo, denota avareza. Este tom aparece geralmente em franjas paralelas que atravessam o corpo astral, dando-lhe aspecto muito raro.

*Cinzenta.* Um tom denso, cinzento-plúmbeo, expressa profundo abatimento. Quando é habitual, costuma dar ao corpo astral um indefinível aspecto melancólico e triste. Esta cor tem de comum com a da avareza a curiosa particularidade de dispor-se em franjas paralelas. Tanto uma como a outra parecem encerrar sua infeliz vítima numa espécie de jaula astral.

*A cinzenta lívida,* tom horrível e espantoso, indica medo.

*Carmesim.* Indica amor e constitui a mais formosa de quantas cores que ao observador oferecem os corpos do homem comum, mas naturalmente varia muito, segundo a natureza do amor. Pode estar empanado, obscurecido ou acentuadamente tinto da cor opaca do egoísmo, se se trata de amor que anela correspondência, em vez de unicamente o que possa dar e dar-se todo inteiro, em voluntário sacrifício, por amor ao seu amado. Neste último caso se manifestará por uma maravilhosa cor de rosa que, quando excepcionalmente brilhante e matizada de cor lilás, denota amor espiritual pela Humanidade. São inumeráveis os matizes intermediários. De outro lado, pode estar matizado por outros sentimentos diversos, como orgulho, ciúmes, etc.

*Alaranjada:* Denota sempre orgulho ou ambição. Apresenta quase tantas variedades como a precedente, segundo o tipo de cada característica deste sentimento. Não é raro vê-la unida à irritabilidade.

*Amarela.* É uma cor de indício muito bom e denota sempre certo grau de

intelectualidade. Seus matizes são extremamente variados e às vezes demasiado complexos para admitir a mistura de outras cores. Geralmente, o amarelo é mais escuro e menos brilhante quando se aplica a inteligência, de preferência, a objetos inferiores e predominantemente egoístas. É de tom de ouro brilhante, e eleva-se gradualmente à esplêndida, clara e luminosa cor de limão, quando se dedica a inteligência a objetos cada vez mais elevados e impessoais.

*Verde.* Nenhuma cor envolve significados tão variados; portanto, a sua interpretação correta requer algum estudo. A maioria de seus significação demonstra uma espécie de *adaptabilidade*, no princípio má e falsa, mas algumas vezes boa e simpática. A verde-cinzenta é uma das variedades difíceis de descrever, a não ser pela palavra "lodoso". Denota trapaça e astúcia. Predomina no corpo astral da maioria dos selvagens; infelizmente, porém, não é raro encontrá-lo entre os homens mais civilizados, que há muito deveriam ter transposto o grau evolutivo indicado por esta cor. À medida que o homem progride, ela melhora de tom e transforma-se em esmeralda viva, o que significa versatilidade, engenho e fecundidade nos recursos, porém já sem a tendência de fazer mal uso dessas faculdades. Este tom indica o desejo de "fazer-se indispensável", não com a intenção de enganar outros e induzi-los a erro, e sim, de se fazer simpático e de obter elogios e favores. Posteriormente, à proporção que se desenvolve a compreensão, a faculdade indicada serve para ajudar os demais e conforta-los. As vezes esta cor se converte num maravilhoso verde-azulado, pálido e luminoso, de matiz delicado, como se pode ver num céu puro durante um por de sol. Então representa algumas das mais elevadas qualidades da natureza humana, como o são a profundíssima simpatia e compaixão com o poder de perfeita adaptabilidade, que só estas características podem dar. No começo de seu desenvolvimento, uma brilhante cor verde-maçã parece estar sempre acompanhada de uma grande vitalidade.

*Azul.* Um azul transparente, ainda que intenso, indica geralmente devoção. É suscetível de ser matizado pela maioria das cores que indicam as características acima mencionadas, resultando todos os matizes possíveis, desde o anil e o violeta intenso até o cinzento-azul-plúmbeo que caracteriza os adoradores de fetiches na África. As cores do amor ou medo, da hipocrisia ou orgulho, podem mesclar-se com a de devoção, e oferecem ao observador uma imensa variedade de combinações. O azul pálido, como o do ultramar ou cobalto, denota impulso para um nobre ideal espiritual; pode transmutar-se gradualmente em azul violeta brilhante, que denota elevada espiritualidade, e é geralmente acompanhado de cintilantes estrelas de ouro, indício de elevadas aspirações espirituais. Facilmente se pode imaginar a quantidade quase inumerável de combinações e modificações que podem derivar de todas estas cores, de maneira que expressem com grande exatidão as mais sutis variedades do caráter, os sentimentos mais complexos e os mais fugazes. O brilho do corpo astral em conjunto, seus contornos mais ou menos definidos, o grau relativo de radiação de seus diferentes centros de atividade, são outros tantos elementos que o observador deve ter para compreender o significado integral do que vê.

Por último, diremos que as faculdades psíquicas desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento, manifestam-se por meio de cores ultra-espectrais, de maneira que é impossível representá-las com as cores do plano físico. Os diferentes tons do ultravioleta

denotam desenvolvimento das puras qualidades superiores mais requintadas, ao passo que as tristes combinações do infravermelho revelam a perversidade do homem que se dedica às práticas perniciosas e egoístas de magia negra. O desenvolvimento oculto manifesta-se não somente pela presença na aura das cores correspondentes a este estado, mas também pelo intenso brilho dos diversos corpos, pelo aumento de suas dimensões e por seus contornos mais definidos. As lâminas em cores que seguem em continuação o demonstram com perfeita clareza.

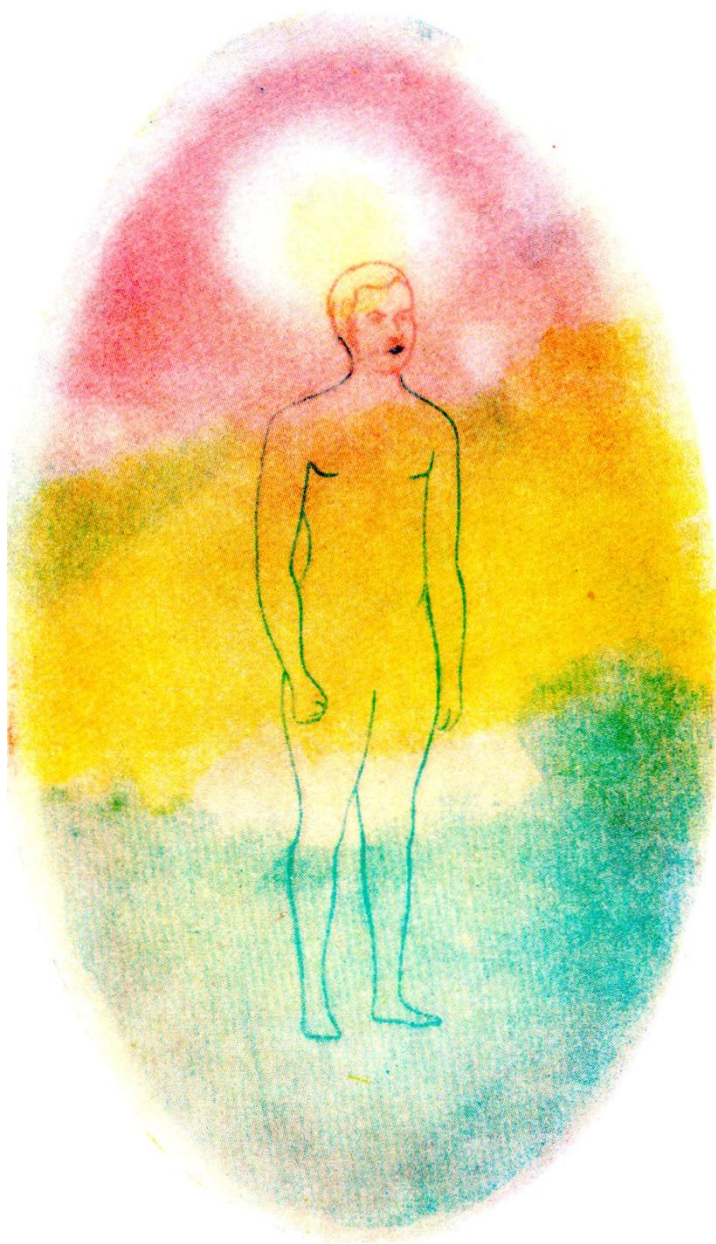
## CAPÍTULO XIV O SELVAGEM

Ocupemo-nos agora do *corpo mental* do selvagem (lâmina VI – página 40), com apoio nestes ensinamentos que, à primeira vista, podemos ver comprovados pelos fatos. Embora, no conjunto, seja um corpo mesquinho e pouco desenvolvido, demonstra que o homem realizou alguns progressos. O amarelo opaco, na parte superior, indica algo de inteligência; mas seu tom sujo denota também que se dedica exclusivamente a fins egoístas. O cinzento azulado denota devoção fetichista, temerosa e inspirada em considerações de interesse pessoal, enquanto que o carmesim lodoso da esquerda assinala os primeiros albores de um afeto eminentemente egoísta. A franja de cor alaranjada opaca denota orgulho de ordem inferior. A grande mancha escarlate expressa uma excessiva tendência à cólera, que evidentemente explode à menor contrariedade. A larga franja verde-suja, que ocupa grande parte do corpo que estudamos, denota trapaçaria, perfídia e avareza, indicada pelo tom moreno. Finalmente observamos na parte inferior do oval uma espécie de depósito lodoso, que demonstra egoísmo em geral e ausência de toda nobre qualidade. A ausência das qualidades superiores neste corpo mental nos permite prever com certeza que, se observarmos o corpo astral correspondente (lâmina VII – página 40), veremos que o seu possuidor não tem nenhum domínio próprio. Com efeito, grande parte do corpo astral está exclusivamente ocupada pela sensualidade, que se manifesta por um repulsivo vermelho terroso, parecido com o vermelho sanguíneo. É difícil reproduzir a tinteira lúgubre que caracteriza este instinto, infelizmente muito comum, exceto nos Egos mais avançados. A trapaça, o egoísmo e a cobiça se acham evidentemente neste corpo, como era de prever, e a feroz cólera se revela nas manchas vermelho-escarlate-opacas. Dificilmente se encontra neste veículo qualquer indício de afeto, e a pouca inteligência e devoção que aparecem são de ínfima ordem.

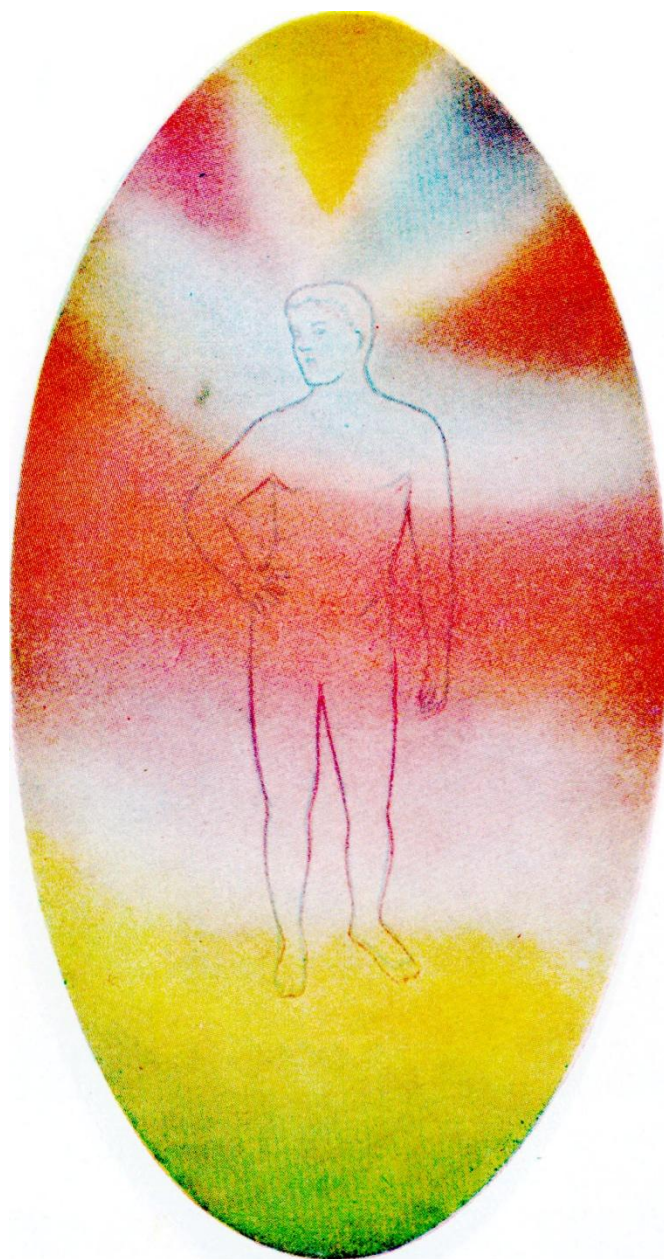
Observando a irregularidade dos contornos deste corpo astral, suas manchas e a disposição de suas cores, poderemos mais adiante compará-las com os corpos de homens mais evoluídos, e constataremos um grande progresso. As cores sempre se misturam e entre fundem; mas no homem comum propendem a dispor-se em franjas mais ou menos regulares, e o contorno do oval se regulariza e define. No selvagem sucede o contrário; tudo é irregular, porque ele cede sua resistência aos impulsos violentos e amiúde mal dirigidos. É um ser muito repulsivo; contudo, todos nós passamos por esta fase, e as experiências colhidas nos elevaram a uma condição algo mais pura e nobre.

Só algumas raças de negros inferiores e os restos da terceira raça nos oferecem hoje em dia um grau tão inferior de evolução. Chamamos indistintamente "selvagem" ao grande número de homens que, como os zulus, maoris e ilhéus do Pacífico, alcançaram já desenvolvimento considerável e se avantajam a alguns homens.

civilizados. Tendo presentes as variações individuais, o corpo astral destes selvagens relativamente superiores oferece em geral um aspecto intermediário entre os representados nas lâminas VII e X.



Lâmina VII



Lâmina X

Se desejamos formar uma ideia dos diversos corpos humanos, é indispensável não esquecermos nunca de que as partículas de matéria que os constituem estão constantemente animadas por um movimento rápido. Em alguns casos, que oportunamente mencionaremos, estes corpos apresentam franjas precisas e linhas claramente traçadas. Na maioria, porém, as nuvens de cor não se confundem, mas volteiam sem cessar umas sobre as outras, aparecendo e desaparecendo por causa deste movimento.

Em rigor, a superfície da névoa luminosa de cores brilhantes se assemelha a uma cascata e nela se vê um torvelinho de partículas, que tão rapidamente se levantam da

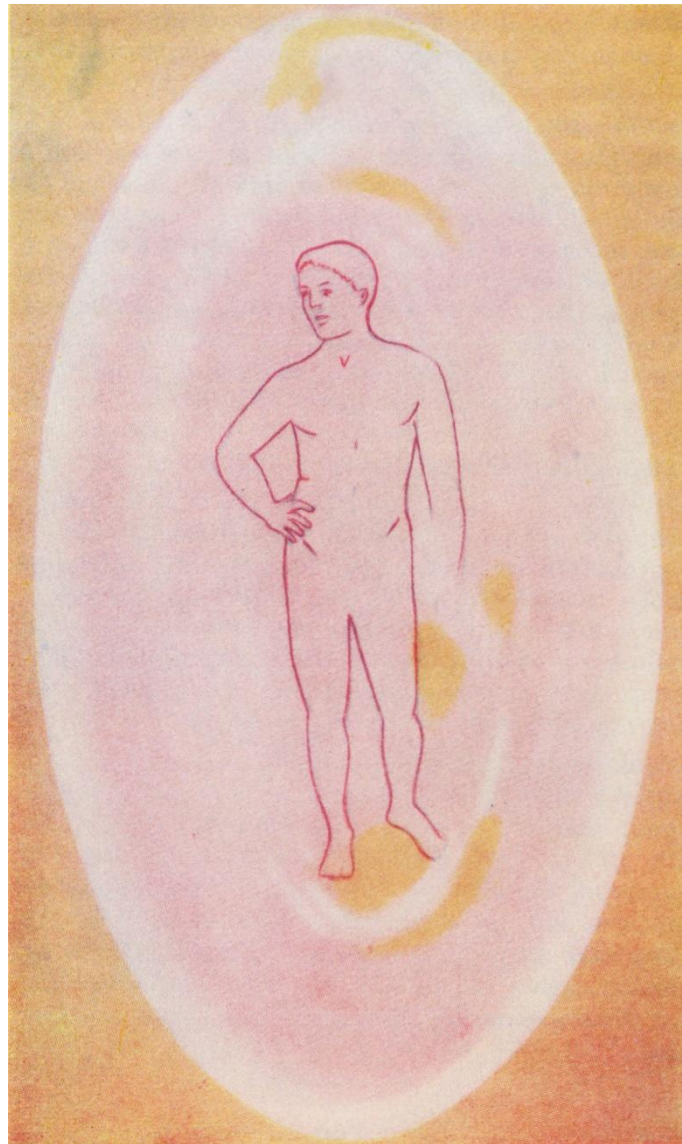
superfície como caem de novo mudando incessantemente de lugar. Assim, as diversas cores não conservam sempre as respectivas posições representadas nas lâminas VII e X, embora se movam aproximadamente na ordem indicada. A amarela, a rosa e a azul não se encontram sempre agrupadas como as representamos, mas o seu movimento é giratório, sem mover-se do vértice do oval. Sempre são vistas próximas da cabeça do corpo físico, enquanto que as que caracterizam egoísmo, avareza, dolo ou ódio tendem sempre para baixo, e as que denotam sensualidade flutuam habitualmente entre ambas.

A cada grau de vibração de que resultam as cores, corresponde uma classe distinta de matéria astral ou mental, na qual se expressam; e a posição média de cada cor, na movediça névoa da aura, depende da densidade da matéria correspondente. Toda a matéria do corpo astral, ou pouco menos, pode vibrar passageiramente a impulsos de uma súbita onda de paixão; mas voltará ao seu estado normal, exceto a porção da matéria peculiar da cólera, quando cessa o arrebatamento. Cada homem tem a sua idiossincrasia particular, e não existem dois exatamente iguais; mas cada exemplo que apresentamos assinala o termo médio de sua categoria, e as diversas cores de seus corpos aparecem na parte do oval, que ocupam em estado normal.

Nas lâminas está bosquejado o corpo físico para dar ideia de suas dimensões comparadas com as dos demais corpos. As dimensões destes variam pouco entre eles, exceto no homem sumamente desenvolvido, cujos veículos mais sutis aumentam consideravelmente, como veremos mais adiante.

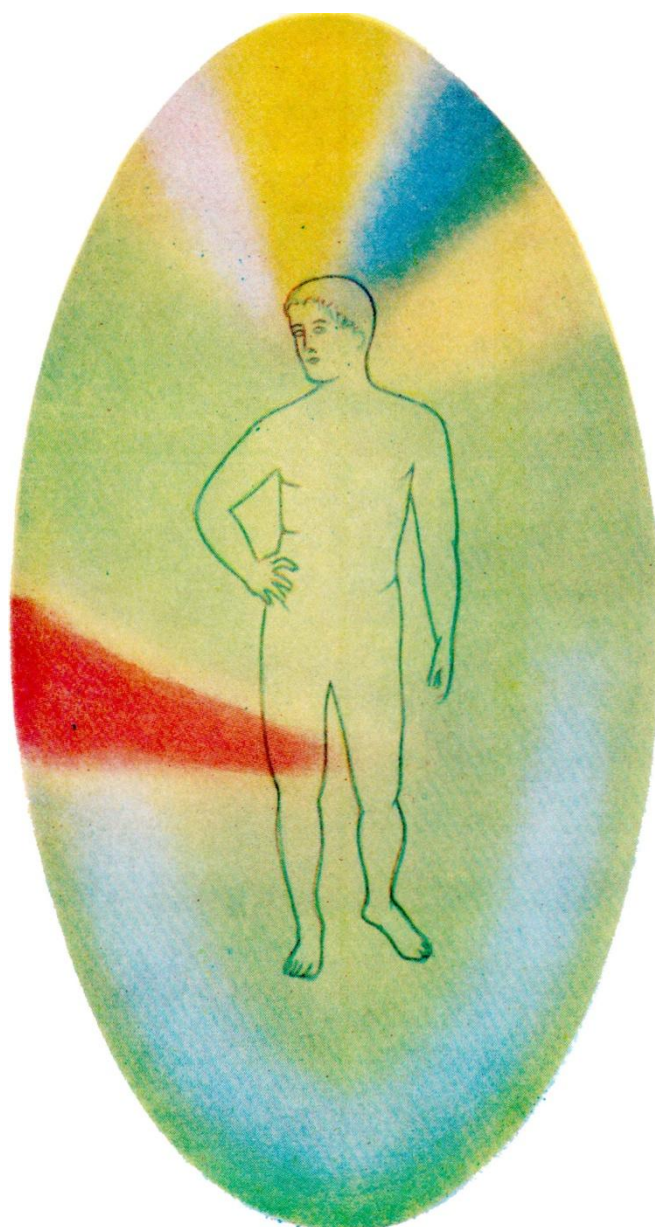
## CAPÍTULO XV O HOMEM COMUM

Deixemos agora o selvagem para examinar o homem que representa o meio termo de nossa raça e época. Vejamos os progressos que realizou em comparação aos do tipo precedente, e como se manifestam em seus diversos corpos. Para nossa análise, não tomaremos por tipo um sábio nem um santo, mas o homem comum das camadas inferiores da classe média: o abastecedor, o porteiro ou o carteiro, mas não do tipo mais ordinário, e sim, intermediário. Se com a visão apropriada do corpo causal examinarmos um homem semelhante, encontraremos nele, aproximadamente, o grau indicado na lâmina VIII. O grande oval demonstra desenvolvimento considerável e definido de seu conteúdo; e embora seja incolor em mais de sua metade, aparecem em seu interior algumas cores sumamente tênues e delicadas.



Lâmina VIII

O significado das cores é o mesmo neste plano e nos inferiores, embora neste estado indiquem qualidades positivas, adquiridas permanentemente pelo Ego. Conquanto estejam muitas "oitavas" acima das que representam as mesmas qualidades nos planos inferiores o seu exame demonstra que o homem desenvolveu já parte da inteligência superior, algo da verdadeira devoção e do amor realmente desinteressado. Seja qual for a medida em que ele manifeste estas qualidades nos planos inferiores, pertencem-lhe para sempre, como um capital permanente e qualidades intrínsecas em todas as encarnações que o futuro lhe reserva. Seu corpo causal nos manifesta também um ligeiro tom de delicada cor violeta, indício de amor e devoção capaz de se converter em um supremo ideal. Também se observa um ligeiro tom verde-claro, que representa simpatia e compaixão.

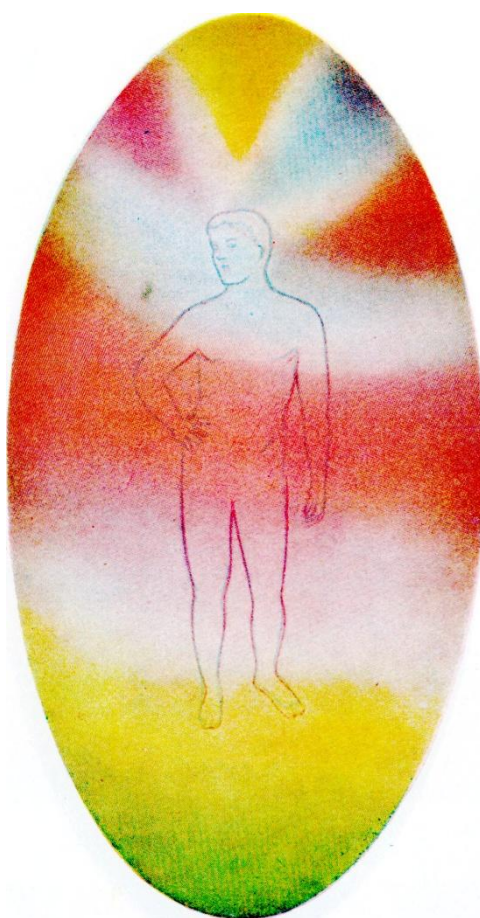


Lâmina IX

O *corpo mental* do homem comum (lâmina IX) denota considerável progresso em

relação ao selvagem. Não somente a inteligência e a devoção ocupam uma área maior, mas também ganharam consideravelmente em qualidade. E ainda que estejam longe de ser perfeitamente puras, apresentam certamente um conjunto de tons muito melhor do que o da lâmina VI (página 40). O orgulho ocupa um espaço semelhante ao anterior, mas é de natureza mais elevada. Se o homem é ainda orgulhoso, orgulha-se antes das boas qualidades que imagina possuir do que de sua superioridade física, no exercício da força bruta ou da crueldade. A cor escarlate, ainda em proporção considerável, indica propensão para a cólera; mas observar-se-á que no oval que representa o homem comum, está localizada mais baixo do que o estava no selvagem, o que demonstra melhoramento da qualidade da matéria de que está composto o seu corpo mental.

No oval do selvagem temos observado um verde vicioso, que indica trapaça aliada à avariza e ao egoísmo. As vibrações produtoras desta cor só se levantam numa matéria mais densa e grosseira do que a do escarlate, que indica cólera. Pelo contrário, o verde notoriamente mais agradável do corpo mental do homem comum transmite as suas vibrações a uma matéria um pouco menos densa do que a da cor escarlate. Daqui provém a aparente mudança das posições respectivas destas cores. O verde melhorou de tal maneira, que indica certo grau de versatilidade e adaptabilidade, mais bem do que trapaça e astúcia. A cor terrosa das tendências egoístas se encontra ainda em grande proporção no corpo mental do homem comum; mas observa-se que é um pouco mais viva e algo menos repulsiva.



Lâmina X

Na lâmina X veremos o corpo astral do homem comum, advertindo que concorda aproximadamente com o seu corpo mental, embora as cores sejam um pouco mais grosseiras e manifestem muito claramente certas paixões inexprimíveis no mental. Contudo, denota melhoramento considerável em relação ao corpo astral do selvagem (lâmina VII). Demonstra menos sensualidade, embora, infelizmente, seja ainda uma das características predominantes; mas no fundo é menos brutal e deixou de ser o tom predominante. O egoísmo continua muito acentuado, e certamente que o homem neste estado é ainda capaz de dolo para conseguir seus propósitos; mas o verde de seu veículo astral parece já se dividir em duas qualidades distintas, demonstrando que a astúcia propriamente dita se converte gradualmente em adaptabilidade.

A lâmina X representa um corpo astral de qualidade mediana entre a classe de pessoas a que pertence; indica a condição média deste corpo, ou seja, quando está em relativo estado de repouso. O corpo astral de uma pessoa comum está tão raras vezes em repouso, que formaríamos uma ideia muito incompleta dos aspectos que pode tomar, se descuidássemos a análise das mudanças que nos oferece sob a influência das impressões súbitas ou das ondas de sensação. Além disso, há certas características do espírito, mais permanentes, que modificam o corpo astral e merecem descrição à parte.

## CAPÍTULO XVI EMOÇÕES SÚBITAS

Algumas destas emoções produzem resultados muito surpreendentes no corpo astral, e merecem estudo atento.

Por exemplo, a lâmina XI expressa os efeitos produzidos durante um transporte súbito de afeto vivo e perfeitamente puro, como quando uma mãe toma o filho nos braços e o cobre de beijos. Uma viva agitação invade repentinamente o corpo astral, e durante um momento se velam as cores do seu estado normal ou de repouso. Neste caso, como em todos os seguintes, o corpo astral da pessoa comum, tal como o representa a lâmina X, serve de base para ilustrá-lo; mas vê-se muito pouca coisa dele durante o período de uma emoção momentânea. Se observarmos na lâmina XI a mudança efetuada, notaremos que consiste em quatro modificações distintas:



Lâmina XI

1º - Apareceram as espiriais ou torvelinhos de cor viva e de forma definida, que são duradouras e irradiam uma luz intensa que provém do interior. Cada uma delas é uma forma de pensamento, engendrado anteriormente no corpo astral, no momento de projetá-la para o objeto do afeto. Estes torvelinhos nebulosos de luz vivente são difíceis de pintar, pois sua beleza excede a toda descrição.

2º - O corpo astral está cheio de linhas horizontais de luz carmesim, animadas por vibrações ainda mais difíceis de descrever com exatidão do que as formas de pensamento, por causa da extrema rapidez de seu movimento. Não obstante, o artista acertou em expressar o efeito geral.

3º - Uma espécie de envoltura muito tênue, cor de rosa, cobre a superfície inteira do corpo astral, de sorte que todo o interior é visto através da mesma, como se através de um globo de cor. Na lâmina, percebe-se este véu somente nas bordas.

4º - Uma onda de cor carmesim envolve o corpo astral, dando de certo modo o seu tom peculiar a todas as demais cores. E aqui e ali se condensa em franjas flutuantes e irregulares, à maneira de nuvens em formação.

Este brilhante fogo artificial do plano astral só durará alguns segundos, e em seguida retornará o seu estado normal; mas cada impulso do mesmo sentimento produz seu efeito. O tom carmesim permanente da parte superior aumenta um tanto, e deixa as partículas do corpo astral um pouco mais aptas para assimilar a primeira próxima onda de afeto que se produza. Por transitório que seja um impulso semelhante, como se repete muitíssimas vezes, seus efeitos se acumulam.

Vejamos, por outro lado, como entra em ação a benéfica influência exercida sobre outra pessoa, pela irradiação das vibrações cheias de vida, amor e gozo.

## DEVOÇÃO

A lâmina XII (próxima página) é quase idêntica à XI, com a diferença de que o azul substitui o carmesim; representa o efeito momentâneo de um impulso de devoção, que envolve e transporta o místico ao estado de contemplação. A sua manifestação toma as mesmas quatro formas que temos observado no caso de um impulso de afeto. As espirais que cintilam em forma de torvelinhos, as linhas horizontais que vibram com rapidez, a envoltura exterior e as franjas nebulosas têm precisamente o mesmo significado, substituindo somente o afeto pela devoção.

Um impulso tão perfeito de devoção é bastante raro, e muito menos comum do que um impulso de amor igualmente perfeito. Algumas vezes aparece uma onda de sentimentos desta natureza, mas geralmente sem o mesmo grau de precisão, num devoto em adoração diante altar ou de uma imagem da Virgem. Geralmente, as linhas paralelas são menos regulares e acentuadas. As espirais claramente definidas da lâmina estão substituídas por amorfas nuvens azuis, que se veem amiúde nas igrejas, destacando-se lentamente como os torvelinhos de uma densa fumaça, por cima da cabeça dos fiéis.

Todavia, não se observam estas nuvens na igrejas da moda, onde os homens

pensam nas vicissitudes de sua última especulação comercial, enquanto que as senhoras se deliciam em sua mútua crítica aos vestidos. Igualmente nada semelhante se vê em certas assembleias religiosas, onde os pensamentos não se detêm humildemente na adoração e devoção, mas a arrogância e presunção pessoais transbordam do palavrório e das pomposas arengas dos oradores, assim como da atitude dos circunstantes, sempre dispostos à controvérsia e à caça de heresias. Encontra-se, pelo contrário, positiva devoção entre os dissidentes iletrados, acompanhada de hinos sentimentais, embora desarmônicos. Também se encontra algumas vezes entre pobres camponeses reunidos numa capela católica, e ainda mais amiúde entre os abnegados e devotos fiéis da Igreja ritualista. Esta devoção pode não ser inteligente, pois as grandes nuvens azuis raramente se iluminam com a débil luz dourada; mas é sincera tal qual se manifesta, e tem por efeito, indubitavelmente, realçar aqueles que a experimentam.

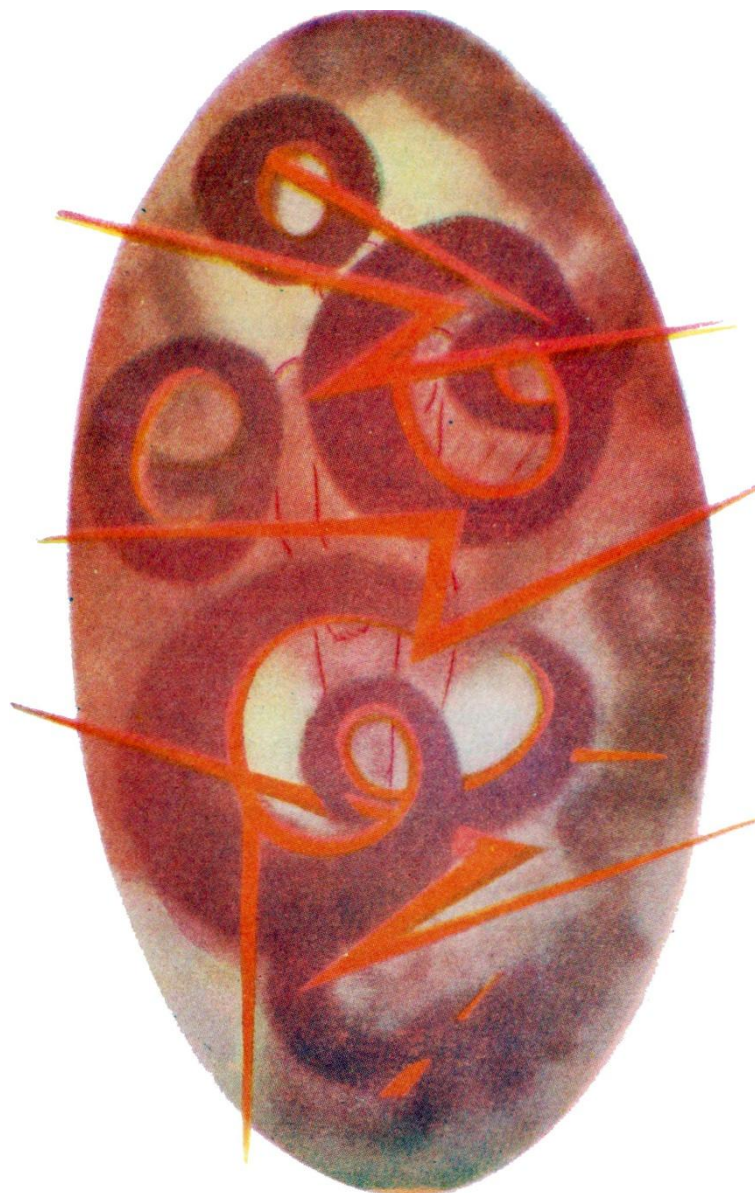
Não obstante, na grande maioria dos casos a devoção parece ser sempre vaga e mal definida, e é realmente difícil observar uma manifestação tão perfeita como a que apresentamos em nossa lâmina.



Lâmina XII

## CÓLERA INTENSA

A lâmina XIII é, talvez, a de aspecto mais surpreendente, e sem outra explicação constitui uma eloquente advertência contra a loucura e perversidade do homem que cede a um acesso de cólera. Como nos casos precedentes, o corpo astral constitui, em seu estado normal, a base momentaneamente obscurecida pela onda de paixão, e os fortes e vívidos pensamentos que neste caso se manifestam, expressam malícia e perversidade. Também se apresentam em forma de vórtices ou torvelinhos, semelhantes a pesadas massas tempestuosas de um negro de fuligem, iluminadas interiormente pelos sinistros resplendores do ódio em atividade. Nuvens lúgubres, menos definidas, arrastadas pelos vórtices, mancham todo o corpo astral, enquanto que os dardos inflamados de cólera desenfreada serpenteiam nelas como chispas de raio. Este caso é terrível, verdadeiramente horróroso, e quanto mais o examinamos, mais terrível parece.



Lâmina XIII

O caso que aqui apresentamos é o de um homem arrebatado pela ira, absolutamente fora de si, que naquele momento havia perdido todo domínio sobre si próprio e era capaz das mais atrozes crueldades. Num tal estado, pode cometer qualquer crime, ou realizar um ato tal que toda uma vida de arrependimento não poderia apagar. Embora, a rigor, a educação e o medo ao castigo o impedissem de cometer violência, os terríveis relâmpagos do ódio penetram o corpo astral dos demais à maneira de pontudos punhais, ferindo assim a todos os que o rodeiam, conquanto menos visivelmente do que se os agredisse fisicamente.

Sente-se um grande horror ao considerar que, sendo um perigo para os demais, naquele momento a paixão o domina por completo; o elemental do desejo é o dono absoluto, e o homem real perdeu temporariamente o domínio sobre o seu corpo. Nestas condições, outra vontade mais poderosa pode eventualmente apoderar-se do timão da barca abandonada, e disputar sua posse ao capitão legítimo quando torne a si; isto é, que quando o homem está arrebatado pela ira, expõe-se a ser "tomado" e obsedado por um desencarnado de natureza análoga, ou por algum elemental artificial cujas vibrações sejam sincrônicas com as que o dominam. Neste caso, não somente constitui um perigo para os seus semelhantes, mas também se acha em estado terrivelmente perigoso.

O caso que escolhemos para exemplo é raro, pois tal estado só duraria, em regra geral, alguns minutos; mas aproximadamente as mesmas características se apresentam em todo aquele que se abandona a um acesso de cólera violenta. Se soubesse sob que aspecto aparece à visão daqueles que o podem ver, quando se deixa arrastar por um acesso de cólera, esforçar-se-ia de toda maneira para evitá-lo. O arrebatamento passa, mas deixa suas pegadas.

No corpo astral da generalidade dos homens há sempre certa quantidade de cor escarlate, que denota a propensão para a cólera e irritabilidade. Cada acesso de ira acrescenta algo à matéria do corpo astral, e aumenta a sua capacidade para responder com mais facilidade que antes a estas repulsivas vibrações.

Convém também recordar que a cólera, mesmo que não seja permanente, fica registrada para sempre na memória da natureza. Embora o elemental criado pela malevolência deixe de existir depois de um lapso proporcional à intensidade do mau pensamento gerador, perdura a vivente fotografia de todos os instantes de sua vida, e os resultados de suas mais remotas ações aumentarão, com estrita justiça, a conta kármica de seu criador.

## O MEDO

Estranhos são os efeitos do medo no corpo astral. O terror súbito o invade de uma esquisita névoa cinzento-lívida, e ao mesmo tempo aparecem linhas horizontais da mesma cor, vibrando com tal violência, que mal se distingue separação entre elas. O efeito é indizivelmente pavoroso, e a pintura é incapaz de dar ideia fiel. A lâmina XIV sugere o seu aspecto quanto aos artifícios gráficos, mas não pode representar a estranha maneira como momentaneamente se desvanece toda luz no corpo, nem o

tremor indizível que move toda esta massa cinzenta, como que agitada por intenso calafrio.



Lâmina XIV

Semelhantes manifestações denotam pânico tremendo, e geralmente passam rapidamente. Um estado de medo permanente ou de extremo nervosismo se manifestará em formas muito diferentes; mas a cor cinzenta e o tremor característico são sinais invariáveis do obsedante medo.

## CAPÍTULO XVII

### CONDIÇÕES MAIS PERMANENTES DO CORPO ASTRAL

Temos tratado de descrever os efeitos imediatos de algumas emoções súbitas que afetam os corpos externos do homem, explicando que, por fugazes que sejam, não deixam de produzir no Ego resultados permanentes. Só nos falta descrever como se manifestam certas condições ou tendências do caráter, afim de ver até que ponto modificam os progressos do homem em seu caminho ascendente.

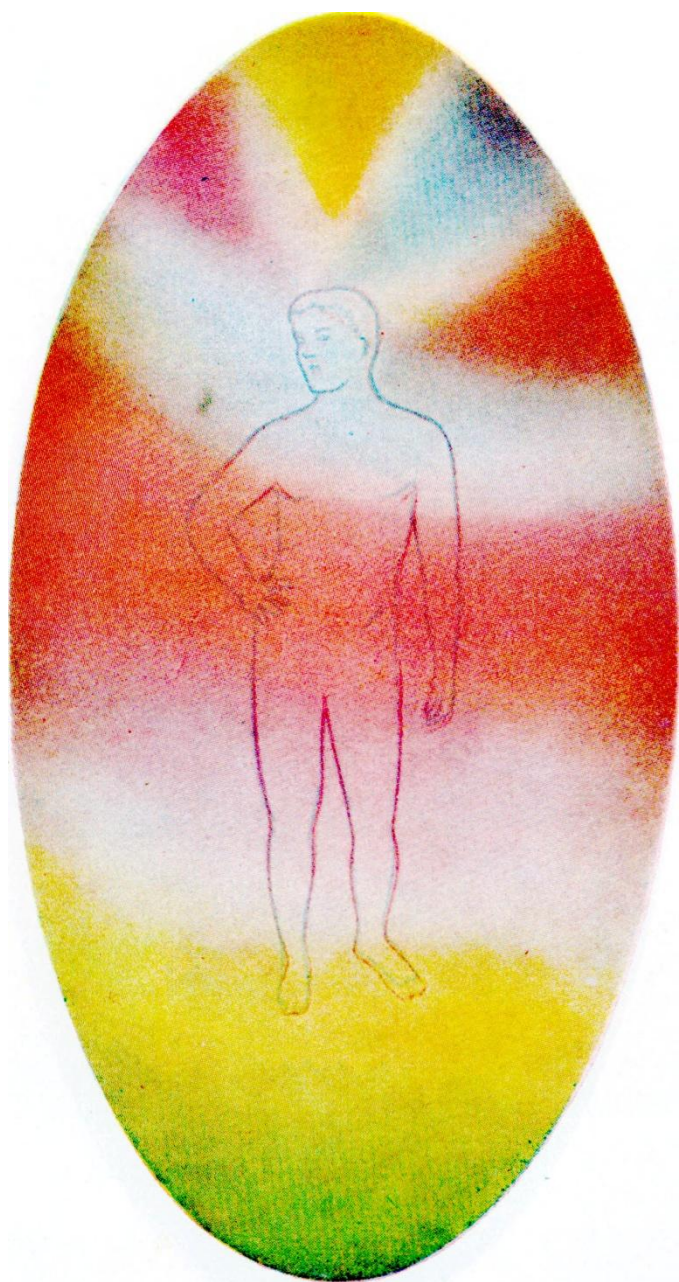
Todavia, há um estado que determina um resultado considerável na vida da maioria dos homens, e não pertence totalmente a nenhuma categoria de tais influências. Tal estado sobrevém amiúde repentinamente, e na maioria dos casos, não dura toda a vida, embora não desapareça tão rapidamente como as impressões de que falamos. De qualquer modo, na vida de um homem como o representado nas lâminas VIII, IX e X, esta impressão é geralmente o principal acontecimento, frequentemente o único deveras luminoso numa existência, por si monótona, egoísta e sem ideais. Foi a única ocasião em que este homem pôde alçar-se temporariamente, e viver durante determinado período num plano superior.

Esta súbita transformação sobrevém quando o homem "se apaixona". Para os que têm a felicidade de viver mais elevada e cultamente, é difícil notar a mudança que esta paixão opera na existência do homem comum. Os que vivem na livre atmosfera das Artes, da Música, da Ciência e da Filosofia, e os que se ocupam dos interesses do mundo em geral, e têm pensamentos habitualmente altruístas, dificilmente podem retroceder nas asas da imaginação até o grau evolutivo em que se acharam em períodos precedentes, na condição de Egos menos evoluídos, com intensa concentração em si mesmos, horizonte limitado e visão estreita e mesquinha. É evidente que a divindade reside nos Egos jovens, se bem que em estado latente, e não é raro, em ocasião oportuna, vê-los sobressair-se brilhantemente em atos de grande heroísmo ou admirável sacrifício. Mas isto não impede que tais Egos *sejam* mais jovens, e que nas circunstâncias comuns vivam a limitada vida de que temos falado.

Numa vida obscura e cheia de limitações, brilha repentinamente um raio do alto, e em resposta, a divina chispa que reside naquele ser se ilumina como viva chama. No futuro, semelhante homem poderá perder a benéfica influência e cair uma vez mais nas trevas de seus passados dias. Mas nada será capaz de lhe arrebatá-lo o benefício de haver visto as Portas de Ouro, e de haver recebido, até certo ponto, a gloriosa revelação da vida superior. Passou por uma fase em que, durante um lapso de tempo mais ou menos longo, o eu ficou destronado e outro ser ocupou o trono. Deste modo aprende pela primeira vez uma das lições mais belas de sua dilatada evolução. Transcorrerão séculos antes que possa assimilar completamente a lição; mas este primeiro vislumbre é de transcendental importância para o Ego, e os efeitos que produz no corpo astral merecem atenção especial.

Esta transformação é inesperada e completa, tal como se pode ver comparando as

lâminas X e XV. É tão extraordinária, que ambos os corpos parecem não pertencer à mesma pessoa. Pode-se ver que por momentos desapareceram algumas qualidades, e outras se vivificaram muito, ou mudaram consideravelmente suas respectivas posições.



Lâmina X



Lâmina XV

O egoísmo, a falsidade e a avareza se desvaneceram, e a parte inferior do oval se enche de grande número de paixões animais. O verde da adaptabilidade está substituído pelo verde terroso dos céus, e a extrema atividade deste sentimento se manifesta pelos brilhantes raios de cor escarlata correspondente à cólera, que se entremesclam com esta cor.

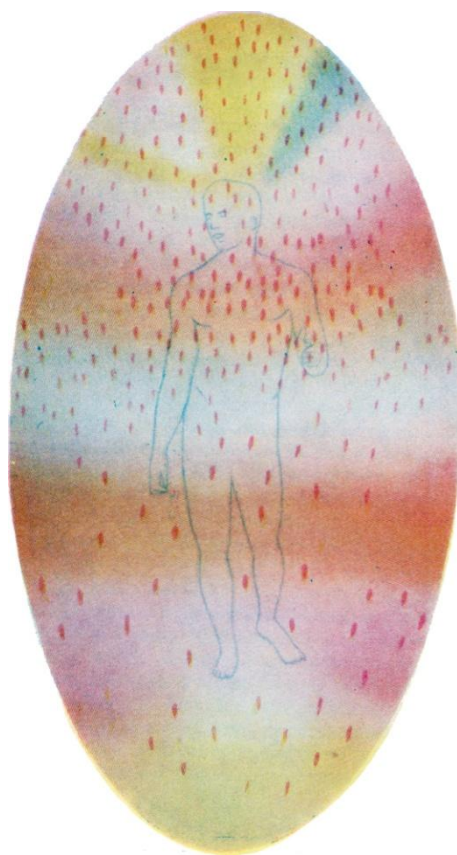
As mudanças favoráveis estão de sobra compensadas pela esplêndida franja carmesim que ocupa a maior parte do oval. Naquele momento, esta é a característica dominante, e o corpo astral resplandece por completo com a sua luz. Sob sua influência, desapareceu o aspecto geral terroso do corpo astral em seu estado normal,

e tanto as boas como as más cores são agora brilhantes e claramente definidas. Há, neste caso, uma intensificação da vida em determinadas modalidades.

Observar-se-á também que o azul da devoção melhorou notavelmente, e tal foi o progresso realizado, que um pálido tom violeta aparece no alto do oval e indica a capacidade de responder a um ideal realmente elevado e altruísta. Por outro lado, o amarelo do intelecto desapareceu completamente, e um espírito burlão diria que a estupidez é a característica de tal estado.

Difícilmente parece possível que depois deste brilhante estado possa o homem cair de novo na condição representada na lâmina X. Contudo, assim sucede na maior parte dos casos; mas ainda então, o carmesim aumenta consideravelmente, e sua cor é mais viva do que antes. A experiência de um verdadeiro amor é evidentemente muito vantajosa para o Ego, que assim progride positivamente, embora possa ser acompanhada de muitas coisas pouco desejáveis. A afeição intensa e desinteressada que algumas crianças sentem por outras de mais idade, é um poderoso fator para o seu progresso, pois que, estando este afeto livre de toda relação com a natureza animal inferior, é para elas um benefício efetivo. Sucede o mesmo com as flores das árvores frutíferas: sua forma, amiúde muito bela, não tem utilidade aparente, mas seu objetivo é atrair a seiva que produzirá o futuro fruto.

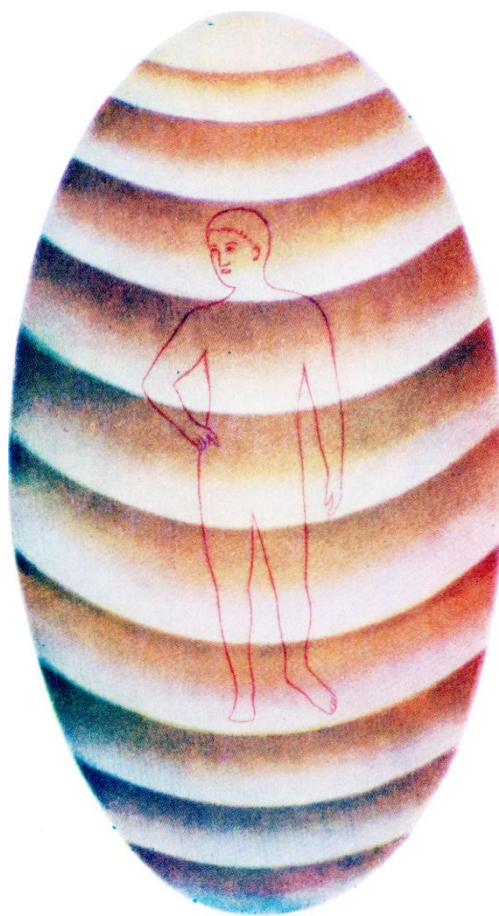
## O IRASCÍVEL



Lâmina XVI

Vamos examinar como se expressam no corpo do homem certas peculiaridades de caráter. O caso de homem irascível é um exemplo adequado. Do modo como o podemos ver na lâmina XVI, há em seu corpo astral, habitualmente, como nota dominante, uma larga faixa escarlate. Mas o que especialmente o diferencia dos demais homens, é a presença, em todo o corpo astral, de pequenas manchas flutuantes da mesma cor escarlate, um tanto parecidas em sua forma a pontos de exclamação provenientes de pequenos acessos de cólera provocados pelos miúdos desgostos que constantemente ocorrem no curso normal da vida. Cada vez que uma pessoa sofre uma contrariedade, por exemplo, ao encontrar o café frio, ao perder o trem, ou ao entornar uma criança o tinteiro, o homem irascível deixa escapar uma exclamação de impaciência ou de cólera, e um pequeno relâmpago escarlate revela o seu indômito sentimento. Em certos casos, estes leves impulsos de um temperamento indisciplinado se dirigem para a pessoa merecedora da repreensão; mas em muitos outros casos, permanecem simplesmente flutuando, suspensos na matéria do corpo astral, e apresentam o aspecto estampado na lâmina pré-citada. Estas manchas se enfraquecem gradualmente, porém, logo outras as substituem, pois ao homem irascível jamais faltam motivos de enfado.

## O AVARENTO



Lâmina XVII

Outro espetáculo surpreendente, embora, por felicidade, menos comum, é o representado na lâmina XVII. O fundo difere um pouco do corpo astral comum, mas nota-se a ausência total da devoção e alguns afetos muito inferiores ao normal. A avareza, o egoísmo, a malícia e a adaptabilidade, ou melhor, a astúcia, são intensas, mas de outro lado, há muito pouca sensualidade. Todavia, a característica mais notável se encontra na curiosa série de linhas paralelas, quase horizontais, que atravessam o oval e causam a impressão de que o homem está encerrado numa jaula. Estas linhas de cor opaca, quase de folhagem tismada, estão unidas e claramente assinaladas em suas bordas superiores, porém fundem-se em baixo, numa espécie de nuvem. Este é o exemplo da avareza caracterizada, tirado de um caso extremo e naturalmente pouco comum. Mas grande número de pessoas, ao que parece, tem em sua natureza alguns elementos do avarento, e os manifesta por uma intensificação da cor da avareza, ou por uma ou duas destas linhas na parte superior do corpo astral. O tipo selecionado como exemplo é excepcional, e raras pessoas estão completamente dominadas por este vício. Enquanto o vício persiste, parece ter por efeito a paralisação de todo desenvolvimento, e é muito difícil desfazer-se dele uma vez tenha dominado a personalidade.

#### ABATIMENTO PROFUNDO



Lâmina XVIII

Sob muitos aspectos, o corpo que se vê na lâmina XVIII se assemelha ao precedente. Não obstante, temos aqui linhas de um cinzento opaco em lugar das linhas terrosas, e o efeito global, do ponto de vista do observador, é indescritível pelo seu ar triste e deprimente. Neste caso, parece que não está ausente nenhuma qualidade, e temos por base as cores comuns do corpo astral, mas todas veladas por linhas carregadas de profunda tristeza. A lâmina representa uma pessoa dominada por um acesso de extremo abatimento, embora haja grande número de graus intermediários entre o exemplo escolhido e o representado por um corpo astral em estado normal. Pode não haver mais do que algumas das linhas que caracterizam o abatimento, e ainda podem ser transitórias, ou, em casos não tão determinados nem persistentes, a espessa nuvem apenas tem o tempo necessário para ordenar-se em linhas. Não obstante, são muitas as pessoas que se abandonam a estas emoções e se deixam envolver na nuvem do desespero, de sorte que o mundo inteiro lhes parece coberto de um véu de negrume. Não percebem que com esta atitude retardam seriamente a sua própria evolução, perdem a oportunidade de muitas experiências aproveitáveis, e assim causam, sem necessidade, injustiças e sofrimentos a todos os que as rodeiam.

Não há estado psíquico mais contagioso. Suas vibrações irradiam em todas as direções, e seus dissolventes e funestos efeitos penetram em todos os corpos astrais que se lhe aproximam, quer pertençam a um encarnado ou a um desencarnado. O homem que deste modo se entrega ao desalento, é um perigo tanto para os vivos como para os mortos, pois nestes tempos de nervosismo e especulações intelectuais, a maior parte das pessoas dificilmente resiste ao contágio destas tristes vibrações. Só está ao abrigo de tão terríveis influências quem compreende o porquê da vida e a encara do ponto de vista filosófico e prático, capacitando-se de que tem o dever de ser feliz, por ser essa a vontade do Logos.

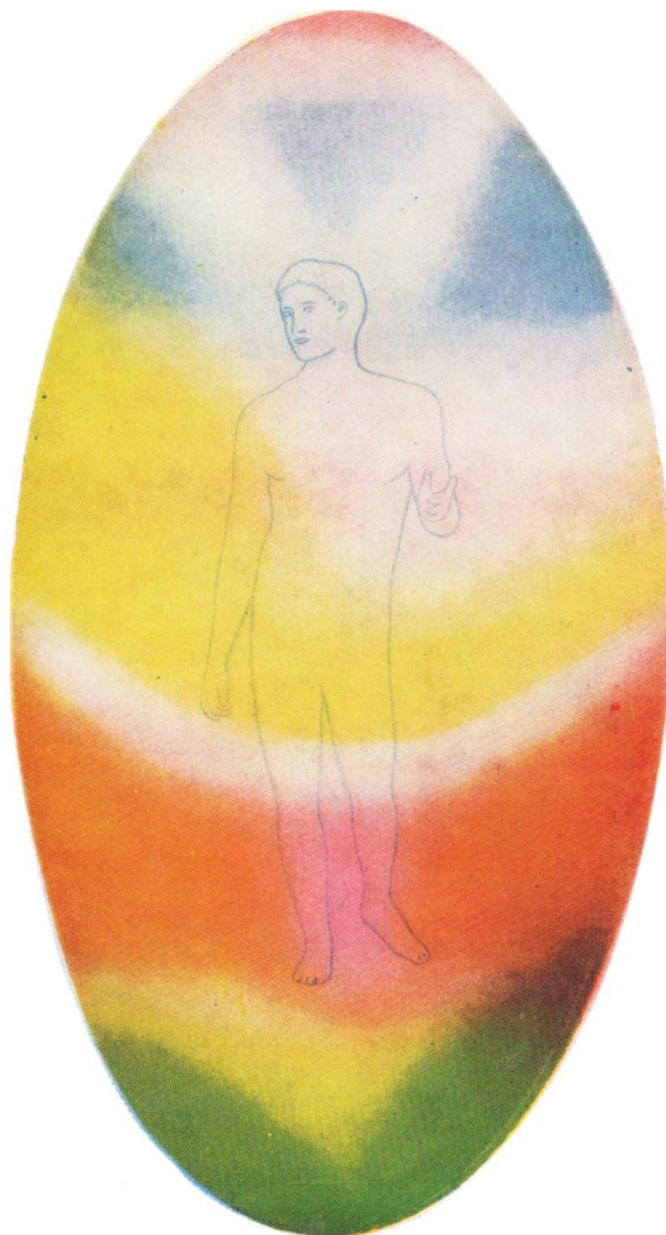
O estudante de Teosofia deveria distinguir-se dos demais pela perfeita serenidade com que tem de afrontar todas as dificuldades, assim como pelo gozo radiante que experimente ao ajudar os demais. Felizmente, podemos estar rodeados de boas influências, do mesmo modo que o podemos estar das más. E o homem suficientemente sábio para ser feliz se converterá num centro de felicidade para os demais, num verdadeiro sol que irradie luz e alegria ao seu redor, na medida em que lhe permitam as suas oportunidades, num colaborador d'Aquele que é o manancial de toda a felicidade. Assim, pois, todos nós devemos contribuir para o desaparecimento das tristes linhas do abatimento, a fim de que o Ego, seu prisioneiro, fique livre na esplendente luz do amor divino.

## O DEVOTO

Para terminar o estudo dos diversos aspectos do corpo astral, será conveniente examinar dois tipos bem diferentes, de cuja comparação teremos muito que aprender.

O primeiro está representado na lâmina XIX, e poderíamos dizer que corresponde ao devoto. As cores de seu corpo astral nos demonstram as suas características particulares. Vemos que possui algo, embora pouco, da cor violeta-pálida, que indica a possibilidade de ser atraído por um elevado ideal. A nota dominante deste tipo é um

desenvolvimento pouco comum da cor azul, indício de uma profunda religiosidade. Infelizmente só se vê uma pequena porção da cor azul-clara-pura, que representa a devoção desinteressada. Em sua maior parte, é de um tom mais escuro e barrento, que indica a existência de uma quantidade regular de desejos e interesses pessoais.



Lâmina XIX

A pequena parte de amarelo denota em nosso paciente uma inteligência demasiado limitada. A inteligência é muito necessária para cumprir devidamente os deveres religiosos e não cair na beatice. O afeto e a adaptabilidade estão muito bem representados, embora não sejam de uma ordem muito elevada. Quanto à sensualidade, sua proporção excede de muito ao termo médio, e também preponderam a astúcia e o egoísmo. É estranho que uma intensa sensualidade e um temperamento religioso se vejam tão amiúde unidos; e isto parece dar a entender que deve existir alguma relação oculta entre estes dois aspectos, ou também que ambos

constituem o temperamento de um ser que vive tão só de sensações, dominado por elas, em vez de tratar de governá-las por meio da razão. Outro ponto digno de atenção é a irregularidade na distribuição das cores e a vacuidade de seus contornos. Todos eles se entre fundem e em nenhuma parte há linhas claras e definidas. Isto representa uma característica especial, isto é, a vagueza das aspirações do devoto. É evidente que neste exemplo, como nos demais, consideramos unicamente as variações do homem vulgar. O corpo astral da lâmina XIX não é o de um devoto desenvolvido, guiado pela razão, cuja devoção seja fruto do conhecimento, senão o de um devoto vulgar e pouco inteligente.

## O CIENTISTA



Lâmina XX

O observador não pode deixar de ficar maravilhado ante o contraste que apresenta o corpo figurado na lâmina XX, em comparação com o que acabamos de descrever. As principais características da lâmina XIX são a devoção (ou um aspecto da mesma), o sensualismo e uma pequena parte de intelectualidade. No tipo representado pela lâmina XX já não há nada de religiosidade, e o sensualismo é muito mais limitado do que o é na generalidade; mas o intelecto ao contrario, esta em grau anormal. O afeto e a adaptabilidade estão debilmente representados; são de mediana qualidade e parecem eclipsados pelo desenvolvimento da inteligência. Com efeito, o tipo que examinamos não está ainda suficientemente evoluído para possuir ao mesmo tempo todas estas qualidades em seu aspecto superior. Também se observam nele, se bem que em mediana proporção, o egoísmo, a avareza e certa tendência para ciúmes. Mas a característica preponderante é a grande quantidade de amarelo dourado, que demonstra uma inteligência muito desenvolvida e, sobretudo, dirigida para a aquisição de conhecimentos. Nomeio do amarelo se eleva um grande cone de cor alaranjada brilhante, que indica a presença de uma notável quantidade de orgulho e de ambição, unidos ao conhecimento científico. Contudo, o tom particular do amarelo exclui toda ideia de envilecimento do intelecto para fins puramente egoístas.

Convém observar que o hábito da ordem no cientista influi na disposição das cores astrais, que propendem a dispor-se em franjas regulares, e os limites entre estas são mais definidos do que nos exemplos precedentes.

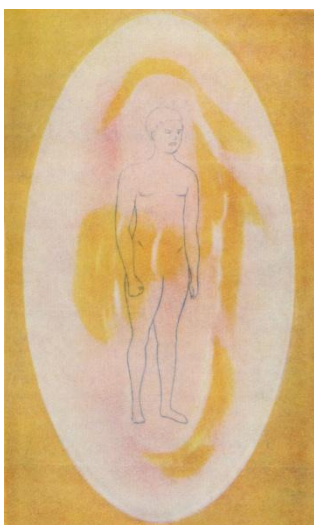
Os corpos representados nas lâminas XIX e XX correspondem, evidentemente, a dois tipos distintos de desenvolvimento; e se cada um deles tem o seu aspecto bom, também tem assinaladas desvantagens. Vamos agora examinar os veículos do homem superior, que possui em alto grau as diversas e equilibradas qualidades, de sorte que cada uma sustém e fortalece as outras, em lugar de dominá-las ou reprimi-las.

## CAPÍTULO XVIII O HOMEM EVOLUÍDO

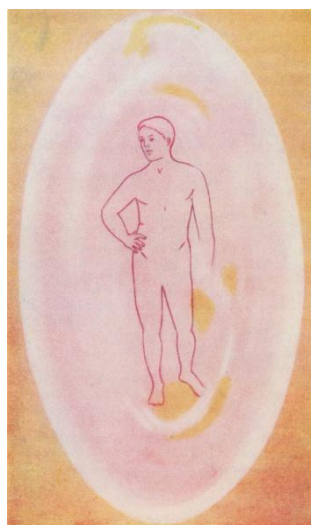
A palavra "evoluído" é relativa e convém explicar o que significa neste caso. Corpos evoluídos são os de todo homem de pensamentos puros, que resoluta e conscientemente põe seus afetos e aspirações nas coisas elevadas. Contudo, não correspondem aos de um homem muito avançado na senda que conduz ao Adeptado, tanto no concernente à intensidade como à disposição. Mas os corpos evoluídos indicam-nos que o seu possuidor investiga a verdade, eleva-se sobre os interesses terrenos e vive por um ideal. Nesta categoria, há uns mais adiantados num sentido do que no outro. O exemplo proposto é o de um homem equilibrado, no meio termo dos que chegaram ao nível de que falamos.

A lâmina XXI representa *o corpo causal*. Comparada com as lâminas V e VIII, vê-se qual foi o progresso do homem e em que aspecto se manifesta. Observamos que nele se desenvolveram belas e numerosas qualidades, pois o esplêndido e matizado globo está cheio de delicadas cores que simbolizam as modalidades superiores do amor, abnegação e simpatia, com acréscimo de um intelecto refinado e espiritual, e de constantes aspirações para o Divino. A este propósito disse eu no sexto manual teosófico, *O Plano Mental*:

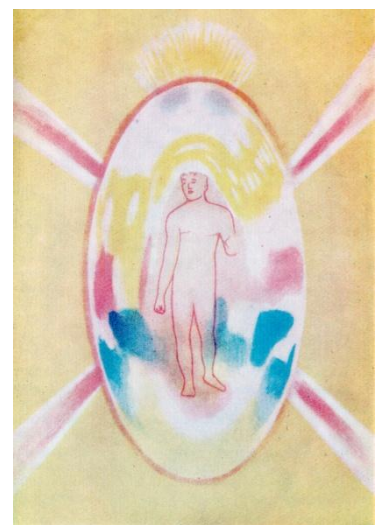
"Este corpo, de matéria inconcebivelmente tênue e imponderável, de intensa e palpitante vida, como fogo vivente, à medida que aperfeiçoa a sua evolução, transforma-se num globo de radiantes cores, cujas vibrações ondulam em cambiantes matizes desconhecidos na Terra, e de brilho, suavidade e transparência indescritíveis. Imaginai, por exemplo, as cores de um pôr de sol no Egito, e acrescentai a maravilhosa suavidade de uma noite de estio dos países do Norte. Empréstai a estas cores mais luz, transparência e esplendor, de modo que se vantagem à mais policroma pintura, e todavia, quem não as tenha visto, jamais poderá imaginar a beleza das radiantes esferas que brilham no campo visual do clarividente, ao remontar a este mundo superior.



Lâmina V



Lâmina VIII



Lâmina XXI

Todos os corpos causais deste tipo estão cheios de vivente fogo que provém de um plano superior, com o qual parece unido cada globo por fio cintilante de luz tão intensa,

que nos recorda a passagem das *Estâncias de Dzyan*: "A chispa pende da Chama pelo tenuíssimo fio de Fohat." Quanto mais cresce e se nutre o Ego do inesgotável manancial do Espírito divino, por meio do canal luminoso do qual está suspenso, mais se estende e se dilata este canal sob a ação do fluido que o inunda. Depois, no próximo subplano, vê-se como uma torrente de luz que une a terra ao céu. Mais em cima ainda, resume-se numa esfera imensa donde brotam ondas de vívida luz, como um oceano sem limites em cujo seio parece fundir-se o corpo causal: "O fio que une o Vigilante Silencioso à sua sombra, é mais forte e radiante a cada mudança. Os resplendores da aurora se converteram no glorioso esplendor do sol meridiano. Esta é a tua roda atual, diz a Chama à chispa. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti de ti e tu és meu vahan\*, até o dia do *sede conosco*, em que sejas tu mesmo e eu."

\* Veículo. N. do T.

Que de impotência sente a gente ao tentar descrever esta glória! Contudo, o artista conseguiu representar com suma habilidade o que nenhum pincel é capaz, e embora a imagem física melhor executada esteja muito longe da transcendental realidade, oferece, não obstante, um ponto de apoio que nos permite formar uma ideia da inexplicável realidade.

Uma das mais formosas características do homem evoluído é uma aptidão para canalizar a força que recebe do alto. De seu corpo causal se vê emanarem torrentes desta força em diversas direções, pois a ausência do egoísmo, sua atitude compassiva e sua generosidade permitem à força divina expressar-se nele como um poderoso manancial por cujo meio chega àqueles que não estão bastante fortes para recebê-la diretamente. Converter-se deste modo em esmoler de Deus, é um privilégio digno de nossos esforços, e está ao nosso alcance, seja qual for o grau de nossas forças.

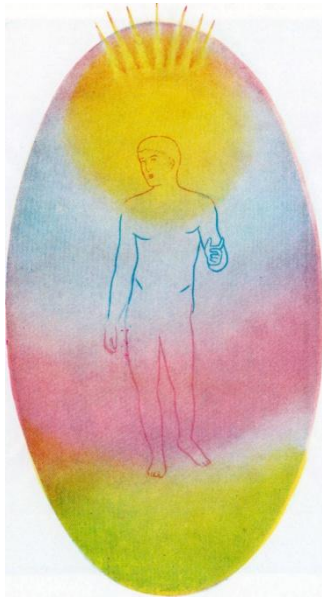
As brilhantes chispas que coroam a parte superior do oval indicam a atividade das aspirações espirituais, que aumentam em muito a beleza e magnitude do conjunto. Por humildes que sejam as ocupações do homem no plano físico, estes raios não deixam de se elevar constantemente do corpo causal, pois, quando o Ego está desperto em seu próprio plano e começa a compreender o que é, assim como a natureza de suas relações com o divino, aspira sempre pela fonte donde emanou, e permanece indiferente a quantas atividades exerça nos planos inferiores por tempo determinado. Não nos esqueçamos de que mesmo a mais nobre personalidade permanece sempre como uma débil e pobre expressão do Eu. Assim, pois, desde que homem superior começa a romper o seu próprio véu, abre-se diante dele um campo de ação quase ilimitado, um horizonte imenso, do qual não pode dar-nos ideia alguma a nossa limitada vista física.

Os pensamentos e aspirações espirituais manifestam-se no homem evoluído por meio de uma refulgentíssima auréola, que constitui o canal dispensador da energia divina, de sorte que quanto mais potentes e definidas sejam as suas aspirações, maior será a graça que receberá do alto.

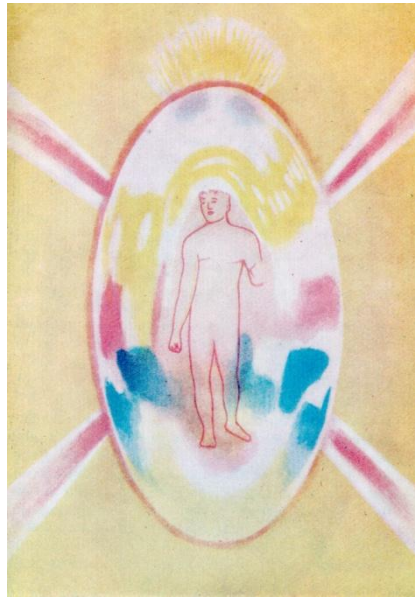
## O CORPO MENTAL DO HOMEM EVOLUÍDO

A medida que o observador estuda um ser cada vez mais elevado, não só fica

surpreendido de quanto os seus corpos se sutilizaram e melhoraram como também de quanto se assemelham uns aos outros. Admitindo entre as diversas cores pertencentes aos planos causal e mental a mesma diferença que há entre os tons da escala cromática, a lâmina XXII é quase uma reprodução da lâmina XXI, e ainda mais notável parecerá a analogia entre as lâminas XXII e XXIII.



Lâmina XXII

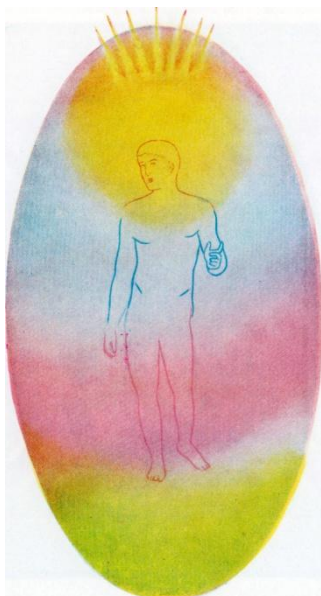


Lâmina XXI

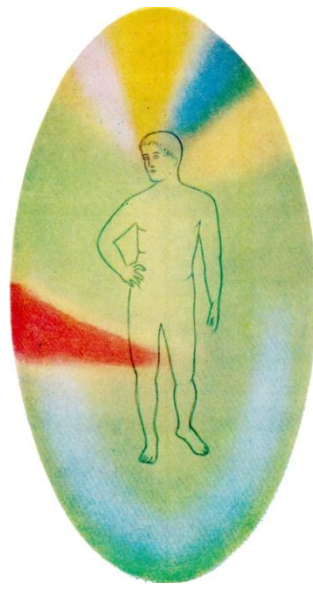


Lâmina XXIII

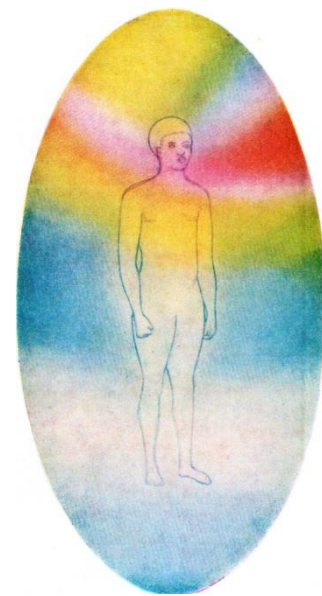
Lembremo-nos, contudo, que ao compará-las entre si, as cores astrais são de um tom inferior às do plano mental. Comparando-se as lâminas XXII IX e VI, ver-se-á que é muito notável o progresso do corpo mental desde o selvagem até o homem liberto de egoísmo. Notar-se-á que o orgulho, a cólera e o egoísmo desapareceram, e que as cores restantes não somente se intensificaram até ocupar a totalidade do oval, mas também a sua tonalidade melhorou até o ponto de causar uma impressão completamente distinta.



Lâmina XXII



Lâmina IX



Lâmina VI

Cada cor é mais harmônica e delicada, pois desapareceu todo sentimento egoísta. A estas cores se acrescenta a violeta pura com estrelas de ouro, que denotam aquisição de novas qualidades superiores. A energia que irradia do corpo causal atua igualmente através do mental, embora com menos força. O corpo mental reproduzido é de um tipo muito elevado; está bem desenvolvido e contém todas as possibilidades de um rápido progresso na Senda, quando lhe soar a hora.

## O CORPO ASTRAL

A primeira vista, o corpo astral do homem evoluído (lâmina XXIII) se parece muito com o mental, porém nada mais é que seu reflexo na matéria do astral. Esta analogia nos indica que o homem venceu já, inteiramente, os seus desejos pelo predomínio do mental, e que sua já desperta razão é capaz de resistir com firmeza ao furioso assalto das paixões. Não havendo dado ainda os primeiros passos na Senda, persiste nele a propensão para irritar-se eventualmente, ou ceder a certas necessidades imperiosas e pouco desejáveis. Mas sabe o suficiente para reprimir, quando quiser, as manifestações de ordem inferior e sustentar contra elas uma luta constante, em lugar de ceder ao seu domínio. Se bem que estes defeitos possam ainda influir temporariamente no corpo astral, não poderão produzir nele impressões duradouras, e cederão por último ante as vibrações muito mais potentes das qualidades superiores.



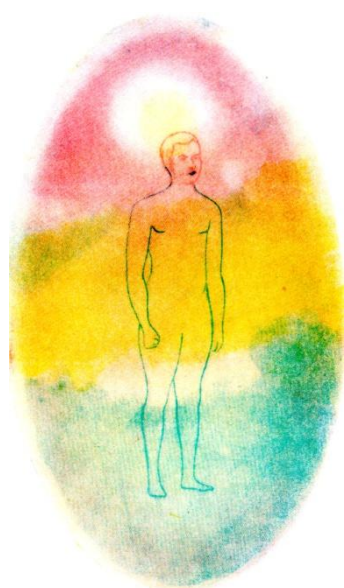
Lâmina XXIII

Nas mesmas condições, porém num estado ainda mais avançado, o mesmo corpo mental se converte em reflexo do causal; mas então, os impulsos do Eu superior são os únicos guias do homem.

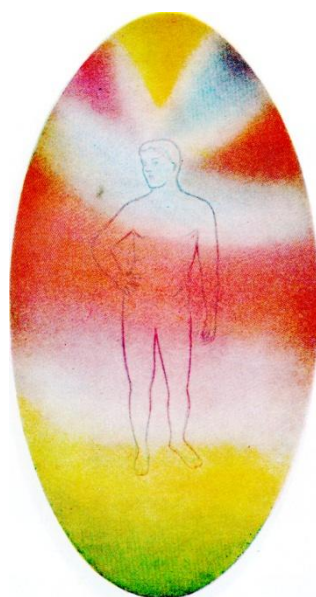
Esta lâmina explica um interessante fenômeno, relativo à cor amarela, que representa o intelecto. Esta cor se apresenta, invariavelmente, no ponto superior do oval, próximo à cabeça. Daqui o refulgente nimbo que circunda a cabeça dos santos. Com efeito, o amarelo é a cor que mais se destaca no corpo astral, e quando uma pessoa algo desenvolvida leva a cabo um esforço de qualquer natureza, seja num sermão ou numa conferência, as suas faculdades intelectuais são submetidas a uma atividade inusitada, e então se intensifica a auréola amarela. Em alguns casos que observei, esta auréola desceu aos limites da visão física, e foi percebida por muitas pessoas que não tinham outro poder visual além do próprio ao nosso plano. Nestes casos, não é que as vibrações astrais diminuam de intensidade até descer mais abaixo do grau vibratório que as separa da vibração física, senão que, pelo contrário, são cada vez mais enérgicas, até o ponto de provocar vibrações sincrônicas, mesmo na densa e grosseira matéria do plano físico. Os pintores da Idade Média, que aureolaram a cabeça dos santos, tomaram essa ideia da percepção acidental deste fenômeno, ou das tradições dos clarividentes. Recordemo-nos também de que às vezes há representada uma cruz na auréola do Cristo. Esta adição, estritamente imaginária, não é desmentida pela observação oculta, pois amiúde se tem visto que as figuras geométricas que simbolizam certos pensamentos elevados de transcendental alcance, se encontram nas auras de pessoas muito evoluídas\*.

\* Veja-se o livro *Formas de Pensamento*, de Annie Besant e C. W. Leadbeater.

O estudante tirará algum proveito comparando cuidadosamente os exemplos que apresentamos. Em primeiro lugar examinará cada corpo causal em sua relação com o corpo mental e o astral, que são suas expressões parciais, e compreenderá deste modo a relação entre os diferentes corpos. Depois, comparará os três corpos astrais das lâminas VII, X e XXIII, para notar os progressos realizados no corpo de desejos, que é o que o clarividente percebe mais facilmente, e também o único que é visível ao indivíduo dotado de desenvolvimento psíquico comum.



Lâmina VII

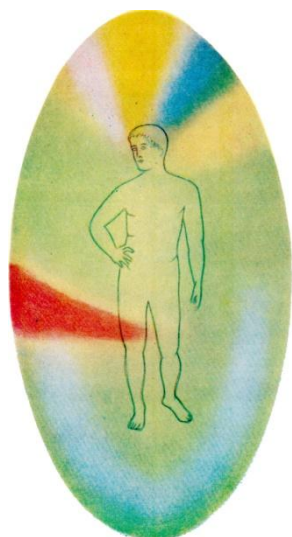


Lâmina X

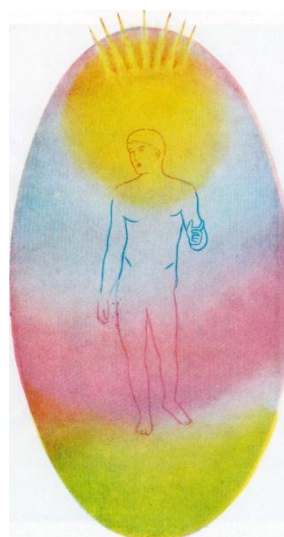


Lâmina XXIII

A mesma comparação poderá ser feita entre as lâminas IX e XXII,

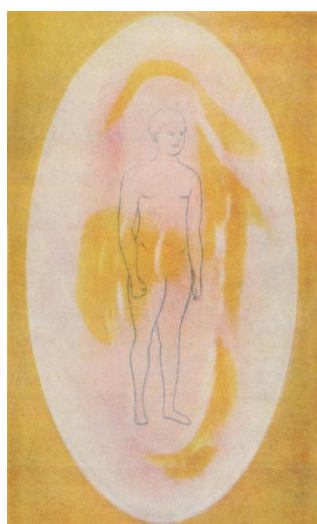


Lâmina IX

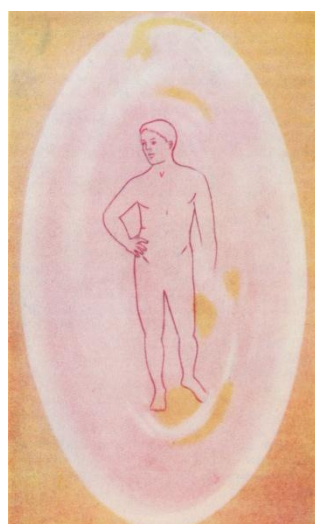


Lâmina XXII

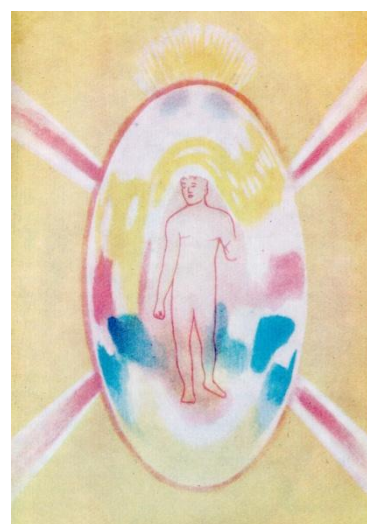
e depois as lâminas V, VIII e XXI, e servirá para comprovar os progressos do homem nos corpos superiores.



Lâmina V



Lâmina VIII



Lâmina XXI

Na literatura teosófica há muitas obras que explicam satisfatoriamente esta evolução e determinam as qualidades morais necessárias para os diversos estados. É tema de grande interesse, mas excede os limites desta obra\*.

\* Quem deseje aprofundá-lo, pode consultar as obras *Auxiliares Invisíveis*, Caps. XIV a XVI, de C. W. Leadbeater, e *No Recinto Externo* e *O Caminho do Discipulado*, de Annie Besant.

Pela leitura destas obras, o estudante poderá formar uma ideia, não apenas das condições de nosso progresso futuro, mas também do glorioso porvir que nos aguarda quando tivermos alcançado tais condições e, depois de muitas existências nesta velha mãe-terra, tivermos aprendido as lições a nós ensinadas. Então chegaremos à

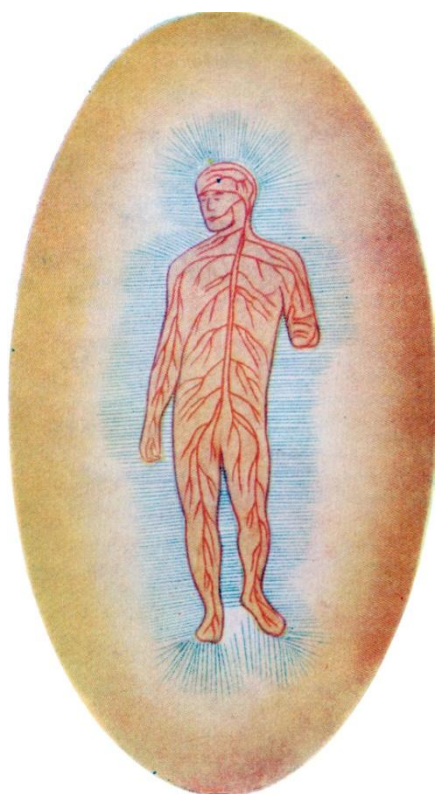
“ressurreição dos mortos”, a que com tanto ardor aspirava São Paulo, pois teremos nos libertado da morte e do nascimento, transpondo o “ciclo de necessidades”. Estaremos por todo sempre livres para auxiliar nossos irmãos e companheiros na senda que acabamos de percorrer, até que possam alcançar, por sua vez, o que para nós se converteu em luz e vitória. Esta é a mesma para todos.

Todo Ego, por jovem que seja, alcançará mais cedo ou mais tarde esta gloriosa meta. A "salvação" não é duvidosa para ninguém, pois o homem não tem necessidade de se salvar, a não ser do seu próprio erro e ignorância. Para ele não há "esperança eterna", mas eterna certeza. Todos devem alcançar esta glória, pois tal é a vontade de Deus, que com este único propósito nos fez vir à existência.

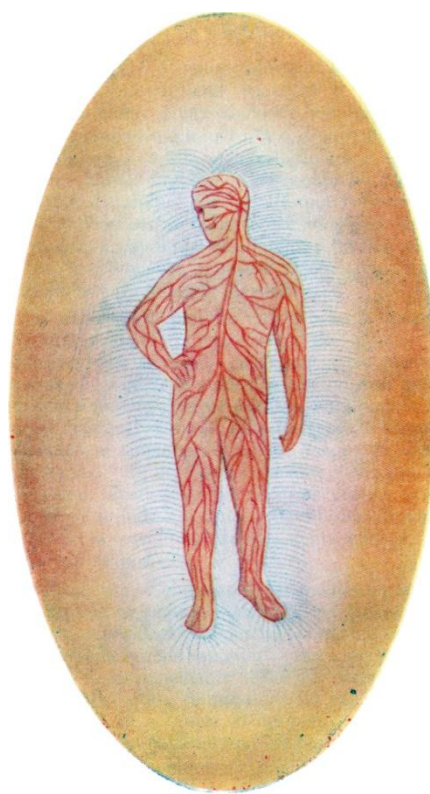
O mundo progride incessantemente, e novas forças começam a atualizar-se com a segurança de que a aurora matutina se converta em esplendoroso meio-dia. Mesmo a vista mais penetrante não descobre limite algum às perspectivas de progresso da Humanidade. Somente sabemos que o progresso conduz a indescritíveis, ilimitados e divinos esplendores.

## CAPÍTULO XIX A AURA DA SAÚDE

Até agora nos ocupamos exclusivamente das relações entre os corpos do homem e os planos superiores. No entanto, nossa exposição seria incompleta se silenciássemos a respeito da matéria física extremamente sutil que a visão do clarividente percebe formando parte da aura humana. A maior parte desta matéria é etérica, e constitui o que se chama Duplo Etérico; não de maneira alguma um corpo distinto, e sim, uma parte do corpo físico. Ao clarividente aparece como uma nuvem de vapor, debilmente luminosa, de um cinzento violáceo, que interpenetra a parte densa do corpo físico e se estende ligeiramente ao seu redor. Poderemos compreendê-lo melhor consultando as lâminas XXIV e XXV. Esta matéria etérica é o laço que une o astral ao físico, mas além disso serve de veículo à força vital no plano físico.



Lâmina XXIV



Lâmina XXV

O sol, dispensador de calor e luz, é para nosso mundo a fonte de toda a vida, e no sentido mais íntimo da palavra, é também a origem da força vital que nos inunda e enche constantemente a atmosfera terrestre. É mais ativa quando o sol brilha, e nossos corpos vivem unicamente para absorvê-la. Uma das funções da parte etérica do baço é absorver esta energia vital, especializá-la, transformá-la ao passar por este órgão, e dar-lhe um aspecto diferente.

A força vital é invisível como todas as demais; no entanto, difundida ao nosso redor na atmosfera, manifesta-se em forma de milhões de partículas tênues, incolores, mas de intensa atividade. Depois de absorvidas no organismo humano por meio do baço, as partículas tomam uma formosa cor de rosa pálida, e como os corpúsculos sanguíneos, circulam ao longo das artérias, veias e nervos, tanto na superfície como no interior do corpo. Procuramos representar em nossa lâmina o aspecto geral desta corrente, sem pretender dar ideia exata do sistema nervoso.

Não há dúvida de que essa corrente é necessária ao funcionamento regular dos nervos, pois quando deixa de atuar, não há sensação. Sabemos que o frio pode intumescer uma perna, deixando-a insensível ao tato. A razão desta insensibilidade é a carência de circulação do sangue; mas quem tenha estudado magnetismo, sabe quão fácil é produzir insensibilidade por meio de passes magnéticos, os quais não alteram a circulação do sangue, pois o membro conserva o seu calor, mas suspendem a circulação do fluido vital e o substituem pelo do magnetizador. Tanto quanto nos permite comprovar a nossa visão, os nervos permanecem intactos e em perfeito estado, mas não cumprem a sua missão transmissora, pois o fluido que os anima não está em relação com o cérebro do paciente, e sim, com o do pensador.

Num homem em perfeito estado de saúde, o baço funciona ativamente, a força vital se especializa por completo e irradia para o exterior em todas as direções. Por conseguinte, uma pessoa que se encontre neste caso, não somente é capaz, pelo uso ou não de passes magnéticos, de ceder propositalmente uma parte de seu fluido a outra pessoa, mas verte sem cessar, embora inconscientemente, vigor e vitalidade em todos aqueles que dele se aproximem. Por outro lado, um homem a quem uma enfermidade ou outro motivo qualquer impeça de especializar para seu uso uma quantidade suficiente da força vital do mundo, age, às vezes, embora inconscientemente, à maneira de esponja, e absorve o fluido já especializado de todo ser sensível que tenha a infelicidade de se achar perto dele, e amiúde com grave prejuízo para a saúde da vítima.

Muitas pessoas têm experimentado algo deste fenômeno, pois têm encontrado entre suas relações pessoas cujas visitas lhes deixaram sempre uma impressão de fadiga e inexplicável languidez, tal qual a que costumam sentir os que frequentam as sessões espiritistas, sem tomar nenhuma precaução contra a absorção de sua força vital durante as manifestações.

Esta radiação produz um efeito surpreendente na parte puramente física da aura humana. Sabido é que continuamente se eliminam do corpo humano partículas sutis de matéria densa física, seja pela transpiração, seja por outros meios. O clarividente vê numa ligeira neblina cinzenta o conjunto destas partículas que, em muitos casos, outra coisa não são senão diminutos cristais geométricos, entre os quais estão os cubos de cloreto de sódio ou o sal comum.

Esta parte puramente física, que emana do corpo do homem e o envolve por todos os lados, é a aura da saúde, pois suas condições estão determinadas pela saúde do corpo. É ligeiramente azulada, quase incolor, e parece estriada, isto é, composta de uma infinidade de linhas retas que irradiam simetricamente em todas as direções, e saem dos poros do corpo humano. Tal é, pelo menos, o estado normal destas linhas, em perfeita saúde: são

regulares, e tão completamente paralelas quanto o permite a sua radiação. Mas em casos de enfermidade, as mesmas se tomam irregulares ao redor do corpo, entrecruzando-se na mais completa desordem, ou encurvando-se como as pétalas de uma flor murcha.

É conveniente fixar-se bem neste curioso aspecto. Ao emitir o corpo são uma constante radiação de força vital, produz na aura de saúde a rigidez e paralelismo das linhas; mas tão logo cessa esta radiação, as linhas se tornam irregulares e confusas. Uma vez restabelecido o paciente, reorganiza-se gradualmente a radiação normal desta energia, e as linhas da aura retomam a ordem regular. Enquanto as linhas forem firmes e retas, e a força irradiar delas de um maneira contínua, parece estar o corpo quase por completo ao abrigo de mórbida influências físicas, como os bacilos patogênicos que a projeção da força vital repele. Mas este sistema é muito insuficiente, e é fácil aos agentes mórbidos entrar no organismo quando por qualquer motivo - debilidade causada por ferimento, lesão, trabalho excessivo ou agudo abatimento moral, ou desregramentos de uma vida irregular - é mister uma vitalidade extra para superar o dano ou perda sofridos pelo corpo, pois que neste caso há notável diminuição da energia das radiações.

Convém notar que é possível deter, por meio de um esforço de vontade, a radiação vital no limite extremo de suas linhas, e construir ali uma espécie de escudo ou capa absolutamente impenetrável aos germes patogênicos. Um esforço maior pode torná-lo igualmente impenetrável às influências elementais do plano astral, enquanto persistir o esforço volitivo.

As lâminas XXIV e XXV (página 75) representam os tipos da aura de um corpo são e de um corpo enfermo, respectivamente. Não se deve esquecer que esta aura é quase incolor. Está composta de matéria física, e não necessita, portanto, para ser vista, de uma visão tão desenvolvida quanto para a parte astral da aura. Mas nos primórdios da clarividência costuma-se perceber o corpo astral antes da aura da saúde, em razão do brilho radiante das cores do primeiro e de seu contínuo movimento.

## CAPÍTULO XX

### O CORPO CAUSAL DO ADEPTO

As lâminas deste livro serão provavelmente bastante instrutivas para aqueles que ainda não podem ver nenhum dos corpos superiores do homem, e é com esta esperança que as publicamos. Quanto às pessoas que os podem ver, mesmo reconhecendo o mérito do trabalho do artista e a sua habilidade, estarão unanimemente de acordo em que nenhum esforço humano pode estampar na tela ou papel, de maneira adequada, nem o mais ínfimo dos planos superfísicos. Se isto é assim, quanto maior não será a impossibilidade de representar a aura do Adepto, isto é, a aura do homem que não só alcançou a meta da Humanidade, porém que a transpôs e se converteu no super-humano?

As dimensões do corpo causal do Adepto cresceram extraordinariamente. Seu radiante fulgor resplandece como o Sol. Seu brilho confunde e transpõe os limites da imaginação. E tal a sua magnificência, que não saberíamos dar ideia da beleza de sua forma e de sua cor, pois na linguagem humana não há palavras que descrevam estas radiantes esferas. O corpo causal do Adepto por si só exigiria um volume, mas só alguém muito avançado na Senda poderia descrevê-lo satisfatoriamente.

Todavia, facilmente se vê que o corpo causal do Adepto não só é muito maior do que o do homem vulgar, mas suas cores estão dispostas de maneira destacada. Cessaram já de se mover qual nuvens turbulentas, e estão ordenadas em vastas divisões concêntricas, penetradas por todas as partes pelos raios de vivida luz, que brotam do Adepto como de um centro de força. A ordem das cores muda segundo a categoria a que o Adepto pertence, de maneira que se podem distinguir muitas variedades entre estes esplendentes veículos.

Parecerá estranho que, dado o caráter oculto do tema que nos ocupa, as cores não tenham sido reveladas perfeitamente pelas imagens de Buda, que se veem grosseiramente pintadas nos muros dos templos de Ceilão. Esse grande Instrutor está habitualmente representado com uma auréola, cujas cores e disposição geral seriam manifestamente impróprias e inadmissíveis, se se referissem a um homem vulgar, ou a um simples Adepto (falando com toda a reverência). Portanto, estas figuras são a pintura grosseira e material do corpo causal de um Adepto do tipo particular a que pertencia aquele grande Ser. É igualmente muito notável que os rasgos da aura da saúde estejam assinalados em algumas daquelas primitivas figuras.

Embora seja impossível pintar o corpo causal do Mestre, não será ocioso dar uma ideia aproximada das dimensões e aspeto relativos do corpo causal de um de Seus discípulos mais adiantados, que alcançou o quarto grau na Senda, isto é, o de Arhat, se se adota a terminologia dos livros orientais\*. É o que se tentou fazer na lâmina XXVI (próxima página).

\* Veja-se o livro *Auxiliares Invisíveis*, de nossa autoria.



Lâmina XXVI

Mas a imaginação do leitor deverá suprir a insuficiência desta figura por um esforço imaginativo mais intenso do que de costume. Com efeito, as cores deste corpo causal estão caracterizadas por duas qualidades opostas, que nos é impossível conciliar no plano físico. Em primeiro lugar, são notavelmente mais delicadas e cristalinas do que nenhuma das precedentemente descritas, além de muitíssimo mais intensas, brilhantes e luminosas.

Enquanto não tivermos aprendido a pintar com fogo, em vez de com cores sólidas e líquidas, permaneceremos encerrados num dilema indecifrável: se pretendemos representar a intensidade e a riqueza das tonalidades deste veículo, cairemos no pesado e opaco; se tratamos, ao contrário, de nos aproximar da admirável transparência e luminosidade do original, nossas cores carecerão por completo da maravilhosa tintura viva e da complexidade de matizes que a caracterizam. Como temos feito um esforço para dar ideia da forma ovoide e da transparência dos outros corpos causais, talvez seja melhor limitar-nos a representar a riqueza dos coloridos, disposição geral e as dimensões relativas do veículo do Arhat. Mas não conseguiremos tal resultado, a não ser reduzindo a dimensão do corpo físico, pois se nos ativéssemos às proporções adotadas precedentemente, a representação do corpo causal do Arhat ocuparia alguns metros quadrados de papel. Assim, vemo-nos obrigado a reduzir consideravelmente o desenho da forma física, afim de que o corpo causal, diminuído na mesma proporção, não exceda das dimensões de uma lâmina dupla. De qualquer

modo, a lâmina só nos pode ajudar a formar uma ideia do veículo superior do Arhat, que certamente será a mais próxima possível da realidade.

Se examinarmos a figura, nos surpreenderão logo o admirável desenvolvimento das superiores qualidades de inteligência, amor e devoção; a profundíssima simpatia, e a sublime espiritualidade que ostenta. A poderosa expansão do poder divino que observamos na lâmina XXI, se acha aqui extraordinariamente multiplicada, pois que a personalidade do Arhat se converteu num canal que pode prontamente veicular a vida e energia do Logos. Dele não só irradia a luz branca, mas também todos os matizes do arco-íris pululam ao seu redor, como os cambiantes tons multicores do nácar, de sorte que todos os que se aproximam desta aura luminosa, fortalecem as suas qualidades superiores. Ninguém pode avizinhar-se da esfera de ação de um Arhat, sem aperfeiçoar-se; ele ilumina tudo quanto o rodeia, à maneira do Sol, pois, tal qual o próprio Sol, converteu-se em manifestação do Logos.

Os corpos mental e astral que estão unidos ao veículo superior do Arhat, não têm, por assim dizer, cor própria. De certo modo, são um reflexo do corpo causal, a sua repetição em oitavas inferiores, e manifestam esplêndidos matizes, dos quais nenhuma opalescência alabastrina ou nacarada nos poderia dar ideia.

O estudo dos corpos habitualmente invisíveis do homem nos terá ensinado que o verdadeiro Eu está revestido deles, e não da aglomeração de matéria física concretizada em seu centro, e à qual, nesciamente, damos uma atenção imerecida. E convém determinar bem que em realidade não podemos perceber o homem verdadeiro, isto é, a trindade divina que está em nós. No entanto, quanto mais se aperfeiçoam a nossa percepção e o nosso conhecimento, mais nos aproximamos do verdadeiro homem que está em nós e revela o próprio Deus.

Bem: o corpo causal é o veículo superior acessível à nossa percepção, que nos dará o conceito mais exato do verdadeiro homem. Se nos colocássemos no plano mental para considerar o homem em si, não poderíamos ver naturalmente dele mais do que aquilo que se manifesta por meio do corpo mental, ou seja, a expressão da personalidade. Se o examinarmos no plano astral, vê-lo-emos mais velado ainda, sem dele descobrir mais do que o vislumbrado através do corpo de desejos. Por último, no plano físico, o verdadeiro homem está totalmente oculto.

Estes conhecimentos podem induzir-nos a sentir um pouco mais de amor para com nossos semelhantes, fazendo-nos compreender quão superiores são sempre ao que aparentam ser através de nossos sentidos físicos. Os poderes superiores estão ocultos e dormitam no íntimo de sua natureza, e muitas vezes bastaria tão só evocá-los para que despontassem de seu adormecimento e se atualizassem. Depois de havermos estudado o homem tal qual é, ser-nos-á muito mais fácil penetrar o espesso véu da matéria e imaginar a brilhante realidade que se oculta atrás dele. Nossa fé na natureza humana aumentará à medida que compreendermos melhor a sua relação com a natureza divina, e ajudaremos mais fácil e eficazmente nossos irmãos, quando estivermos bem compenetrados da certeza de que eles e nós constituímos uma só unidade.

Se a luz divina brilha mais pura em nossa frente, é a para iluminar melhor nossos

irmãos; e se ocupamos na escada do progresso um degrau elevado, é unicamente para estender-lhes compassiva mão e atraí-los para a meta que todos devem atingir. Quanto melhor compreendermos o plano evolutivo cuja manifestação acabamos de estudar, melhor compreenderemos também o verdadeiro e sublime sentido do sacrifício do Logos. E isto é tão belo, tão perfeitamente superior a tudo quanto o nosso pensamento possa conceber, que basta havê-lo entrevisto uma vez para nos entregarmos por inteiro ao cumprimento do Ato imensurável. Sem dúvida, mas aí apenas cooperamos em humilde medida nesta obra divina; que importa, porém? Quem trabalha com Deus trabalha para a eternidade e não para o tempo; e séculos após séculos, através das infinitas profundidades do porvir, nada prevalecerá jamais contra a Sua Obra.